

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Camilo Castelo Branco  
*O Esqueleto*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Camilo Castelo Branco

## *O Esqueleto*

---

Publicado originalmente em 1865.

**Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco  
(1825 – 1890)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 431**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Camilo Castelo Branco: “*O Esqueleto*”.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## BIOGRAFIA

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, no Largo do Carmo, a 16 de Março de 1825. Oriundo de uma família da aristocracia de província com distante ascendência cristã-nova, era filho de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, nascido na casa dos Correia Botelho em São Dinis, Vila Real, a 17 de Agosto de 1778, e que teve uma vida errante entre Vila Real, Viseu e Lisboa, onde faleceu a 22 de Dezembro de 1890, tomado de amores por Jacinta Rosa do Espírito Santo Ferreira.

Camilo foi assim perfilhado por seu pai em 1829, como “filho de mãe incógnita”. Ficou órfão de mãe quando tinha um ano de idade e de pai aos dez anos, o que lhe criou um carácter de eterna insatisfação com a vida. Foi recolhido por uma tia de Vila Real e, depois, por uma irmã mais velha, Carolina Rita Botelho Castelo Branco, nascida em Lisboa, Socorro, a 24 de Março de 1821, em Vilarinho de Samardã, em 1839, recebendo uma educação irregular através de dois Padres de província.

Na adolescência, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica e contatando a vida ao ar livre transmontana.

Com apenas 16 anos (18 de Agosto de 1841), casa-se em Ribeira de Pena, Salvador, com Joaquina Pereira de França (Gondomar, São Cosme, 23 de Novembro de 1826 - Ribeira de Pena, Friúme, 25 de Setembro de 1847), filha de lavradores, Sebastião Martins dos Santos, de Gondomar, São Cosme, e Maria Pereira de França, e instala-se em Friúme. O casamento precoce parece ter resultado de uma mera paixão juvenil e não resistiu muito tempo. No ano seguinte, prepara-se para ingressar na universidade, indo estudar com o Padre Manuel da Lixa, em Granja Velha.

O seu carácter instável, irrequieto e irreverente leva-o a amores tumultuosos (Patrícia Emília do Carmo de Barros (Vila Real, 1826 - 15 de Fevereiro de 1885), filha de Luís Moreira da Fonseca e de sua mulher Maria José Rodrigues, e a Freira Isabel Cândida).

Ainda a viver com Patrícia Emília do Carmo de Barros, Camilo publicou n'O Nacional correspondências contra José Cabral Teixeira de Morais, Governador Civil de Vila Real, com quem colaborava como amanuense.

Esse posto, segundo alguns biógrafos, surge a convite após a sua participação na Revolta da Maria da Fonte, em 1846, em que terá combatido ao lado da guerrilha Miguelista.

Devido a esta desavença, é espancado pelo “Olhos-de-Boi”, capanga do Governador Civil.

As suas irreverentes correspondências jornalísticas valeram-lhe, em 1848, nova agressão a cargo de Caçadores.

Camilo abandona Patrícia nesse mesmo ano, fugindo para casa da irmã, residente agora em Covas do Douro.

Tenta então, no Porto, o curso de Medicina, que não conclui, optando depois por Direito. A partir de 1848, faz uma vida de boêmia repleta de paixões, repartindo o seu tempo entre os cafés e os salões burgueses e dedicando-se entretanto ao jornalismo. Em 1850, toma parte na polémica entre Alexandre Herculano e o clero, publicando o opúsculo O Clero e o Sr. Alexandre Herculano, defesa que desagradou a Herculano.

Apaixona-se por Ana Augusta Vieira Plácido e, quando esta se casa, em 1850, tem uma crise de misticismo, chegando a frequentar o seminário, que abandona em 1852.

Ana Plácido tornara-se mulher do negociante Manuel Pinheiro Alves, um brasileiro que o inspira como personagem em algumas das suas novelas, muitas vezes com caráter depreciativo. Camilo seduz e rapta Ana Plácido. Depois de algum tempo a monte, são capturados e julgados pelas autoridades. Naquela época, o caso emocionou a opinião pública, pelo seu conteúdo tipicamente romântico de amor contrariado, à revelia das convenções e imposições sociais. Foram ambos enviados para a Cadeia da Relação, no Porto, onde Camilo conheceu e fez amizade com o famoso salteador Zé do Telhado. Com base nesta experiência, escreveu Memórias do Cárcere. Depois de absolvidos do crime de adultério pelo Juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queirós (pai de José Maria de Eça de Queirós), Camilo e Ana Plácido passaram a viver juntos, contando ele 38 anos de idade.

Entretanto, Ana Plácido tem um filho, supostamente gerado pelo seu antigo marido, que foi seguido por mais dois de Camilo. Com uma família tão numerosa para sustentar, Camilo começa a escrever a um ritmo alucinante.

Quando o ex-marido de Ana Plácido falece, a 15 de Julho de 1863, o casal vai viver para uma casa, em São Miguel de Seide, que o filho do comerciante recebera por herança do pai.

Em Fevereiro de 1869, recebeu do governo da Espanha a comenda de Carlos III.

Em 1870, devido a problemas de saúde, Camilo vai viver para Vila do Conde, onde se mantém até 1871. Foi aí que escreveu a peça de teatro “O Condenado” (representada no Porto em 1871), bem como inúmeros poemas, crônicas, artigos de opinião e traduções.

Outras obras de Camilo estão associadas a Vila do Conde. Na obra “A Filha do Arcediago”, relata a passagem de uma noite do arcediago, com um exército, numa estalagem conhecida por Estalagem das Pulgas, outrora pertencente ao Mosteiro de São Simão da Junqueira e situada no lugar de Casal de Pedro, freguesia da Junqueira. Camilo dedicou ainda o romance “A Enjeitada” a um ilustre vilacondense seu conhecido, o Dr. Manuel Costa.

Entre 1873 e 1890, Camilo deslocou-se regularmente à vizinha Póvoa de Varzim, perdendo-se no jogo e escrevendo parte da sua obra no antigo Hotel Luso-Brazileiro, junto do Largo do Café Chinês. Reunia-se com personalidades de notoriedade intelectual e social, como o pai de Eça de Queirós, José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, magistrado e Par do Reino, o poeta e dramaturgo poveiro Francisco Gomes de Amorim, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, entre outros. Sempre que vinha à Póvoa, convivia regularmente com o Visconde de Azevedo no Solar dos Carneiros.

Francisco Peixoto de Bourbon conta que Camilo, na Póvoa, “tendo andado metido com uma bailarina espanhola, cheia de salero, e tendo gasto, com a manutenção da diva, mais do que permitiam as suas posses, acabou por recorrer ao jogo na esperança de multiplicar o anêmico pecúlio e acabou, como é de regra, por tudo perder e haver contraído uma dívida de jogo, que então se chamava uma dívida de honra.

A 17 de Setembro de 1877, Camilo viu morrer na Póvoa de Varzim, aos 19 anos, o seu filho predileto, Manuel Plácido Pinheiro Alves, do segundo casamento com Ana Plácido, que foi sepultado no cemitério do Largo das Dores.

Camilo era conhecido pelo mau feitio. Na Póvoa mostrou outro lado. Conta Antônio Cabral, nas páginas d' “O Primeiro de Janeiro” de 3 de junho de 1890: “No mesmo hotel em que estava Camilo, achava-se um medíocre pintor espanhol, que perdera no jogo da roleta o dinheiro que levava. Havia três semanas que o pintor não pagava a conta do hotel, e a dona, uma tal Ernestina, ex-atriz, pouco satisfeita com o procedimento do hóspede, escolheu um dia a hora do jantar para o despedir, explicando ali, sem nenhum gênero de reservas, o motivo que a obrigava a proceder assim. Camilo ouviu o mandado de despejo, brutalmente dirigido ao pintor. Quando a inflexível hospedeira acabou de falar, levantou-se, no meio dos outros hóspedes, e disse: - A D. Ernestina é injusta. Eu trouxe do Porto cem mil reis que me mandaram entregar a esse senhor e ainda não o tinha feito por esquecimento. Desempenho-me agora da minha missão. E,

puxando por cem mil reis em notas entregou-as ao pintor. O Espanhol, surpreendido com aquela intervenção que estava longe de esperar, não achou uma palavra para responder. Duas lágrimas, porém, lhe deslizaram silenciosas pelas faces, como única demonstração de reconhecimento.”

Em 1885 é-lhe concedido o título de 1.º Visconde de Correia Botelho. A 9 de Março de 1888, casa-se finalmente com Ana Plácido.

Camilo passa os últimos anos da vida ao lado dela, não encontrando a estabilidade emocional por que ansiava. As dificuldades financeiras, a doença e os filhos incapazes (considera Nuno um desatinado e Jorge um louco), dão-lhe enormes preocupações.

Desde 1865 que Camilo começara a sofrer de graves problemas visuais (diplopia e cegueira noturna). Era um dos sintomas da temida neurosífilis, o estado terciário da sífilis ("venéreo inveterado", como escreveu em 1866 a José Barbosa e Silva), que além de outros problemas neurológicos lhe provocava uma cegueira, afeitivamente progressiva e crescente, que lhe ia atrofiando o nervo óptico, impedindo-o de ler e de trabalhar capazmente, mergulhando-o cada vez mais nas trevas e num desespero suicidário. Ao longo dos anos, Camilo consultou os melhores especialistas em busca de uma cura, mas em vão. A 21 de Maio de 1890, dita esta carta ao então famoso oftalmologista aveirense, Dr. Edmundo de Magalhães Machado:

Illmo. e Exmo. Sr.,

Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa n’este país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego. Ainda há quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flâmula escarlate. Depois, sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguíneas. Há poucas horas ouvi ler no Comércio do Porto o nome de V. Exa. Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança. Poderá V. Exa. salvar-me? Se eu pudesse, se uma quase paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo. Não posso. Mas poderá V. Exa. dizer-me o que devo esperar d’esta irrupção sanguínea n’uns olhos em que não havia até há pouco uma gota de sangue? Digne-se V. Exa. perdoar à infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimônia por um homem que não conhece.

A 1 de Junho desse ano, o Dr. Magalhães Machado visita o escritor em Seide. Depois de lhe examinar os olhos condenados, o médico com alguma diplomacia, recomenda-lhe o descanso numas termas e depois, mais tarde, talvez se poderia falar num eventual tratamento. Quando Ana Plácido acompanhava o médico até à porta, eram três horas e um quarto da tarde, sentado na sua cadeira de balanço, desenganado e completamente desalentado, Camilo Castelo Branco disparou um tiro de revólver na têmpora direita. Mesmo assim,

sobreviveu em coma agonizante até às cinco da tarde. A 3 de Junho, às seis da tarde, o seu cadáver chegava de comboio ao Porto e no dia seguinte, conforme o seu pedido, foi sepultado perpetuamente no jazigo de um amigo, João Antônio de Freitas Fortuna, no cemitério da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa.

São suas principais obras: Anátema (1851), Mistérios de Lisboa (1854), A Filha do Arcediago (1854), Livro negro do Padre Dinis (1855), A Neta do Arcediago (1856), Onde Está a Felicidade? (1856), Um Homem de Brios (1856), O Sarcófago de Inês (1856), Lágrimas Abençoadas (1857), Cenas da Foz (1857), Carlota Ângela (1858), Vingança (1858), O Que Fazem Mulheres (1858), O Morgado de Fafe em Lisboa (Teatro, 1861), Doze Casamentos Felizes (1861), O Romance de um Homem Rico (1861), As Três Irmãs (1862), Amor de Perdição (1862), Memórias do Cárcere (1862), Coisas Espantosas (1862), Coração, Cabeça e Estômago (1862), Estrelas Funestas (1862), Cenas Contemporâneas (1862), Anos de Prosa (1863), A Gratidão (incluído no volume Anos de Prosa), O Arrependimento (incluído no volume Anos de Prosa), Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado (1863), O Bem e o Mal (1863), Estrelas Propícias (1863), Memórias de Guilherme do Amaral (1863), Agulha em Palheiro (1863), Amor de Salvação (1864), A Filha do Doutor Negro (1864), Vinte Horas de Liteira (1864), O Esqueleto (1865), A Sereia (1865), A Enjeitada (1866), O Judeu (1866), O Olho de Vidro (1866), A Queda dum Anjo (1866), O Santo da Montanha (1866), A Bruxa do Monte Córdova (1867), A doida do Candal (1867), Os Mistérios de Fafe (1868), O Retrato de Ricardina (1868), Os Brilhantes do Brasileiro (1869), A Mulher Fatal (1870), Livro de Consolação (1872), A Infanta Capelista (1872), (conhecem-se apenas 3 exemplares deste romance porque D. Pedro II, imperador do Brasil, pediu a Camilo para não o publicar, uma vez que versava sobre um familiar da Família Real Portuguesa e da Família Imperial Brasileira), O Carrasco de Victor Hugo José Alves (1872), O Regicida (1874), A Filha do Regicida (1875), A Caveira da Mártir (1876), Novelas do Minho (1875-1877), A viúva do enforcado (1877), Eusébio Macário (1879), A Corja (1880), A senhora Rattazzi (1880), A Brasileira de Prazins (1882), O vinho do Porto (1884), Vulcões de Lama (1886), O clero e o sr. Alexandre Herculano (1850).

*Wikipédia  
Janeiro, 2014*

# ÍNDICE

PREFÁCIO.....	1
CAPÍTULO 1.....	3
CAPÍTULO 2.....	8
CAPÍTULO 3.....	15
CAPÍTULO 4.....	23
CAPÍTULO 5.....	31
CAPÍTULO 6.....	38
CAPÍTULO 7.....	47
CAPÍTULO 8.....	55
CAPÍTULO 9.....	62
CAPÍTULO 10.....	68
CAPÍTULO 11.....	74
CAPÍTULO 12.....	82
CAPÍTULO 13.....	90
CAPÍTULO 14.....	98
CAPÍTULO 15.....	105
CAPÍTULO 16.....	113
CAPÍTULO 17.....	119
CAPÍTULO 18.....	126
CAPÍTULO 19.....	132
CAPÍTULO 20.....	144
CAPÍTULO 21.....	150
CAPÍTULO 22.....	156
CAPÍTULO 23.....	163
CAPÍTULO 24.....	170
CAPÍTULO 25.....	172
CAPÍTULO 26.....	177
CAPÍTULO 27.....	181
CONCLUSÃO.....	187

## PREFÁCIO

Enquanto à influência do romance nos costumes, estou mais que muito desconfiado de que o romance não morigera nem desmoraliza.

Porém, admitida a ponderação que lhe alvidram os exortadores dos pais de família, não sei decidir como se há de escrever o romance fautor da sã moral. São dois os expedientes: levar os personagens viciosos ao despenhadeiro; ou criar anjos num paraíso sem serpente.

Na primeira espécie, mostra-se a luta de virtude e crime; natural e concludentemente triunfa a virtude. É o costume com sacrifício, às vezes, da verosimilhança.

Na segunda forma de romancear, a virtude recebe as ovações sem batalha. O romancista põe peito à reformação das obras de Deus, e corrige-as. Quando os seus personagens se avizinham de algum sujo aguaçal, em que é uso a gente comum salpicar as botas, atam-lhes asas de serafins, e largam-lhes trela por esse azul dos céus dentro, até lhes vir a jeito pousá-los em alegretes de flores.

São estes os romances que moralizam, ou os outros?

É a minha dúvida.

Convém mostrar as repulsões do crime lá em baixo, onde a providência social lhes cavou a paragem, ou é melhor conduzir, por entre hortos ameníssimos, os nossos personagens engrinaldados, e metê-los no Céu finalmente?

Um homem de bem, proprietário de um dos primeiros jornais deste país, costuma editar os meus romances com a prévia cláusula de não serem histórias de crimes, que toquem direta ou indiretamente com a probidade da vida conjugal, ou revelem desdouros da honra doméstica.

Há poucos dias, tivemos esta prática:

— Querem os pais de família que suas filhas ignorem a corrupção, que lavra nos pântanos da sociedade — observou-me o meu amigo.

— Os pais de família — contestei — não conseguem isso, enquanto não acharem o caminho da Lua, onde presumo que não há costumes, nem

romances. E será preciso que se mudem para lá com as filhas, menores de dez anos, e não levem as mães, porque as mães, maximamente virtuosas, sempre têm que contar às filhas a história escandalosa das mães culpadas.

— Mas não se ganha moralização para os espíritos brandos e virginais das leitoras, em dar-lhes novelas de adultérios — redarguiu o cavalheiro.

— Ganha, quando se lhes mostram os infortúnios acapelados em volta da mulher que se desonra. Ganha, porque as filhas do pai acautelado sabem que as há, conhecem-nas, e apertam a mão das desonradas; concorrem aos salões com elas; sabem o nome e a culpa do homem que as requesta; observam-lhes uns exteriores de felicidade; e espantam-se de as verem ostensivamente satisfeitas, e, demais a mais, acatadas com uma urbanidade, que as não extrema das honestas. Então é que o romance ganha muito, levando ao conhecimento das donzelas, até certo ponto inocentes, que o desdouro, cujo horror não as apavorou nos salões, tem angústias secretas, e infâmias estrondosas. Parece-me isto, meu amigo.

— Acho-lhe razão — obtemperou o honrado e ilustrado editor dos meus livros —, mas que quer, se os pais de família entendem que suas filhas desconhecem a existência de certos crimes? E desadoram romances que revolvam essas sentinas hediondas?

Aqui se fechou a contenda amigável. Não procurei pai de famílias nenhum para argumentarmos. Fiquei-me a cismar se devia queimar este volume que estava escrito, no intuito de mostrar o esqualor de uma chaga social, sem a mínima pretensão de lhe pôr o cautério. Não queimei; mas protesto extraí-lo da circulação, se um dia me persuadir de todo em todo que esta coisa de romances, escritos assim, pioram a humanidade, e alvoroçam a quietação dos pais de famílias.

## CAPÍTULO 1

Era justa e plausível a admiração que infundia no espírito dos Portuenses, nada espantadiços de mulheres formosas, uma francesa que, poucas vezes, se via no Porto, aí pelos anos 1834 até 1839. Sabia-se que esta dama vivia numa quinta dos arrabaldes da cidade, e para ali viera com um fidalgo português, regressado da emigração em 1835, sujeito pacífico, estranho às vitórias da liberdade, e também estranho aos reposteiros das secretarias. Era Nicolau de Mesquita.

Da procedência da francesa é que ninguém sabia. Geralmente duvidava-se da honestidade de tal contubérnio; isto, porém, não implicava ao quase respeito com que os galãs mais audaciosos da cidade eterna encaravam a gentil amazona, ao lado do cavalheiro grave, sombrio, e simpático. Outras vezes, a estrangeira entrava no Porto sozinha, com um laçao; apeava no Hotel do Pexel, saía a prover-se de objetos de luxo nas lojas de modas, seguida do criado, e voltava às suas flores e bosques, que deviam de alegrar-se, vendo chegar a sua bela e solitária rainha.

O cavalheiro conhecia poucas pessoas no Porto, e tão friamente as praticava, que ninguém ousava perguntar-lhe miudezas de sua vida particular.

Em 1838, saía a francesa do estabelecimento de uma modista, e estremeceu fitando em rosto um homem, que empalidecera ao encará-la surpreendido. Era este homem o chanceler do Consulado francês.

Ela estugou o passo a evitar a aproximação do seu patrício: era supérfluo o susto. O chanceler ficara empedernido, e extático.

Passava um amigo, e disse-lhe, sorrindo:

— A sua patrícia tem causado muitos desses espasmos aos portugueses...

— Não é possível... — disse o francês abstraído.

— Não é possível?! — replicou o outro.

— A impressão que me fez aquela mulher não creio que a possa receber quem a não conhece.

— E conhece-a o Senhor?

— Pois não! É a mulher de um dos meus melhores amigos. Eu já sabia que ela fugira de Bruxelas com um português: mas não esperava encontrá-la. Onde vive ela?

— Na Cruz da Regateira, a meia légua do Porto, com um fidalgo transmontano, chamado Nicolau de Mesquita.

O chanceler escreveu na sua carteira, e disse:

— A mulher do meu amigo Ernesto Froment, um dos primeiros fabricantes de Lião, rico e gentil, moço e honrado, pundonoroso e amigo desta infame, como não sei que haja outro! O homem com quem ela fugiu foi hóspede de seu marido. Sinto que em Portugal se produzam vilões deste calibre!... Froment cuida que ela está na América. Não lhe direi eu que a vi sem vingá-lo, se há vingança honrosa a tirar de semelhante afronta!

O francês retirou-se apressado.

Dias depois, Nicolau de Mesquita era procurado na serena solidão dos seus arvoredos por dois cavalheiros desconhecidos; um era o cônsul francês, o outro pessoa importante da sociedade portuense.

O chanceler desafiava Nicolau, em nome de um marido infamado.

O português tergiversou na resposta. Obrigado a responder explicitamente se nomeava testemunhas, disse:

— Eu não embaraço que Madame Froment vá para seu marido, se lhe apraz. Bater-me com um cavalheiro, em quem não reconheço direitos a pedir-me contas, não o faço, sem alienar o juízo que tenho.

O cônsul redarguiu com azedume. Nicolau de Mesquita sorriu-se, e replicou:

— Respondi. Os cavalheiros excedem as suas funções, e colocam-me numa posição desagradável. Estas disceptações costumam resolver-se melhor nas estradas.

O português da provocação ficou-se; mas o cônsul mordeu os beiços até sangrarem.

A Senhora Froment, assim que os estranhos visitantes saíram, correu assustada a indagar a causa.

Nicolau respondeu glacialmente:

— Depois de seis anos, um amigo de teu marido manda-me desafiar. Não me bato.

— Quem te desafia? É o chanceler? Não aceites, que ele é temível! — acudiu ela.

O orgulhoso abespinhou-se, e disse severamente:

— Não há homens temíveis para mim. Não aceito, porque é preciso muito coração para que um homem se bata por amor de qualquer mulher.

Pungente grosseria!

A francesa emudeceu transida. Bem o pressentia ela; mas ainda lho não tinha ouvido. Emboscou-se entre as árvores a chorar. O orgulho!...

É certo que Nicolau de Mesquita estava enfasiado, arrependido, e devorado de ânsias de liberdade para retemperar o coração em amores novos. Pensava nas delícias de uma vida honesta; falsa virtude, que vem sempre com o enojo da mulher, que a sociedade honesta repele. Seis anos era muito para ter sempre em florescência afetos, que saíram de um tremedal. As idealidades do vício são efêmeras; o orgulho pode fingi-las; mas, de alma adentro, não há império que senhoreie o atroz pungimento do tédio. O sorriso é um trejeito vaidoso, que intenta escarnecer a censura do mundo, ou rebater a comiseração.

Nicolau de Mesquita amara a mulher do amigo, que lhe aligeirara os anos do exílio. Infâmia irritante em ânimo até daqueles que propriamente se sentem mordidos do remorso de um delito semelhante! Amara até ao absoluto desprezo de si mesmo. Seguirá-a de Lião à Bélgica. E daqui se fugira com ela para Portugal, enquanto o marido fora a Paris pressurosamente a cuidar em negócios urgentes de sua indústria.

Depois, ainda um ano se não tinha passado, e já Nicolau media a profundidade de sua ignomínia, e espedaçava-se às garras do opróbrio de si próprio. Tardia honra, que nunca pode chamar-se reabilitação: penitência, que no conceito do

mundo terá remido os arrependidos; mas que no juízo da Providência deve de ser apenas começo de expiação, expiação muito longa.

Chegado a Portugal, Nicolau ainda tinha mãe. Repugnou-lhe entrar em sua casa com uma mulher, mais perdida aos olhos dele que aos da sociedade, se a conhecesse. Já lhe parecia que o apresentá-la como sua esposa era injuriar as virtudes de sua mãe, e injuriar-se a si. Não mais se levantará diante do homem, que a estimou, a mulher assim desprezada.

Alugou a quinta nos arrabaldes do Porto, e aí ficou.

A francesa era a mulher coerente com o seu crime. A mudança da fisionomia do amante, a nudeza da frase baixa e seca, a nenhuma poesia do gesto e da palavra, os longos silêncios interpolados de suspiros, os vincos da fronte, os sorrisos contrafeitos, as abstrações e respostas incongruentes, que mais carecia ela para cair em joelhos aos pés do algoz da sua felicidade, e pedir-lhe a morte?

Não se lembrou disso. Era mulher, e francesa. Ao pungimento da desonra botaram-se os fios no hábito de a praticar. Caíra de tão alto, que já não media com a vista a altura da queda. As mulheres que chegam até aqui, tocam a extrema do pudor. Daí em diante, se choram, não é remorso, é a áspide do orgulho que as morde.

Margarida Froment aceitava a liberalidade do amante, em proveito do amor decadente. Cuidava ela que as pompas no trajar remoçariam o afeto envelhecido. Vestia-se e galeava a primor. Achava-se linda. Aos vinte e oito anos não invejava o frescor das suas quinze primaveras. Oferecia-se assim aos olhos de Nicolau, e muitas vezes cuidou que triunfava quando queria. Esta vaidade era-lhe um esteio. Enquanto um demônio amigo lhe desse tal escudo, contava ela com a vitória sobre o fastio do amante.

Quando a tristeza a alquebrava mais, era se, no lavor de enfeitar-se, lhe vinha à lembrança que seu marido a tinha amado muito, ainda desenfeitada.

Tristeza de vaidade dorida, e mais coisa nenhuma que possamos chamar castigo.

Os castigos, ao chegarem, rasgam por outras fibras mais sensíveis.

O fidalgo, que pendia aos quarenta anos, pensava em sacudir o jugo; mas as correias apertavam-no tanto e em tantas voltas, que era impossível despedaçá-las sem despedaçar os restantes liames da sua dignidade.

Abandoná-la era coroar a infâmia.

Dar-lhe recursos e bons conselhos, muitas vezes lhe quis propor este acordo; mas receava a recusa, e a desordem inevitável dessa hora em diante.

Os obstáculos saturavam-lhe de fel novo o amargor do enfado.

Até que, no termo de seis anos, apareceu o chanceler, não sei se tolo, se sublime, a desagrar o amigo, do mesmo modo que um inimigo o faria, se quisesse ajuntar à desgraça a irrisão. Os franceses usam uns processos especiais de honrar os amigos.

Nicolau de Mesquita era valoroso; porém, reflexionador. Dissera ele: é preciso muito coração para que um homem se bata por amor de qualquer mulher. Esta sua máxima arrefecia as fervuras da coragem; do pundonor não havemos de dizer, que esse tinha claudicado, e ficara tolhido para todos os efeitos da dignidade, logo que ele seduziu a mulher do homem, incapaz de reputá-lo infame.

Não se quis bater com testemunhas: era natural que evitasse bater-se sem elas.

Absteve-se de ir ao Porto, e refletiu ponderosamente no escape de tais aperturas. Achou que era tempo de espezinhar considerações de menor alcance. Propôs à francesa uma separação temporária, e urgente à quietação de ambos. Margarida ouviu-o de boa-fé. Aceitou alguns mil cruzados; residência no Porto, se lhe desprazia viver na quinta; e a segurança de se reunirem na província, assim que a entrevada mãe de Nicolau passasse a melhor vida. Anuiu a francesa, dizendo em tom lastimoso que de bom grado, e com o coração cheio de lágrimas, se imolava à tranquilidade do amante.

Nicolau foi para Trás-os-Montes, e Margarida Froment para uma casa ricamente alfaiada na Torre da Marca.

O chanceler, perdida a esperança de tirar os olhos do celerado à ponta de florete, escreveu ao amigo, contando-lhe o seu intento, e o encontro inesperado.

Ernesto Froment acusou a carta recebida, e não falou da mulher. Parece que tinha lá três, todas mais fiéis, e pode ser que mais formosas.

Por este lado, o acaso — não ousou dizer a Providência — se amerceara do esposo traído. Quem dos dois sofria mais, ou pressentia o emborrascarem-se as porvindouras tormentas, era Margarida.

## **CAPÍTULO 2**

O morgado da Palmeira cuidou que facilmente se desatavam os vínculos tenazes do amor-hábito. Este amor é tão estranhado e subtil em alguns temperamentos, que até resiste à lima roaz do tédio. Se a mulher fastidiosa

desaparece dos olhos fatigados de a verem, não sei de que refolhos da alma rebenta um espinho levemente doloroso, quando inesperadamente fere; mas, com o rodar de dias, crava-se, punge, e dói tanto como a saudade da mulher que mais se ama e deseja.

Esta dor sentiu-a ele, quando se viu no Vidago, ao pé do leito da mãe entrevada, sem sociedade que o distraísse, além do reitor que o mortificava com perguntas sobre os países estrangeiros.

Mulheres, naquela povoação, não havia uma que lhe prendesse o olhar, nem o fizesse descer à requesta, em competência com os seus criados. Perguntava à desmemoriada mãe pelas formosas primas, que deixara, em tal e tal casa. A velha respondia-lhe que umas estavam acabadas, outras mães de filhos, e outras na sepultura. Nicolau de Mesquita espantava-se de achar extinta a formosura das primas da sua criação. Os homens, que não descaem ou fingem não descair da mocidade tão depressa, assombram-se da mudança que dez anos fazem no rosto e na alma das mulheres suas contemporâneas.

Foi isto grande parte na saudade, que por pouco o não impeliu ao Porto. Se fosse, antes de reacender-se na chama do seu antigo amor a Margarida, uma nova enchente de tédio lhe apagaria as faíscas instantâneas. Estes amores são relâmpagos. Nas trevas, que se carregam depois, há um abafar de coração, angústia incomparável com a tristeza da saudade.

Ele adivinhava este segredo, que todos sabemos de ânimo frio, e todos ignoramos, se a paixão nos desluz a razão experimentada nos desvarios próprios e nos alheios. Ainda assim, pode ser que o presságio o não demovesse; conteve-o, porventura, o receio de expor-se às iras do chanceler. Margarida, enquanto a perplexidade do amante durou, recebeu cartas muito amoráveis, que lhe consolaram a vaidade. Respondia ela que a chamasse a viver obscura entre árvores, sem mais alegrias que as das avezinhas, e a certeza de ser precisa à vida dele. Estas súplicas demonstram a singeleza ou o errado artifício de Margarida. Se ela tivesse respondido friamente, resignando-se com a ausência, Nicolau iria buscá-la. Nós entendemos sempre que a resignação é renúncia. O ciúme faz então prodígios que nivelam o mais descarado orgulho com a alucinação de Werther ou Otelo.

Permaneceu o morgado na indecisão, até que, um dia, foi a Chaves concorrer a um baile, com que seu primo Martinho Xavier de Sousa Vahia celebrava o natalício de sua filha primogênita Beatriz. Tinha dezesseis anos esta menina. Rosto e candura do Céu. Alegria de borboleta na Primavera entre as alvíssimas flores do espinheiro.

Nicolau dançou com sua sobrinha... ou prima. Ele antes queria que Beatriz lhe chamasse primo. Passou a noite: ninguém vira dançar o morgado da Palmeira com outra dama. E a rainha da festa uma vez apenas esvoaçara na sala amparada, se não levemente presa por um dos anéis louros do seu cabelo à espádua de outro homem.

De Nicolau de Mesquita diziam as mulheres: — Parece que tem vinte anos! Como está moço, e que airocidade na dança!

— Pois tem perto de quarenta! — atalhava um moço de vinte, com um sorriso e abanar de cabeça desdenhoso.

Acabou nesta noite a indecisão de Nicolau, respeito a Madame Froment.

Recolhendo ao Vidago, encontrou uma carta em que ela amorosamente o ameaçava de ir procurá-lo, sem consentimento prévio. Apressou-se ele a responder-lhe que se contivesse, a não querer contrariá-lo.

Dois dias passados, tornou para Chaves, a cumprir a promessa de quinze dias de hospedagem em casa de seu primo Vahia: quinze dias de jantares e saraus, em

que Nicolau de Mesquita impressionou muitas damas com o leve incômodo de contar anedotas joviais, costumes estrangeiros, amores celebrados, aventuras estranhas, coisas de chorar e de rir, iguarias para todos os paladares.

Beatriz era das que folgava das historietas facetas. Casos de lágrimas enterneciam-na até lhe molestarem os nervos. Pediu ela a seu primo contos engraçados. E Nicolau, que nunca em sua vida tivera graça, transverteu-se por milagre de amor, e fez rir a filha de seu primo. A sós consigo, o morgado da Palmeira, que vira muito e brilhante mundo, quase que de si mesmo ria.

Voltou a casa onde o chamara o aviso de estar a mãe em perigo de vida. Assistiu-lhe à morte, fez-lhe enterro pomposo, encerrou-se por oito dias, pagou as visitas, e voltou para Chaves.

Deste sucesso não deu parte a Margarida nem respondeu às cartas, que encontrara, queixosas do seu silêncio. A esposa de Ernesto Forment tinha morrido para o amante como para o marido. A Providência ordenara à formosa de Chaves que lançasse a prevaricadora no fogo expiatório, não lavareda devorante, mas brasido lento, que lhe fosse queimando fibra por fibra os órgãos todos onde a vida humana pode sofrer e morrer mil vezes. Nicolau lembrava-se dela com susto, e às vezes com remorso; o susto de a ver atravessar-se em seus desígnios; o remorso de atirá-la a um caminho, sem saída que não seja garganta de voragem.

Adiante! Nicolau de Mesquita conhecia milhares de exemplos. Em Paris, cada homem dos admirados e invejados no bosque de Bolonha, no café Tortoni, nos centros da mocidade insigne, podia contar dezenas daquelas histórias, laudas da biografia dolorosa que as mulheres das salas repetiam sem horror.

O horror das mulheres das salas era para as vítimas.

Homens sacrificados é que ele não conhecera. Homens que imolassem os melhores anos da sua mocidade a um dever, que o mundo chama um escândalo. Homens que, em cada primavera do coração, arrancassem os renovos prometedores de muitas alegrias, e os atirassem fenecidos aos pés de uma como estátua, incapaz de avaliar a renúncia, ou, pior ainda, persuadida do dever do sacrifício.

Nisto cogitara ele em todos os dias dos seis anos de cativo.

Agora, na liberdade, era preciso ser homem como todos, ser forte para não ser infeliz e ridículo: porque a desgraça dos penitentes, que não podem nobilitar, com alguma sombra de moral comum, o grandioso holocausto de sua liberdade, é irrisória.

E depois, quem sabe?

Margarida voltará para França, onde tem o marido, e a mãe. Se o marido a recebe, feliz culpa que a mete ao caminho da reabilitação! Se a rejeita, a mãe lhe abrirá os braços e o santuário da família lhe purificará o espírito. Esta moralidade, subitamente formada no ânimo do morgado, é uma zombaria da virtude. Faz-se muita moralidade assim; e a sociedade às vezes aplaude-a, e sai em auxílio dos moralizadores.

Com estas hipóteses combatia Nicolau de Mesquita o impertinente remorso, quando ia para Chaves. Porém, assim que se refugiou sob os olhos tutelares de Beatriz, a quimera da consciência fugiu espavorida.

Martinho Xavier perguntara a sua filha se o primo de Vidago lhe dizia particularmente palavras indicativas de algum sentimento mais forte que o do parentesco e amizade.

Beatriz corou. O pai ficou satisfeito.

E, noutro ensejo, perguntou-lhe:

— Gostas do primo Nicolau? Sê sincera, minha filha.

— Não desgosto... — balbuciou a pomba.

— E, se ele quisesse ser teu marido, aceitarias de boa vontade?

— Querendo meu pai...

— Eu não quero, nem deixo de querer. Consulto a tua vontade.

— Eu...

— Aceitas?

— Pois sim...

— Mas — tornou Martinho Xavier — tu, antes da vinda de Nicolau, parece que aceitavas a corte do primo de Faiões, que foi criado contigo.

Beatriz corou, e calou-se. O pai achou prudente calar-se também, neste artigo melindroso, e voltou ao essencial.

— Nicolau perguntou-me se o teu coração estava livre. Respondi que o suponha desprendido de afeição séria. Quis ele saber se tu quererias ligar a tua mocidade aos anos já adiantados de um homem, que te amaria como esposo, e estremeceria como pai. Vou dar-lhe a tua resposta, se é que lha não deste.

A menina fez um gesto de assentimento.

O morgado da Palmeira, no dia seguinte, disse a Beatriz:

— Quer meditar algum tempo antes de ser minha esposa, prima Beatriz?

— Já respondi, primo Nicolau.

— Despede-se sem saudades da sua mocidade? Não deixa impressão que a possa magoar?

— Não...

— Nenhum homem que lhe inquietasse o coração?

— Nenhum...

— Acredito-a, Beatriz. Pois saiba que há de ser venturosa, quanto os anjos podem ser neste mundo. Hei de obrigá-la com extremos de amor a ser minha amiga. Ver-me-á envelhecer, e então sentirá por mim afeto de filha. O homem, na minha idade, sabe como se faz a felicidade de uma mulher. Entrego-lhe o coração maculado, mas ainda forte de vida, a vida do coração, que é a poesia das almas entusiastas. Se eu me sentisse gasto e insensível, a prima Beatriz, com o segredo que teve de influir um sagrado fogo no gelo da minha vida moral, havia de fazer o menor milagre de remoçar-me. Será feliz, minha prima; juro-lho, beijando-lhe esta mão pura!

Beatriz cedeu facilmente a mão, para não prejudicar o ritual do juramento.

Se Deus fosse carne, e tivesse lábios suscetíveis de obedecerem às contrações convulsas dos músculos faciais, ria-se sardonicamente daquele juramento.

O lance, digno de ser pintado com as branduras de Bernardim de S. Pierre, foi interrompido por um criado, que apresentava a Nicolau de Mesquita uma carta, vinda em mão própria, de Vila Pouca de Aguiar, distante de Chaves três ou quatro léguas.

O morgado viu o sobrescrito, e mudou de cor.

Era a letra de Margarida Froment, que havia chegado a Vila Pouca na tarde do dia anterior.

O conteúdo eram duas palavras: ESTOU AQUI.

Beatriz ergueu-se em ponta de pés. Adorável curiosidade! Viu; mas não entendeu. Era em francês. Encarou no primo, e disse sobressaltada:

— Que é?!

— Um amigo que me chama a Vila Pouca — tartamudeou.

— E porque não vem cá? — replicou a inocente com a cavilosa dialética de uma senhora já esquecida do tempo em que passou pelas várzeas floridas da inocência.

— É um francês, meu amigo, que vai de passagem para Espanha, e precisa de recursos.

— Não se assinou?! — redarguiu candidamente Beatriz.

— Não, porque... porque é perseguido em Portugal, e receou que se desencaminhasse a carta.

— E vai, primo?

— Sem demora. Devo-lhe obséquios.

Estas palavras já foram ditas com toda a quietação de ânimo. Beatriz sossegou; mas, depois que Nicolau saiu, inquietou-se e mandou, a ocultas do pai, um criado a Vila Pouca, espiar os passos do morgado da Palmeira.

Amava-o: estou em crer que o amava.

Nicolau de Mesquita ia chamejando de raiva a Margarida. Esporeava o cavalo, que devorou as léguas em furiosa desfilada. Sofreava a brida instantaneamente, para meditar no que faria. Baralhavam-se-lhe os planos, todos miseráveis, senão abjetos.

Apeou à porta da estalagem.

A francesa esperou-o no topo da escada, abrindo os braços. Nicolau apertou-lhe a mão, e disse glacialmente:

— Que é isto?

Margarida transfigurou-se. Deixou cair mortalmente os braços, e disse então dorida e irritada:

— Para que veio aqui?

— Pois a tua carta que significa? Diz.

— Nada. Respondeste: “Não conheço a desgraçada” a perdida, a infame que me escreve. Desgracei-a eu, perdi-a eu, infamei-a eu; mas não a conheço.” Respondeste assim, Senhor Nicolau de Mesquita. Antes isto, que repelir a mulher que de braços abertos lhe oferece o coração traspassado de dores.

— Vem cá, Margarida! — tornou o morgado, simulando meiguice. — Vem conversar comigo. Tu és injusta, ou estás enganada.

A francesa abriu a porta do seu quarto. Nicolau sentou-se a limpar as bagas de suor. E ela ficou em pé defronte dele, hirta, sublime, formosa, e formidável de ódio, de amor, de desesperação, de ternura, um indefinível conjunto de demônio da soberba, e anjo da agonia.

E ele estava como se a não visse, fitando-a nos olhos coruscantes. Latejavam-lhe as fontes batidas de dentro por clavas de ferro. Seria um atroz pesadelo, se não fosse um abafar de vergonha e rancor.

Margarida esperou alguns segundos, e disse:

— Conversemos, pois.

Nicolau ergueu-se de golpe, e exclamou:

— Desprezo a ironia!

— Isso é uma miséria, Senhor Nicolau – retorquiu serenamente a francesa. —  
Conversemos, pois!

### **CAPÍTULO 3**

— Reprovo a sua vinda aqui! — disse Nicolau, empregando o vós do despeito ou da cerimônia, que, neste diálogo em francês, era, de parte a parte, ódio.

— Já sei — respondeu Margarida. — Reprova que eu viesse. Reprovada e maldita sou eu de toda a gente. Como todas as almas me fugiam, vim acoitar-me na sua. Agora vejo que estou sozinha no mundo. Se eu quiser amigas, hei de ir procurá-las à última escaleira da degradação.

— Que desatino! — exclamou o morgado. — Faltaram-lhe meios com que viver honestamente?

— Honestamente vivia eu em casa de meu marido. Senhor Nicolau de Mesquita! O Senhor pregou-me a desmoralização, e agora está-me doutrinando a honestidade! Que escárnio! O seu dinheiro não pode reabilitar a mulher que a sua perversa índole abismou! O Senhor faz mulheres perdidas, não refaz honestas!

— Pois bem!

— Pois bem o quê?

— Faça o que quiser.

Margarida fitou-o arquejante de cólera, e levou com impetuoso frenesi as mãos aos olhos, murmurando estas palavras, que ele não ouviu:

— Covarde e infame!

Nicolau erguera-se, e saíra à saleta contígua, aspirando haustos de ar, e baforando ruidosamente as expirações fumegantes. A francesa atirara-se ao leito, afogada de soluços, e clamando:

— Estás vingado, Ernesto, estás vingado, meu infeliz marido!

Nicolau ouvira isto, e estorcia em desespero os dedos de ambas as mãos enclavinhas sobre o peito.

Encostou-se ao batente da porta do quarto, e contemplou-a. Teve dó. Lembrou-se do que fora aquela mulher em casa de seu marido. O contentamento, a estima pública, os regalos, o respeito de amigos, a consideração das mulheres honestas, o acanhamento com que a tratavam as desonestas, o orgulho e paixão do esposo. Lembrou-lhe tudo, vendo-a assim soluçante, a confessar a sua culpa, e a sentir na consciência o travor do cálix expiatório. E, por sobre tudo isto, o lembrar-se Nicolau da sua desonra dele! aquelas lágrimas a caírem-lhe no coração! e o terrível irremediável da desgraça de três vítimas, que ele fizera, contando-se pela mais atormentada das três!...

Acercou-se de Margarida e disse-lhe com brandura:

— Não chores. Tens no mundo um amigo, Margarida!

A francesa levantou a face brilhante de lágrimas e escarlate febril. Fixou a vista imóvel num ponto da parede fronteira, e permaneceu silenciosa largo espaço.

O morgado, observando-a assim, fez um trejeito de impaciência. Era o fastio, a lutar com a comiseração, e a dominá-la.

A sombra de Beatriz passou entre ambos. Seguiram-na os olhos de alma de Nicolau. Os da face ficaram postos em Margarida; mas somente viam nela o estorvo, a miséria repulsiva, as lágrimas acusadoras. Duas ideias se travaram a repelões no ânimo do morgado: romper violenta e definitivamente com a francesa, ou enganá-la com blandícias e promessas. Venceu o mais vil dos expedientes.

O máximo sacrifício, que Nicolau podia fazer à sua paixão pela prima, era compor o gesto de carinhos; modelar a voz pelo tom veemente do coração ingrato, mas arrependido; repetir as frases que seis anos se não repetiram aos ouvidos da francesa.

Neste intuito, ajoelhando diante de Margarida, irrompeu numa lamúria destoadada da acentuação da verdade, um declamar de ator péssimo, uma coisa que, na consciência propriamente do declamador, o devia de estar envilecendo!

Margarida foi cruel. Riu-se! castigou-o atrozmente envergonhando-o em rosto, quanto ele o estava no seu íntimo senso.

Nicolau de Mesquita ergueu-se de salto, e sentiu ao correr dos braços um prurido nervoso, umas fevuras de sangue, que lhe recurvavam os dedos: era a convulsiva ânsia de esganar a mulher que o compreendera e escarnecia.

— Que infame riso é esse? — exclamou o morgado cavamente, chispando áscuas dos olhos e beiços.

— É o riso da dignidade! — respondeu a francesa, sem se desmentir na postura.

— A dignidade de Madame Froment! — redarguiu ele, espirando um frouxo de riso sarcástico.

— Condena-me, insultando-me, homem sem alma! — replicou Margarida. — Madame Froment era uma digna esposa até ao dia em que seu marido foi desonrado por quem ele recebera em sua casa.

— Quem a ouvisse cuidaria que eu me servi do punhal de Tarquínio!

— Foi mais cínico, e vilão, e covarde, Senhor Nicolau! As suas armas foram mais pérfidas.

— Mas Lucrecia não se matou!...

— Não! — bramiu ela furiosa. — Não se mata porque é necessário que o Senhor veja como eu me debato e agonizo no lodaçal em que me deixa. Havemos de expiar ambos, ouviu, Senhor Mesquita? Havemos de nos espedaçar um ao outro! Eu aceito a vida com os horrores todos, que me esperam... aceito-a com a condição de o ver castigado!

Nicolau riu-se, e saiu do quarto, atirando com as melenas lustrosas de suor para a nuca.

Seguiu-o, instantes depois, Margarida, e disse-lhe serenamente:

— Venho responder ao seu riso.

— Deixe-me! — bradou o morgado.

— Deixo — tornou ela. — Está o Senhor livre de mim; a Providência é que não o deixará... Ver-nos-emos!

E saiu da saleta, desceu ao pátio da estalagem, e ordenou ao arreeiro, que tirasse o cavalo da estrebaria. Entretanto, pagou as despesas da hospedagem, e sentou-se num banco de pedra, com os braços cruzados sobre o seio, e a face pendida sobre eles.

Nicolau de Mesquita desceu pouco depois e reconheceu um criado de Beatriz, que saía apressado do pátio. Sobressaltou-se, cuidando que era espionado, e surpreendido em flagrante de mentira e perfídia. Passou por diante de Margarida, como se não a visse, e saiu à rua procurando o criado, que não viu. Voltou ao pátio, já quando a francesa cavalgava. Quedou-se a contemplá-la estupidamente, num indescritível espasmo de brutificação. Margarida passou rente com ele, estalejando o chicote na anca da cavalgada. Tinha ela saído da vila, quando Nicolau tirou fora o cavalo, e picou à rédea solta no seguimento de Margarida. Não saberia dizer ele que intento o impulsava. Chegou de par com ela, colheu as bridas de ímpeto, e perguntou:

— Onde vais, desgraçada?

— À sorte! — respondeu a francesa.

— Pára e reflexiona, Margarida!..

A francesa parou, sorriu sardonicamente e disse.

— Bem! Aqui estou. Que quer de mim?

A pergunta conturbou o morgado. Bruxuleava uma luzinha de piedade ainda naquele ânimo aflito. Era verdadeira aflição a dele! A pergunta demandava uma só resposta digna, e consolativa. Essa nem já insidiosamente podia ele dá-la. A sobrançeria de Margarida rebatia algum expediente compassivo. Se ela chorasse, ganharia temporariamente uns exteriores de estima, o supremo sacrifício praticável pelo homem, que faz obedecer à delicadeza o fastio; sacrifício de que vivem resignadas, se não felizes, muitas mulheres, as virtuosas principalmente.

Não deu tempo às reflexões dele nem às nossas a repetida pergunta da francesa:

— Que quer de mim?

— Que domine esse feroz orgulho, que a perde!

— Bela resposta, Senhor Nicolau! — replicou Margarida, sacudindo as rédeas com o tremor nervoso da mão. — Deixar meu marido foi uma virtude do coração, como o cavalheiro lhe chamava; a virtuosa não se perdeu então; perde-se agora porque é orgulhosa até à ferocidade... é isso? Que escárnio, Senhor Mesquita!...

Susteve-se, esperando qualquer resposta. As desgraçadas, nestes lances, usam uma lógica irrespondível. Nicolau tinha a língua presa — consintam a figura — por dois dedos de sua prima Beatriz. Expressão compadecida não vingava nenhuma com que aplacasse o irritamento de Margarida. Assim que no ânimo lhe pungia a comiseração, aí estavam logo os dois dedos de Beatriz a entalarem-lhe na língua o termo brando, a caridade mesmo da mentira.

A francesa, sobreexcitada pelo silêncio significativo do morgado da Palmeira, disse com energia e sem lágrimas:

— Eu, Senhor, não vim queixar-me da sua ingratidão. Bem sabe que o deixei apertar-me cinco anos a corda na garganta, sem soltar um gemido. A sua consideração por mim morreu, quando a sociedade me desconsiderou. O Senhor, desde o momento em que deixou de ver ao meu lado o estímulo do seu ciúme, não soube que fazer aos loiros da vitória. Eu, ao lado de meu marido, era uma mulher disputada pelo amor dele; escondida às pedradas do mundo, perdi o valor que me davam os respeitos sociais. As pedradas mais certeiras e dolorosas eram as suas, Senhor Nicolau. E não me queixei, nem isto é queixar-me. Da vilania é que eu me dou por afrontada. Deixou-me no Porto com vil astúcia, e nem por dignidade própria sustentou a máscara. Era a vida de sua mãe que repelia a mulher perdida da honesta casa da Palmeira: morreu sua mãe, e o Senhor, aturdido pela dor da orfandade, não pôde dispor da cabeça para me dar parte do seu luto...

— Não admito remoques sobre objetos tão sérios! — interrompeu iracundo o morgado.

— O Senhor não pode considerar-se um objeto sério! — acudiu de pronto a francesa. — Ridícula é a sua aleivosia, Senhor Nicolau! Ridículo, se não quer que

diga infame, é o seu silêncio de vinte dias às minhas cartas! Ridículo, é esse falso pundonor com que vem em defesa da honestidade dos seus lares! Ridículo é o seu amor dos quarenta anos à cândida sobrinha de Chaves que...

Nicolau cresceu sobre os estribos, levou a mão direita à testa escaldante, e bafou fumaradas de rancor. Abrasava-o dentro do sarcasmo do amor dos quarenta anos. Tortura mais lacerante nem a inquietação poderia inventá-la para uso de mulheres inexoráveis como Margarida! Teve-lhe medo ela quando o viu assim roxo e vulcânico a chamejar pelos olhos, inteiriçado sobre o selim, pavoroso, e ainda ridículo, no rigor da palavra, e no entender da francesa.

O desfecho deste relanço devia ser também irrisório. Nicolau de Mesquita recaiu de golpe sobre o selim, retorceu de violento empuxão o pescoço do cavalo, deu-lhe de esporas com frenesi, e despediu numa corrida desapoderada por aquela rechã do Vale de Aguiar fora, e tão cosido às crinas do fumegante alazão, que dava uns longes de Mazeppa, arrebatado pelo corcel criado na vertiginosa fantasia de Byron.

E Margarida Froment ria-se, enquanto o pasmado arreeiro exclamava:

— O cavalo endoideceu! Vai-se esbarrar com dez milheiros de diabos!

A francesa sorriu ainda, e disse serenamente:

— Vamos para o Porto.

Nicolau havia transmontado o horizonte, fechado por uma gandra. Nem uma só vez voltara o rosto. Espicaçava-o um demônio zombeteiro, cascalhando as palavras: ridículo é o seu amor dos quarenta anos...

Quem disse a Margarida que Nicolau amava a sobrinha de Chaves? Os romancistas, desconsiderados ou distraídos, faltam com a cortesia devida aos leitores, descuidando-se em responderem a estes reparos justos, com que a crítica amavelmente nos dá o seu beliscão.

A francesa, quando ia caminho do Vidago, pernoitou em Vila Real. Ao arraiar da manhã, cavalgou, e fora da vila, numa esplanada de monte, chamada o “Arcabuzado”, parou a examinar um mau retábulo, em que um pincel de 1811 contava à posteridade o caso triste de espingardeamento de um soldado desertor, cinco minutos antes de chegar de Lisboa o pai do padecente com o

perdão da Junta Governativa. Este infausto sucesso contou-lho, em frente do painel, um mancebo, que desde a hospedaria a seguira, sobre o seu irrequieto cavalo. Não ousaria ele intrometer-se a dar explicações, se a francesa, por gesto convidativo, o não animasse a sair-se daquele espasmo mudo, que as mulheres formosas incutem nos provincianos, gente, pelo comum, contemplativa até ao êxtase.

Concluída a história do painel, o moço alinhou o cavalo com o de Margarida, quanto a estrada o permitia, e foi dizendo quem era e para onde jornadeava. Modestamente omitiu na notícia da sua pessoa que era um fidalgo do Vale de Aguiar, senhor do solar e castelo daquele nome, descendente por varonia de Duarte de Almeida, o celebrado alferes da bandeira, que, a defendê-la com mãos e dentes, perdera os dentes e as mãos na batalha de Toro, em 1476. Falou, porém, no seu castelo, que a francesa traduziu chateau, “casa campestre”, coisa de nenhuma importância arqueológica. Ricardo de Almeida ignorava a língua francesa, o que vinha a ser uma falta para dar do seu castelo solarengo uma cabal ideia.

Margarida perguntou-lhe se conhecia Nicolau de Mesquita.

— É meu próximo parente — respondeu Ricardo de Almeida, e de pronto conjecturou acertadamente quem era a sua companheira de jornada, por ter ouvido dizer que o do Vidago tinha vivido no Porto com uma estrangeira.

— Tem-o visto? perguntou ela.

— Visitei-o quando lhe morreu a mãe...

— Pois a mãe de Nicolau morreu?! — acudiu Margarida com alvoroço.

— Há três semanas.

Margarida mordeu o lábio inferior.

— Vossa Excelência conhece meu primo? — perguntou Ricardo por delicadeza.

— Alguma coisa — respondeu ela abstraidamente, e disse logo com vivacidade:

— Ele está em Vidago?

— Quando eu saí de minha casa, há quatro dias, tive notícia de que ele estava em Chaves.

— Chaves é longe?

— Nove léguas, minha Senhora.

— Que faz ele em Chaves?

— Namora uma sobrinha, com quem provavelmente vai casar.

Margarida fitou nos olhos o interlocutor, e disse:

— O Senhor sabe quem sou, e graceja comigo.

— Desconfio que Vossa Excelência é uma senhora que veio da emigração acompanhando Nicolau de Mesquita; porém, de nenhum modo ousaria gracejar com uma senhora, que me parece infeliz na sua sorte.

Margarida, por espaço de uma légua, não proferiu palavra. Ricardo tinha menos espírito que o necessário para diverti-la da sua introversão.

Assomaram ao alto da serra do Mezio, donde se avistava a magnífica chã do vale de Aguiar, e o castelo dos Almeidas, negrejando sobre um morro de rochas na quebrada das montanhas do Alvão.

— O meu castelo é além — disse Ricardo apontando.

— É uma fortaleza feudal? — perguntou Margarida.

O fidalgo deu a data da fundação do castelo, e contou a façanha de Duarte de Almeida, modelada pela inventiva com que ela anda cantada em verso no Romanceiro Português do Senhor Inácio Pizarro de Morais Sarmiento. A francesa parecia escutá-lo.

A meio do vale, Ricardo perguntou à dama se queria ser acompanhada.

— Separa-se aqui?

— A minha estrada é esta da esquerda.

— Pois adeus, cavalheiro!

— Se Vossa Excelência, por distração, quiser alguma vez honrar aquele castelo...

— Muito agradecida... As mulheres, fadadas com o meu infortúnio, nunca podem distrair os olhos do ponto negro da sua desgraça. Adeus.

Margarida, lá ao longe, olhou terceira vez ao longo do caminho, que deixara, e viu imóvel o fidalgo castelão no local onde se despediram.

— Não envelheci ainda! — disse ela entre si.

Foi-lhe imensa consolação este desabafo da vaidade!

#### **CAPÍTULO 4**

Margarida, na volta de Vila Pouca, reparou no castelo, e pensou no descendente dos ricos-homens de Aguiar, dizendo em sua consciência: “Amá-lo-ia eu, se pudesse... O coração da mulher não se engana... Aquele moço amava-me ontem...”

Custa a crer o solilóquio!

Ainda não há meia hora que ela viu, enovelados em poeira, o cavaleiro e o cavalo sumirem-se para sempre, e já tão cedo se preocupa do afeto inspirado a um estranho, que ontem vira! Que coração e juízo tem esta criatura! É um coração e juízo exóticos: coisas de França; que em Portugal — terra onde mais sinceramente e ajuizadamente se ama e morre de amor — nenhuma senhora, em caso semelhante, faria monólogos daqueles.

Ao mesmo tempo, Ricardo de Almeida, empinado sobre uma pinha de rochas, contíguas ao castelo, apontava um óculo à estrada que descia de Vila Pouca, e monologava também: “É ela... e vem sozinha...”

O cavalo estava selado, ao sopé dos rochedos. Ricardo desceu do miradouro, cavalgou, e foi sair ao caminho na encruzilhada onde se despedira. A francesa reconheceu-o a galopar na clareira de uma agra. Fez-se um brilhante dia no seu espírito! Ia alegre como bem pode ser não fosse, ainda que arrancasse o homem amado às presas da menina de Chaves. A alvorada de um amor novo é uma aurora de Junho perfumada de flores, gorjeada de passarinhos, sonora de murmúrios no coração enoitecido, e regelado pela borrasca de uma paixão

infeliz. Era uma alegria que a vingava! Na infância do seu amor de donzela, nenhuma hora sentira de tão excitante e alvoroçada felicidade!

Ricardo apeou, atirou as rédeas à mão do laçao, e adiantou-se ao encontro da francesa, dizendo com a voz trêmula de sobressalto interior:

— É tarde para Vossa Excelência ir pernoitar a Vila Real. No espaço de três grandes léguas não encontra pousada. Venho oferecer-lhe a minha casa, onde tenho minhas tias para a receberem.

— Aceito muito agradecida — respondeu Margarida, estendendo o braço à mão convulsa do fidalgo. — Ainda mesmo que sobejassem hospedarias na estrada, eu aceitaria a sua hospedagem, Senhor Ricardo.

O mancebo cavalgou, e deu o passo a Margarida no estreito caminho que levava ao Pontido.

Iam ambos concentrados: ela, no enlevo da consideração que recebia; ele, no seu amor. Devemos cuidar assim da francesa; porque não há contentamento comparável ao da mulher desestimada da sociedade, quando se lhe depara prova de respeito, urbanidade sem mescla de amor aviltante. Parecia-lhe à dama que estava no tempo em que a respeitavam, e talvez a amavam os amigos da sua família, sem exclusão dos amigos de seu marido, fato que nos escandaliza muito a nós, e medianamente agastaria a esposa de Ernesto Froment.

Quanto ao enlevo amoroso de Ricardo de Almeida, havemos de inferi-lo naturalmente de um sucesso, que prende com esta história. Fora o caso que ele, por veredas transversais, no dia anterior, chegara, primeiro que Margarida, a Vila Pouca. Alojara-se na única estalagem da terra, e no quarto imediato ao que devia ocupar a francesa. Ouvira-a falar de um portador que fosse de noite a Chaves. Desvelara a noite, espiando a resposta. Dera tento da chegada de seu primo Nicolau. Ouvira o diálogo na alcova e na saleta. Até os soluços da francesa ouvira, quando o morgado, fora do quarto, expedia uns sons roucos da cólera que o afogava. Assim que Margarida desceu ao pátio, Ricardo saíra pelo quintalejo da estalagem, e fora montar o cavalo, que tinha acautelado de suspeitas em outra casa. Desgarrando da estrada, voltou ao Pontido, e subiu à crista das fragas com o óculo, tremendo que a reconciliação se fizesse entre Nicolau e Margarida. Ora isto, se não era amor, e amor à antiga, coevo talvez do

castelo senhorial do rico-homem, não sei dar-lhe nome, a não querer o leitor que isto fossem ciladas do Demônio, em conformidade com as interpretações de santos e doutíssimos sujeitos. Quer anjo, quer demônio que lhe instilasse no peito o néctar ou a peçonha, o exato é que Ricardo de Almeida apresentou a suas venerandas tias D. Margarida Froment, sem dizer quem era, donde vinha, e para onde ia. Caso único no solar dos Almeidas.

Perguntava D. Simoa ao sobrinho, enquanto D. Sancha entretinha a hóspeda suspeita:

— Mas onde conheceste, menino, esta dama? Como veio ela parar aqui lá desses mundos de Cristo?

— Sei que é um anjo: viria do Céu! — respondeu Ricardo.

— Do Céu?!... Vê lá bem, menino! Olha que teu tio-avô, o Senhor bispo de Coimbra, dizia que as mulheres assim galantes eram mensageiras do inimigo.

— Ora minha tia... — volvia o moço afagando-a. Receba sem escrúpulos a pobre senhora, que é tão galante como desgraçada.

— Então que tem ela, menino? — instava D. Simoa com malícia.

— A sua alma pura, minha tia, não pode compreender o mal que fizeram a esta senhora. No entanto, eu responderei às perguntas de Vossa Excelência assim que ela sair ao seu destino.

— Mas... — redarguiu a velha — o mal que lhe fizeram há de remediá-lo tu?...

Esta interrogação abona a sagacidade de D. Simoa; a inocência não direi, com medo de errar. As Sanchas e Simoas dos solares provincianos, por via de regra, tinham tempo para tudo: tempo para Deus e tempo para os primos. Cada uma tinha o seu frade que a absolvía e lhe dava notícia de todas as devoções com indulgência plenária. A balança de S. Miguel estava sempre no oiro-fio com estas damas, que mortificavam Deus e o Demônio ao mesmo tempo. A Deus, sofismavam as veleidades com as indulgências do Espírito Santo; ao Demônio faziam figas por sobre as espáduas anchas dos frades respectivos. Se as donas do castelo de Aguiar tinham sido desta laia, não sei; asseveram-me, porém, que elas foram enterradas de palmito e coroas de rosas brancas: isto diz muito em

crédito daquelas senhoras. Enquanto a cheiro de santidade, as opiniões na freguesia divergem.

Como quer que fosse, D. Simoa, naquela noite, inventou uma enxaqueca, e recolheu-se à sua alcova. D. Sancha saiu da sala para ir ver a mana, e voltou à sala com outra cara. O certo é que a francesa achou-se sozinha à ceia com Ricardo, que estava odiando as velhas.

Margarida sem presumir de aguda, entendeu tudo, e condoeu-se do mal abafado sofrimento de Ricardo.

— Não se aflija por amor de mim — disse ela. — Eu aceito o menosprezo de suas tias, sem azedume. Com que títulos se apresenta à estima de duas senhoras desconhecidas uma mulher que viaja sozinha?!.. Muito sentida vou, se as delicadas atenções do cavalheiro o fizeram cair no desagrado de suas tias!...

— Eu sou independente, minha Senhora — respondeu Ricardo. — Minhas tias, nesta casa, têm um pequeno patrimônio, e o direito de se retirarem com ele. A minha emancipação começa hoje.

— Por Deus! — atalhou Margarida, simulando pesar. — Não dê desgostos às pobres senhoras! Olhe que elas não fizeram mais do que fariam quaisquer outras. Eu conheço um pouco a vida de província em França, e creio que em Portugal é idêntico o modo de sentir. Recebem-se sempre desconfiadamente as forasteiras, que se não recomendam logo com apelidos heráldicos, nem denunciam pela libré de seus criados procedência ilustre. Ambos pecamos por leviandade, Mr. Ricardo de Almeida: Vossa Excelência errou em convidar a mulher que não pode explicar honestamente a sua vida, e eu pequei em aceitar o convite, como se a consciência de maior dignidade me habilitasse a relacionar-me com duas damas da alta nobreza e, a meu ver, das primeiras virtudes.

A essencial feição da índole de Margarida Froment era a ironia; porém, a compostura de rosto com que desfechava os remoques, não lha deixava entrever facilmente. Ricardo, pelo menos, recebeu como ingênua a frase laudatória das virtudes de suas tias; e, sorrindo com um trejeito especial de beiços, deu vislumbres de incerteza enquanto à primazia das mesmas virtudes.

O fidalgo ergueu-se de golpe, e tangeu uma campainha.

Entrou à sala um escudeiro.

— A criada de sala? — perguntou Ricardo.

— Está no quarto das fidalgas.

— Que venha aqui.

Entrou a criada.

— Conduza esta senhora ao seu aposento — disse Ricardo -, e conserve-se no quarto próximo, esperando as ordens que a Senhora D. Margarida lhe der.

— Mas as fidalgas... — balbuciou a aia.

— Ordenei! — atalhou o moço, e, voltando-se a Margarida, disse: — Quando Vossa Excelência quiser recolher-se...

— Irei já; mas dispenso os serviços da sua criada — observou a francesa.

Ao romper da manhã, Margarida estava preparada, como se recolhera à alcova. Parecia ter chorado, e velado o restante da noite. À mesma hora, Ricardo mandava preparar os cavalos, e enfardar a sua bagagem. Quando sentiu movimento no quarto da francesa, esperou-a na antecâmara, e disse-lhe:

— Resolvi ir ver o Porto. Se Vossa Excelência me consente, irei em sua companhia.

— Que mais posso eu desejar? — disse Margarida. — Mas... Eu vim trazer a desordem a esta casa... Que pesar, meu Deus!

— Veio apenas trazer uma noite de amargura a um homem, que a preza deveras, minha Senhora. De resto, eu vejo melhor o mundo depois que Vossa Excelência aqui entrou.

As velhas tinham sido avisadas dos preparativos do sobrinho. Ergueram-se espavoridas e tresnoitadas a procurarem Ricardo.

Pediram-lhe contas da sua inesperada resolução, e ele respondeu-lhes com uma medida de cabeça, e passou. D. Sancha exclamou, e D. Simoa quis ir à sala dos retratos acusar a degeneração do neto. Os retratos teriam medo, se as vissem com os josezinhos cor de cidra enfiados pelas mangas, e as estrigas do cabelo

estopentudas. Daí a pouco, ouviram a estropeada dos cavalos no pátio, e o rugido do alteroso portão rodando nos gonzos. Foram à janela e viram a francesa de par com o sobrinho, e uma carga de baús no seguimento da escandalosa cavalgada. Desmaiaram-se reciprocamente nos braços uma da outra, e assim estiveram até horas de almoço, depois do qual mandaram chamar os parentes circunfusos nas próximas seis léguas.

Lembrou D. Sancha que o primo Nicolau de Mesquita, como homem que tinha visto muito mundo, seria o mais hábil para convencer Ricardo a fugir dos braços da aventureira francesa, com quem se fora por essas terras fora. Foi chamado o capelão para notar e escrever a carta, e assiná-la em nome das senhoras, que não sabiam escrever. O egresso franciscano fez uma exposição pavorosa do escândalo, citando, com referência à francesa, todo o mal que Santo Agostinho e S. João Crisóstomo haviam dito às mulheres.

Este período é notável:

“Aqui tendes, caro sobrinho, o desdouro que a vontade do Senhor nos reserva à nossa velhice. Uma forasteira, vinda de França, por instigação de Satanás, rouba-nos a menina-dos-olhos, o nosso Ricardo, que tão humilde nos tinha sido até agora, e tão bem-comportado, que não consta em todas estas freguesias, que ele botasse a perder filha de caseiro. Supõe a gente que ele arranjou esta tentação lá por Vila Real, onde esteve quatro dias. Mas clama justiça ao Céu vir ele com ela para esta casa, onde não há memória de entrar mulher desconhecida! Chama-se ela Margarida, e pelo donaire e modos bem se vê que é mulher afeitada a correr mundo. Nunca vimos criatura com tanto palavreado! Aqui ninguém nos pode valer como o nosso parente Nicolau. Lembrai-vos que sois do mesmo sangue do nosso Ricardo; pois que vossa bisavó era irmã do bisavô do nosso sobrinho. Ele dizia que vós sois um homem de grande entendimento e sabedoria, porque tendes experiência do mundo. Se estimais esta família, que também é a vossa, fazei-nos o favor de ir a Vila Real, ou onde ele estiver com a tal aventureira, e despersuadi-lo do pecado e da loucura. Lembrai-lhe a honra da sua linhagem, e trazei-o para sua casa antes que a francesa lhe derranque a alma, etc.”

Este é o período em que Sancha e Simoa choraram torrencialmente, e o egresso também.

Partiu um criado com a carta para o Vidago, ou para onde Nicolau de Mesquita estivesse. Do Vidago passou a Chaves, a procurá-lo em casa de Martinho Xavier. Foi entregue a carta ao morgado de Palmeira, a tempo que ele estava amolentando os aspérrimos ciúmes de Beatriz, informada do encontro em Vila Pouca, pelo espião que mandara. Nicolau tinha inventado não sabemos que romances à conta da mulher, que o criado de Beatriz afirmara ser linda como as estrelas e mocetona de uma vez, modo seu de exprimir a máxima perfectibilidade da beleza mulheril. A prima repelia desabridamente as humílimas explicações, que reviam absurdeza, e deficiência de estudo prévio. Chegou, porém, a carta, com a indicação de onde vinha.

— Que me quererão estas seresmas do Pontido? Nicolau.

Leu, e no decurso das duas primeiras páginas fradescas, rezadas em voz alta, interrompeu-se exclamando:

— Que vem a ser isto?!

Relanceou os olhos sobre a terceira página, e viu as palavras francesa e Margarida. Mudou de cor, e leu daí em diante mentalmente. Beatriz desconfiou, e foi, irrefletidamente, com liberdade de noiva, e indelicadeza de menina que não ganhou no colégio prêmios de civilidade, espreitar o dizer da carta. Nicolau furtou-se à curiosidade e aumentou a suspeita. A menina saiu da sala com arrebatamento, e foi dizer ao pai:

— Já não quero casar com o tio Nicolau (já era tio!).

— Porquê, menina?

— Porque sim... É um infiel!

— Ora, criança!... Saibamos isso por miúdos.

Beatriz contou o encontro com uma mulher em Vila Pouca, e o recebimento da carta, que ele escondera, depois de ter lido uma porção dela a dizer mal das mulheres.

Martinho Xavier riu-se dos amuos da menina, e foi entender-se com o primo.

Nicolau, depois de se ficar pasmado uns três minutos no período que transladamos, quis dispor as suas ideias, em ordem a conjecturar o abstruso enlace de Margarida com Ricardo de Almeida, duas pessoas que nunca se tinham visto. Este reparo denota que Nicolau não conseguira coordenar as suas ideias. Pois as duas pessoas não se haviam de ter visto, ao menos quando uma era roubada pela outra?

Respondia ele a esta pergunta do siso comum, quando Martinho Xavier entrou, dizendo:

— Que vem a ser isto, primo Mesquita? A Beatriz está zangada. Que lhe fizeste? Que mulher é essa com quem estiveste em Vila Pouca? E essa carta, em que se diz mal das mulheres, que vem a ser? A pequena foi dizer-me que não quer casar contigo!

Nicolau refletiu, e achou um miraculoso expediente de justificação. Deu a carta a ler ao primo, dizendo:

— Eu duvidei contar a tua filha uma história de honestidade muito equívoca. Aí verás que me chamam as tias Almeidas para reduzir o sobrinho a deixar uma mulher que o perde. Esta mulher é a mesma que veio a Vila Pouca para captar a minha estima, e mover-me a induzir meu primo Ricardo a casar com ela. Aqui tens, primo Xavier, como eu me vejo enredado numa teia, que me faz malquisto de tua filha. Se queres, explica-lhe tu o que é isto. Eu não sei fazê-lo sem cuidar que ultrajo o seu pudor.

Martinho expediu uma sincera gargalhada, e exclamou:

— Dá-me a carta, que eu vou pacificar a pobre menina!

Daí a pouco, Beatriz entrou muito agraciada à presença de Nicolau, e disse, toda afagos:

— O primo perdoa-me, pois não perdoa?

— E por amor do seu ciúme, cada vez a adoro mais, Beatriz! — respondeu o morgado ternamente.

## CAPÍTULO 5

Nicolau respondeu às tias Almeidas que as suas ocupações o estorvavam de ir moralizar o primo Ricardo. Consolava-as, porém, com a certeza de que o sobrinho pródigo voltaria cedo curado da sua hidropisia amorosa, depois de algumas sangrias copiosas nas algibeiras. O egresso, lendo este parágrafo, exclamou:

— Isto que ele diz é assim, fidalgas. O Senhor Nicolau bem se vê que andou muito mundo!

As velhas sentiram-se aliviadas, e acenderam velas de arrátel a Santo Antônio, e outros bem-aventurados que privam na corte celestial.

Este acontecimento estupendo, passada a rija impressão do choque, deu largas ao espírito do morgado. Mulher que tão fácil e estupidamente passara ao domínio de outro homem, estava definida. Espinho de remorso de havê-la abandonado seria baixeza e indignidade consenti-lo na alma. Arrependido estava ele de a não ter abandonado há muito, por umas verduras de pundonor, em que ele vitimara seis escuros e dissaboridos anos da sua vida. Tudo pelo melhor! Azavam-se-lhe as coisas para um viver tranquilo e desapertado de responsabilidade e reminiscências perturbadoras.

Cuidaram logo em tirar dispensa de parentesco para o casamento. Nicolau andava alegremente na faina de renovar as alfaias da casa de Palmeira, e lustrar as velhas, que provavam as antigas pompas do solar dos Mesquitas. Neste lidar, em que o coração tomava a melhoria do seu cargo, o morgado remoçava; puerilizava-se, tinha tolices perdoáveis; que Beatriz era digna de enlouquecer qualquer homem amado. As mulheres lindas confessavam que ela era formosa: as mulheres são evangelhos, quando tal dizem de outra. E, além de formosa, rica. Fidalga, está dito tudo, se o timbre das armas de Faiões e de Palmeira, e das Olarias, é o mesmo timbre dos Sousas Vahias cuja representante é Beatriz. Enquanto a pureza, não ousariam os serafins esquadrihar-lha. É o elo interposto à flor e à estrela em matéria de inocência. Tivera escassamente uma sombra de cortejo de seu primo Rafael Garção Cogominho, décimo quarto senhor de Faiões. A bonina da serra não fica mais pura, quando um cordeirinho a bafeja, do que ficou Beatriz com uns beijos que lhe havia dado o primo nas faces purpurejadas. Afora isto, que é nada, o maná dos israelitas não choveu

mais cândido e impoluto das ânforas do Céu. Assim se desculpa a exultação de Nicolau nos preparativos para os esposórios mais falados e invejados daquela redondeza.

As pessoas que tinham visto os requebros de Beatriz por seu primo Rafael maravilharam-se da transferência, e mais ainda da conformidade do moço de Faiões.

Era este mancebo filho único de pais opulentos, e o mais galhardo e galã rapaz daquelas terras. Tinha pecados grandes, que os invejosos das suas proezas desejariam esconder, se pudessem. A humanidade, sua conhecida, dividira-se em dois bandos: os homens contra, as mulheres por ele. Rafael não se queixava; punha peito aos adversários, exceto o coração, que esse andava repartido e desfibrado pelas defensoras. Era coisa de prodígio a paz em que tantas, odiando-se reciprocamente, viviam com ele, e saíam a enristar, não lanças, mas línguas — as mais perfurantes e contundentes armas conhecidas — em honra de Rafael Garção Cogominho, quando algum bárbaro desdenhoso lhe desluzia no garbo com que esporeava o ginete a galões e trancos, ou na adamada denguice com que requestava toda a mulher indistintamente.

E muitas o amavam, aquém e além-Tâmega, por essa Galiza dentro. No entender dos sisudos censores de seus maus costumes, faltava-lhe a fibra suscetível do coração que se dói das inconstâncias duma mulher. Em confirmação deste juízo, depunha o ter ido Rafael para Espanha em seguimento de uma andaluza, que aparecera na feira de Santo Antônio em Vila Real, tocando pandeiro e castanhetas. Alguém conjecturou que Beatriz acedera a casar com o tio por despique do primo; várias senhoras, no propósito de desdourá-la, afirmavam que ela optara pelo mais rico, sem levar em conta a diferença das idades, e os dissabores futuros. Tudo isto eram vozes do mundo, que se banqueteara em casa de Martinho Xavier e se enfrascava nos melhores vinhos a brindar o próspero enlace do estremado cavaleiro de Palmeira com a encantadora Beatriz. A verdade, porém, das rompidas inteligências da menina e de Rafael já está dita: fora um brincar da borboleta com uma flor de madressilva; mais lirismo não tem anacreônica nenhuma, se a anacreônica for das mais honestas.

O morgadinho de Faiões nunca pensara em casar-se. Tinha então vinte e quatro anos; muito dinheiro, muita saúde, leitura de Clarisse Harlowe, da Nova Heloisa,

do D. João, e outros modelos de algozes de corações. É o que ele tinha lido em dois anos que estivera em Coimbra.

Não obstante, a pureza da filha de Martinho Xavier enfreou-lhe a índole; e pode ser também que a desconfiança do pai lhe contraminasse algum intento menos honroso. Disputá-la a Nicolau de Mesquita, sem o propósito de desposá-la, era um desaire; sofrer era uma sensaboria indigna dos Tenórios e Lovelaces e Saint-Preux das suas leituras. Felizmente que a andaluza lhe barateou um sorriso, e encareceu um beijo na feira de Vila Real. Este duro osso do ofício irritou-lhe a vaidade. A espanhola pareceu-lhe uma Esmeralda, como Vítor Hugo a encontrara inventada por um escritor castelhano. Ali por Vila Real andavam uns Cláudios Froulos a quererem seduzir-lha. Esporearam-lhe o ciúme. Não havia que ver. Seis mulheres bonitas de Chaves, dezenas delas do alto da província, dúzias de galanteios incipientes e decadentes, todas foram sacrificadas à funâmbula do pandeiro e das castanhetas.

Várias pessoas lamentaram a sorte deste mancebo no banquete nupcial de Beatriz e Nicolau. Os mais penetrativos convivas olhavam de esconso a noiva, e o marido também; todavia a menina escutava as lástimas, como se as não compreendesse. O anjo estava como estrangeiro entre aquela gente que falava a linguagem barbaresca das paixões desonestas.

No dia seguinte, os esposados foram para o Vidago, com grande comitiva. No trajeto de três léguas estoiraram constantemente bombardas e foguetes. As festas continuaram na casa de Palmeira três dias e três noites. A grandeza de quinze léguas ao sul, e três ao norte, a entestar com a Galiza, confluuiu com suas librés a honrar a mais cheia lua de ambrosia, que ainda tiveram noivos, desde que as luas se ingerem ridiculamente nos noivados.

As senhoras do Castelo de Aguiar, tias de Ricardo, saíram de liteira a visitarem o seu parente de Vidago, e a Senhora D. Beatriz, que ainda era parente delas, em razão de haver casado Mem de Sousa, em 1410, com D. Briolanja de Almeida. Além da etiqueta, moveu-as ao sacrifício poderem falar do sobrinho Ricardo, e pedirem consolações ao homem experiente.

D. Sancha, assim que o ensejo se ajeitou, rompeu em pranto desfeito nestes termos:

— A felicidade que estais gozando, sobrinhos, perdemos a esperança de que o nosso Ricardo a venha a gozar!

— Que notícias tem Vossa Excelência de Ricardo? atalhou Nicolau.

— Não nos escreve o ingrato! Há três meses que foi e não voltou.

— Pois não sabem onde ele foi parar com essa mulher?

— Sabemos, sabemos... Estão no Porto. Ricardo tem escrito aos feitores das quintas, a mandar ir dinheiro. Não fazeis uma ideia, sobrinho, do dinheiro que tem ido!... Se assim vai, Deus nos feche os olhos antes de o vermos empenhar os vínculos. Agora soubemos que ele mandou vender os foros de Barroso por quatro mil cruzados, e a melhor quinta da Terra Quente! Haverá um mês que o Senhor padre Ambrósio, nosso capelão, foi de nosso mando ao Porto a ver se o convertia. Quereis vós saber, meus sobrinhos, o que ele viu? Ele aqui está que o conte. Diga lá, Senhor padre Ambrósio.

O egresso sibilou uma pitada, assoou-se, dobrou o lenço de quadradinhos, embolsou-o na algibeira da batina, compôs o rosto, ajeitou as mãos sobre a proeminência do estômago, e tirou estas palavras do peito:

— Assim que cheguei ao Porto, fui a casa das Senhoras Noronhas, primas de Suas Excelências, para o fim de me elas mandarem ensinar as ruas, e a morada do fidalgo. Saiu comigo o capelão a indagações, e soubemos que ele estava a banhos de mar na Foz, com a maldita estrangeira. Aluguei um jumento, com o devido respeito, e pus-me a caminho para a Foz. Eis que, à saída do Porto, vejo vir o senhor Ricardo numa carroça descoberta, com a francesa à sua direita, e dois lacaios, um adiante e outro atrás, sentados na dita carroça. Fiquei passado. Quis chamá-lo, e grudou-se-me a língua ao céu-da-boca! Ele passou sem dar tino de mim; e eu fiquei perplexo, verdadeiramente perplexo! — “Que hei de eu fazer?” Deixei ir o jumento, com o devido respeito: fui à Foz, resolvido a esperar que ele voltasse. Teria eu andado obra de um quarto de légua, eis que aí torna a carroça numa galopada, que parecia um esquadrão de cavalaria. Parei. O Senhor Ricardo viu-me; a carroça pára, e ele diz: — “Por aqui, padre Ambrósio? Isso que é?” — “Venho em cata de Vossa Excelência” — disse eu. Nisto, saltou ele à estrada, e aproximou-se de mim, ajudando-me a desmontar, e perguntou-me:

— “Há novidade em casa? Morreu alguma das tias?”

— Vejam que perverso aquele! — interrompeu D. Sancha.

— A perguntar se morremos! — acrescentou D. Simoa, com uma visagem de quem promete viver muito.

— Se Vossas Excelências permitem — disse o padre Ambrósio -, continuarei a minha exposição.

— Pode continuar — disseram unanimemente as velhas.

— “Não, Excelentíssimo Senhor, não morreu, graças a Deus, nenhuma de suas tias. Têm padecido muito, mas vivem para honra da família dos Almeidas. Temos que falar largamente, Senhor Ricardo.” — “Pois bem, padre Ambrósio” — disse ele — “entre na minha carruagem.

“ — “Muito obrigado, muito obrigado” — disse eu. — “Há de entrar,” — teimou o fidalgo; e, pegando-me deste braço, fez-me subir, e sentar mesmo ao lado da francesa ombro com ombro. Oh Senhoras e Senhores! eu suava por todos os orifícios!

Beatriz soltou uma convulsão de riso indomável. Nicolau de Mesquita cravou os dentes nas borlas do chambre. As Senhoras Almeidas pasmaram do descoco de Beatriz. O narrador abriu a boca, e ficou-se espantado. Este silêncio, e estas visagens eram cócegas a nova casquinada de Beatriz. A senhora ergueu-se de salto, e fugiu sala fora com as mãos nas ilhargas.

— Ela de que se riu, sobrinho?! — perguntou D. Sancha.

— É flato — respondeu Nicolau.

— Ah! coitadinha! — disse D. Simoa. — Mandai-lhe fazer um chá de hortelã e tília.

— Aquilo passa-lhe — tornou o morgado. — Queira continuar, Senhor padre Ambrósio.

— Vinha eu dizendo que...

— Entrou no carro... — lembrou Nicolau.

— Justamente; e aí vamos nós por aquela estrada além, que eu não sei para onde me levavam, nem dava tino de mim! Ia aflito! Aquela mensageira de Satanás ao pé de mim! Nunca voltei o rosto para a ver! Que diria o mundo, vendo um homem com estas vestes sacerdotais, sentado à beira daquela mulher! Eu levava o meu capote de camelão, puxei-o para diante a fim de esconder a batina, mas a cara havia de denunciar a minha vergonha: eu ia como um pimento em toda a extensão da palavra! O fidalgo perguntou-me se eu gostava de andar em carruagem. Respondi-lhe que não, e o demônio da francesa disse não sei quê, lá na sua amaldiçoada linguagem, e o Senhor Ricardo riu-se. Eis que chegamos ao portão da casa do Senhor Ricardo. A mulher do pecado deu um salto para fora, que parecia um pássaro a saltar, deixando ver os laços dos sapatos, e umas fitas pretas encruzadas nos artelhos! Assim a vestira o Inferno para perdição das almas. Assim aparecia o Demônio entrajado aos santos da Tebaida! Porque a verdade há de dizê-la a minha boca indignada: Satanás nunca fez mulher mais guapa para recrutar almas neste mundo! Eu tinha-a visto de passagem na casa do Pontido, quando ela pernoitou lá, e achei que era bem composta de feições; mas agora desta vez pareceu-me muito mais galharda. Nunca vi outra nem espero que os meus olhos tornem a ver mulher assim!... Santa Maria Egípcíaca, e Santa Margarida de Cortona, que eu já vi pintadas, quando eram pecadoras, dou-lhes a minha palavra que não tinham tantos adornos infernais!... Vamos adiante. O Senhor Ricardo levou-me a uma sala espaçosa, e toda adornada de cadeiras de almofada, e ricos escabelos de seda. Fez-me sentar num, em que cuidei que ia por ele dentro, e o fidalgo riu-se, e explicou-me o caso, dizendo que o assento era de molas. — “Tudo delícias do pecado!” — exclamei eu, erguendo-me; e ele, o perdido, exclamou também: — “Delícias da civilização, padre Ambrósio!” Então, comecei o meu discurso, que levava meditado, e que não repito, para não enfadar Vossas Excelências. O meu discurso foi atinente ao propósito de o acordar do seu letargo. Citei-lhe o divino e o humano. Invoquei as sombras ilustres dos Almeidas, dos Mesquitas, dos Coelhoos, dos Pizarros, todos ascendentes desta nobilíssima família. Ouviu-me em silêncio. E quando eu esperava que dos olhos lhe rebentasse o pranto da contrição, ouviu-se uma campainha, e ele, cortando-me o final do discurso, disse: Padre Ambrósio, vamos jantar, que está na mesa.” Escandalizei-me desta espécie de mangação; e disse: Na casa do ímpio não comerás nem beberás” — são palavras da Bíblia santa. Peguei na bengala e no chapéu para sair. Eis que ele me enrosca o braço no pescoço, e diz: — “Há de jantar, que tenho que lhe

dizer.” A resistência era impossível, que o Senhor Ricardo, desde menino, foi sempre déspota. E demais a mais, eu estava a cair de debilidade, porque não tinha comido ao almoço. Deixei-me levar. Eis que vejo a estrangeira sentada à mesa! Vieram-me outra vez os suores. Fiquei sentado defronte dela. Foi ela que me fez o prato, e me perguntou se eu queria mais. Comi iguarias que nunca vi na minha vida! A sopa não a pude levar. Tinha uns pedacitos de animálculos, que lá chamam camarões. A maldita comia uns bichos crus com sumo de limão!

— Credo! — exclamou D. Sancha.

— Creio que se chamam ostras! — continuou o padre, e teve logo de se interromper, porque D. Simoa, engulhada com a descrição infanda dos bichos crus, estava a lutar com o vômito.

Passado o incidente enjoativo da senhora, mediante um copinho de licor de amêndoa, padre Ambrósio continuou:

— Omito a descrição dos outros horrores que presenciei naquele jantar de canibais. Eu apenas comi de uma peça de carne assada, e de um pato, ou coisa que o parecia. No fim do jantar, o Senhor Ricardo levou-me para o seu quarto e perguntou-me por Vossa Excelência.

— Por mim! — disse Nicolau.

— Sim, Senhor. Quis que eu lhe dissesse se Vossa Excelência tinha casado, ou estava para casar. Respondi-lhe que Vossa Excelência andava nesses preparativos. Ora, agora, o que eu não sei é porque ele deu uma grande risada, quando lhe eu disse que as fidalgas tinham mandado pedir ao Senhor Morgado que empregasse todos os meios para salvarem o sobrinho das garras da francesa! Isso foi um rir, que não tinha fim. Depois, quis saber o que Vossa Excelência tinha feito. Eu contei-lhe a resposta que o Senhor Morgado dera às Excelentíssimas Senhoras suas tias, e ele então disse umas palavras, que eu não me atrevo a repetir.

Neste momento entrou Beatriz à sala, e Nicolau ergueu-se ao encontro da senhora. Visivelmente queria ele rematar ali a exposição do padre; mas o narrador repetiu ainda:

— Palavras, que eu não me atrevo a repetir.

— Vinde cá, sobrinho, ouvide isto... — disse D. Sancha.

— Dispensó saber o que Ricardo disse — atalhou precipitadamente Nicolau. — Em suma, o que eu infiro da narrativa do Senhor padre Ambrósio é que meu primo Ricardo resistiu à sua eloquência.

— Mas que razão — tornou o clérigo — teria ele para dizer que Vossa Excelência é um... não ousó dizer.

— Pois digo eu — ajuntou D. Simoa. — O que ele disse foi que o nosso sobrinho Nicolau era um infame... Vede vós!

— E que havia de pagar dente por dente, e olho por olho... — ajuntou o capelão.

— Basta! — interrompeu o morgado com desabrimento. — Eu desprezo o que esse miserável disse!

— Mas que mal lhe fizeste tu a ele, primo? — perguntou Beatriz.

— Nenhum, minha querida. Que mal poderia eu fazer-lhe?! Agastaram-no contra mim as expressões que escrevi a minhas tias com referência ao desatino dele. Bem! proíbo que em minha casa se deprima ou se louve o homem que me insulta. Prezo muito Vossas Excelências, minhas Senhoras, mas não sei que lhes faça, nem há que fazer contra os desvarios de seu sobrinho. Quando ele voltar, eu irei pedir-lhe explicações do epíteto com que me brindou. No entanto, peço que me não perturbem a felicidade que devo a este anjo.

E, dizendo, aconchegou do seio Beatriz, e ela, encostando o ouvido ao seio esquerdo, disse admirada:

— Com que força o teu coração palpita, primo!

## **CAPÍTULO 6**

Acabaram-se os festejos no Vidago.

Principia a vida serena, que Nicolau de Mesquita anelara.

Está a casa de Palmeira sozinha, em meio da sua muralha de cedros e álamos. Rodeiam-na por mais longe extensos almargeais, relvas ameníssimas, montados crespos de sobreiros. A estrada passa arredada. nenhuns rumores do mundo ali vão quebrar os cismadores silêncios. Este é o éden, qual preluzira ao morgado nos entressonhos, que lhe adoçavam os aborrimentos do seu viver com a francesa nos arrabaldes do Porto.

Ansiara ele então um enlace honesto, uma virgem transferida do resguardo da pureza à adoração da vida conjugal, uma companheira para todas as horas da vida pacífica, doirada de alegrias inocentes, honrada na consciência própria e no conceito do mundo.

Parece que a Providência dera tudo, e mais ainda, ao homem que não esperava o mínimo das suas modestas, mas tardias ambições.

Para os quarenta anos, uma menina com dezesseis.

Para o coração escalavrado; um coração em flor apenas desabrochada ao inculpável beijo de um primo.

Para uma fortuna desfalcada por grandes desbarates, um grande patrimônio de filha única.

Nicolau subjugara a mais liberal das fadas, ou pactuara com o anjo das trevas a felicidade deste mundo a troco da eterna perdição da alma? Nada disto. Era a natural absurdidade das coisas sublunares, como elas se nos figuram, quando as encaramos superficialmente e pela rama.

Em harmonia com o seu ideal de felicidade doméstica, o morgado restringiu ao mínimo a sua convivência, não pagando as visitas, e faltando aos convites. Apenas Martinho Xavier às temporadas vinha de Chaves ver a filha, ou algum velho parente, que se retirava anojado da insípida existência dos senhores do Vidago.

Martinho Xavier encarava na filha, e perguntava-lhe, a ocultas do marido:

— Tu és feliz?

E ela, com os olhos assaltados de lágrimas, respondia, num tom de amarga ironia de si mesma:

— Sou...

O pai constrictava-se; mas dissimulava. Se a ocasião lhe dava uma aberta, dizia ao genro:

— Vocês vêm a enfastiar-se deste modo de viver!... Porque não vens estar com tua mulher em Chaves alguns dias, primo Nicolau?

— Porque nos sentimos completamente felizes no nosso paraíso terreal — respondia o morgado.

— E receais ser desgraçados lá?

— Não, primo Xavier; porém, a nossa casa é aqui; e o entrarmos nos vãos prazeres da sociedade corre perigo de acharmos depois monótona a solidão. Deixa-nos assim estar, que Beatriz sente como eu; afeiçãoou-se à quietação deste viver, que te parece melancólico, e, se me não engano, prefere-o aos bailes da tua Chaves.

— Não sei... — murmurou Martinho.

— Porque dizes que não sabes?

— Porque ela tem dezessete anos, e foi criada com as inofensivas regalias da sociedade culta.

— Bem sei; mas uma senhora, que toma este sério e melindroso estado, renuncia às regalias frívolas e quiméricas de um baile, e de um conciliábulo de murmurações com as outras mulheres.

— Não me pareces o homem que viveu em França, na Bélgica, na Inglaterra...

— É por lá ter vivido que penso assim, primo Xavier.

— Não é isso...

— Então que é?

— É o estares gasto, primo.

— Estarei para as impressões estultas e prejudiciais; mas para amar tua filha, tenho a energia de alma dos vinte anos. Desmente-me Beatriz?

— Não: pelo contrário, diz que tu a adoras.

— Pois bem: que outro galardão querias tu como pai?

— Nenhum outro, primo Mesquita. O que eu receio, repito, é que esta serenidade desfeche em fastio...

— Não receies, meu amigo. Eu sinto-me ditoso neste sequestro da sociedade, e encho do meu contentamento o coração de minha mulher. Temos horas de passeio, de conversação e de leitura. E depois — ajuntou Nicolau sorrindo -, possuímos bons estômagos, e dormimos muitas horas, e acordamos alegres. Esta é que é a verdadeira, a legítima, a sadia, a patriarcal existência de nossos avós, primo Martinho Xavier.

— Está bom... — murmurou o pai de Beatriz, concluindo com erguer os ombros, fechando as pálpebras.

Passaram seis meses. Voltou Martinho Xavier, e atentou no rosto desbotado da filha.

— Tu padeces, Beatriz? — perguntou o pai fagueiramente.

— Não, Senhor: vivo triste. Que oito meses tão vagarosos! Parece que estou há oito anos a olhar para estas árvores. Passam-se dias e semanas que eu não saio de casa! Onde hei de eu ir? Ver correr a água do Tâmega? Estou farta de ver o Tâmega. Dantes ia à missa aos Domingos, mas o primo Nicolau está a dormir até tarde, e nem à missa vai. Eu deito-me ao escurecer, e ele fica a jogar o voltarete com o reitor e com o administrador do concelho até às onze. Depois vai cear, e obriga-me a cear também. Que vida, meu pai!... Eu sou realmente muito amiga de meu primo, mas não sei de que nos serve a riqueza aqui metidos neste ermo, sem ver ninguém! Tenho tantas saudades de si, e da nossa casa, e das minhas amigas! A Teresinha Pizarro fala de mim? Que mais feliz foi a Laura Canavarro, que me escreveu de Leça da Palmeira, onde está a banhos, e já foi a dois bailes no Porto! E a Francisquinha de Vilalva casa com o primo Rafael?

— Ora, menina! o primo Rafael está cada vez mais azougado daquela cabeça! Chegou de Espanha há dois meses, esteve em casa uns quinze dias a recompor a saúde, pediu a Francisca de Vilalva, e lá foi levado para Basto porque viu nas

águas de Verim uma menina da casa de Viade, e de Basto irá atrás de outra menina de qualquer casa. É um doido desmarcado!

— Ele falou-lhe de mim?

— Falou; perguntou-me se estavas contente.

— E o pai que lhe disse?

— Que havia de eu dizer-lhe?! que estavas contentíssima.

— Fez bem. Não quero que ele se vingue.

— Vingar-se de quê? Pois tu deste-lhe motivo de ódio?

— Não... mas...

— Explica-te.

— O pai bem sabia que ele me fazia a corte.

— Uma brincadeira...

— Pois sim, mas, se eu fosse constante... vinha a casar com ele.

— Deus te livre, filha! Aquele homem há de ser o flagelo da mulher com quem casar...

— Quem sabe!..

— Sei-o eu. Antes infeliz com teu primo. Este, ao menos, é um esposo leal, inseparável de ti, bom administrador de casa, e respeitado de todos. O outro vem a dar cabo do que tem, e está-se desonrando todos os dias com toda a casta de extravagância. O que lhe vale é ter pai, que vai tendo mão na manta, e a grande herança que teve de uma tia; se não, a grande casa de Faiões estava espatifada. Minha filha, dá louvores a Deus por teres casado com um homem, que te livra de casares com Rafael. Quanto mais não seja, só por isto fizeste um ótimo casamento.

Beatriz calou-se. Vinha entrando o marido com uma enorme pêra de sete cotovelos.

— Veja que prodigiosa pêra, primo Xavier! — disse ele.

— É admirável!

— Tenho magníficas frutas! Mandei fazer enxertos de pereiras francesas. Daqui a dois anos o pomar mais rico de Trás-os-Montes há de ser o nosso. Tu verás, Beatriz! Em França há, no gênero pêra, duzentas e tantas variedades.

— Porque não vais mostrar Paris a tua prima? atalhou Martinho.

— Ora essa! — acudiu Nicolau. — Se deixávamos a nossa casa para ir ver as paredes das casas dos outros!... Beatriz está farta de ver Paris nas estampas, que eu lhe explico perfeitamente. Pois toda a terra é mais para se ver na cópia que no original.

— Ao menos vai até Lisboa ver a parentela que lá temos — replicou o fidalgo flaviense.

— Pior! — redarguiu o genro. — Minha mulher dispensa ver o D. José, da memória do Terreiro do Paço, e as parentas contemporâneas da memória. Quando cheguei de Bruxelas em mil oitocentos e trinta e quatro, fui procurar os numerosos Mesquitas, que por lá estão em Lisboa, e achei uma gente esquisita, que me perguntava se nós cá na província tomávamos chá. As mulheres pareciam girafas empalhadas. Pelos modos e idade, creio que desde minha bisavó as nossas parentas de Lisboa embalsamaram-se em vida, e ficaram repimpadas na suas poltronas, à espera da trombeta do Juízo Final. Querias tu que eu fosse mostrar esta parentela gótica a minha mulher? Deus a livre, que a pobrezinha havia de cuidar que a metiam num salão subterrâneo de Pompeia a conversar com as múmias de alguma família, surpreendida, em oração mental aos deuses, pela onda do betume.

— Está decidido que não sais de Vidago — retorquiu Martinho.

— Isso não sei; mas por enquanto a necessidade não obriga, salvo se Beatriz o exigir.

— Eu queria, ao menos, ir estar em casa do meu pai algum tempo... — disse a senhora.

Nicolau involuntariamente franziu o sobrolho, e disse:

— Já se vê que não estás o melhor possível com teu marido...

— Falsa interpretação! — acudiu o pai. — A menina não dizia isso, primo. Saudades da casa paterna implicam o bem-estar com o marido?

— É conforme... — atalhou Nicolau. — Pois sim, iremos a Chaves.

— Não vamos, não, primo — atalhou Beatriz despeitada, simulando conformidade.

— Então vamos ou não vamos? — perguntou o marido, entre risonho e contrariado.

— O que for da tua vontade — respondeu ela afavelmente, sopesando o despeito, como quem, apesar do melindre magoado, queria ir.

De feito, ao outro dia partiram para Chaves.

Beatriz cobrou as cores e a alegria dos olhos, assim que viu a janela do seu quarto, e os craveiros em flor, que ela cultivara. Parecia-lhe a ela que amava mais seu marido ali. Apareceram-lhe as amigas da infância, alegres, buliçosas, esplêndidas de vida, contando-lhe os seus amores, as suas esperanças, as venturas de outras amigas. E Beatriz escutava a chilreada destas avezinhas com os olhos aguados, e o coração cerrado. Por supremo esforço, desprendia um sorriso, e então era pior, que as lágrimas rebentavam para afogar a falsa expressão do seio angustiado.

Correu logo a notícia de vida desventurosa de Beatriz. Os tios dela afoitamente exprobaram a Nicolau a reclusão e estiolamento em que tinha os dezoito anos da pobre menina; acrescentando que para escura sorte a havia criado o pai com tanto mimo.

Isto agastou grandemente o morgado. A resposta foi aspérrima, e contraditada com assomos de ira e excessos de palavras. O resultado foi Nicolau, ao fim de quatro dias, ordenar a sua mulher que se despedisse, para no dia seguinte voltar a Palmeira.

Beatriz obedeceu silenciosamente. Desde este momento a casa dos Vahias parecia de luto. Nicolau deixou ir sua esposa despedir-se em companhia do pai, pretextando impedimento de saúde.

Estava Beatriz em casa de suas primas Canavarros, quando Rafael Garção entrou, vindo de Basto.

Viu Beatriz, fez pé atrás, e não teve mão de si, exclamando:

— Como está mudada, prima!

Beatriz abaixou os olhos com imensa dor.

— E eu que a considerava tão afortunada! — tornou Rafael.

— E quem te disse a ti que ela o não é?! — interveio Martinho Xavier, de má sombra.

— Diz-mo aquele rosto, que era formoso e ridente como o do anjo da alegria! — respondeu impavidamente o leitor de Richardson e Byron.

— Pode-se padecer do corpo, e ser-se feliz da alma... — contrariou Martinho.

— Isso não sei — contraveio o morgado de Faiões.

— Sei eu.

— Pois muito estimo que a mudança de rosto de minha prima seja uma leve doença — tornou Rafael.

Martinho Xavier levantou-se, dando sinal de saída à filha, que abraçou tristemente as primas, e estendeu a mão a Rafael, sem o fitar no rosto.

Ao outro dia, partiram para o Vidago aquelas duas almas que providencialmente se tinham unido por ocultos desígnios, que me não edificam, nem provam o bom regimento e ordenação deste globo. Seja perdoada esta míngua de admiração ao mal afiado acume do meu espírito. O ver sucessivamente a desgraça própria e as alheias dispara afinal numa cegueira de entendimento. É o que penso de mim, sem com isto me querer ingerir num cantinho deste romance.

Nicolau de Mesquita sentia-se mudado. Via-se interiormente. Há uma visão interior, intuspecção dolorosa em que a gente vê estar-se-lhe a alma enrugando, apanhando e envelhecendo. Queria desabafá-la em carícias à mulher; mas faltava-lhe o ar expansivo, aquele dilatar-se o coração para receber

as lágrimas refrigerantes da mulher que nos ama, e perdoa as faltas, o desamor e as iniquidades.

Concentrou-se.

Pode ser que ela o divertisse da sua introversão, se o acariciasse, mas Beatriz sofria mais que o marido, e começava a detestá-lo. A precisada de carícias era ela, que duas angústias apertavam: a saudade, e o terror do porvir: o passado amor, renascido com a presença de Rafael; e o suplício adveniente com o rancor que ela sentia empeçonhar-lhe o íntimo d'alma e a consciência de sua irremediável desgraça.

Sem embargo disto, os dois esposos viam-se a todas as horas, e trocavam expressões vãs.

— Porque sofres, prima? — perguntava ele.

— Eu não sofro.

— Mas que tristeza é essa?

— Sinto-me adoentada. E tu que tens, Nicolau?

— Nada, Beatriz.

— Mas estás tão pensativo!...

— Medito na nossa sorte, e vejo que nos enganamos. Esta vida solitária não quadra ao teu gênio. Tu querias os brinquedos de solteira; e eu casei tarde para lhes achar prazer.

O silêncio de Beatriz irritava-o; mas a delicadeza continha-o.

E, por este teor, travavam curtos diálogos, que rematavam em raiva sufocada.

Um dia, Beatriz não saiu do leito para a mesa do almoço. Nicolau mandou-lhe a bandeja ao quarto pela criada. Daí a pouco foi ele, e viu intacto o almoço.

— Porque não comes? — perguntou ele.

— Não posso — respondeu secamente a senhora.

— Queres que chame um cirurgião?

— A minha doença não a curam cirurgiões: há de curar-ma... bem cedo a morte.

Nicolau riu-se sarcasticamente.

Sentou-se Beatriz no leito, e escondeu entre as mãos o rosto, para abafar soluços.

O marido contemplou-a com azedume, afastou-se.

Saiu; foi emboscar-se no arvoredado da quinta; e meditou meia hora.

Quando cessou de meditar, sentia saudades de Margarida Froment.

## **CAPÍTULO 7**

Saudades de Margarida Froment?

A pergunta pode abonar a candura, mas não abona a experiência de quem se dignou fazer-ma.

Saudades de Margarida, porque havia sido amada apaixonadamente.

Porque era ainda bela, quando foi abandonada.

Porque houvera um homem que a tomara desprezada nos braços, e a mostrava ao mundo com soberba de a possuir.

Porque esse homem era moço, gentil, fidalgo, e requestado das mais extremadas formosuras da província.

Porque esse homem, em vez de escondê-la nas sombras de umas árvores, galeava pomposamente com ela, ofuscando os olhos pávidos da moral pública.

Porque Margarida tinha prodigiosas graças, de que Nicolau se estava lembrando agora.

Porque Margarida, sobre ser espirituosa, era um talento, que bastava a entreter e lisonjear o mais cobiçoso espírito.

Porque Margarida lhe havia sido leal até ao último momento de ser grosseiramente repelida.

Porque chorava, quando ele cruamente a odiava.

Porque era bela, digamo-lo segunda vez, porque era bela.

E mais que tudo, porque era de outro.

Aqui estão os porquês da miséria do coração de Nicolau de Mesquita, barro comum da humanidade, miséria deplorável, que importa chorarmos todos, por ser nossa a miséria, e não sabermos como se pode com lodo e lágrimas reconstruir uma coisa melhor do que a fez o Criador.

Peregrina beleza era Beatriz; esposa casta e paciente nenhuma se lhe avantajava; mulher para o ideal e anjo para a sensação, nenhuma como ela; virtudes, graças, lágrimas do seio sem mácula: tudo que mais prende o amor, e a misericórdia quando o amor se extingue; tudo superabundava na esposa de dezessete anos; mas Beatriz era de Nicolau indissolúvelmente, e Margarida estava sendo de Ricardo.

Que repulsivo confronto entre as duas mulheres! Que mal premiada a honra, sujeita a comparações tão aviltantes!

Ora, a saudade do morgado da Palmeira excruciava-o. Era um ferro candente a fistular-lhe as entranhas. Da quinta do Porto, onde se anojara cinco anos, recordava-se como Lúcifer do Céu. Parecia-lhe que Beatriz era o arcanjo do montante de fogo, a repulsá-lo eternamente das delícias do coração. Fugia de si mesmo como corrido de sua ignomínia. Punha os olhos suplicantes no oratório de sua mãe. Apertava ao seio a esposa, como se esperasse apagar a flama infernal em contato da mulher pura. Margarida arrancava-o pelos cabelos dos braços da esposa, arrastava-o até se assentar com ele nalguma amenidade das florestas, e aí lhe dizia as frases embriagantes dos primeiros meses da sua paixão em Bruxelas, ou, debulhada em lágrimas, se queixava da ingratidão com que ele desamparara a mulher, por amor dele perdida, sem amigos, sem mãe, sem mando e talvez sem pão.

Era um suplício expiador! Nicolau conheceu que era preciso Deus para a misericórdia, logo que lhe reconheceu a mão no peso do castigo. Não bastava o

amor desesperançado: cumpria que o remorso lhe envenenasse o sangue: remorso de infamar um amigo e de lhe atirar ao gozo dos homens a mulher infamada!

Tinha momentos de contemplá-lo com pavor Beatriz. Falava-lhe, e ele estremecia, articulando desatinos. Punha-lhe a mão no rosto abraseado, e ele repelia os afagos, e voltava depois a procurá-los, chorando.

Beatriz mandou secretamente chamar o pai.

Assim que Nicolau pressentiu Martinho Xavier no pátio de sua casa, saiu enraivecido, e voltou depois envergonhado de sua raiva, sem dar tino da razão da fuga, nem da vergonha.

A atribulada senhora contara ao pai a incompreensível agitação do marido. Martinho chorava abraçado à filha, quando Nicolau entrou. O lance foi acerbo! Nicolau acercou-se de ambos, abraçou-os, e disse com voz balbuciante:

— Eu fiz a vossa desgraça e a minha. Perdoai-me!

Beatriz condeou-se. O pai levou-o nos braços à sala imediata, gesticulando à filha que os não seguisse, e perguntou:

— Isto que é, primo Mesquita? Que mal te fazemos nós?

— Queixei-me eu de ti ou de Beatriz? — disse maviosamente o morgado.

— É arrependimento de te haveres casado?

— É... Arrependimento de infelicitar a tua filha digna de uma alma estranha aos vícios e às vilanias atrozes.

— Pois bem, Nicolau... remediemos o remediável. Se a presença da minha filha te atormenta, eu levo-a para minha casa, que também é tua e dela. Se o amor tornar, vai buscá-la; se, sem Beatriz, viveres mais tranquilo, deixá-la estar em Chaves.

— Não!... — atalhou o morgado. — A minha desgraça não se remedeia assim, nem doutro modo. É um anátema! e um cálix intransitivo. Hei de bebê-lo trago a trago!...

— Santo Deus! — acudiu Martinho Xavier — que segredo é esse da tua vida? Se te eu visse na sociedade, cuidaria que te apaixonaste, primo! E então apelaria do teu coração para a tua honra.

— E se eu não tivesse honra!... — exclamou Nicolau e saiu impetuosamente da sala.

Martinho perguntou à filha:

— Teu marido recebe cartas suspeitas?

— Não, que eu saiba, meu pai. Recebe jornais, e raras vezes tem cartas de França.

— E essas cartas sabes o que elas contêm?

— Sei, porque são de um português, e nada dizem de suspeito. Só, aqui há tempos, li uma, que falava numa Margarida, e entendi que era a francesa do Ricardo de Almeida. Vim a saber que ela era casada, porque diz assim pouco mais ou menos: “O marido de Margarida está gordo e devasso; e desforra-se.” Não percebi isto, nem me importou. Perguntei ao primo se a tal francesa era casada, e ele respondeu-me bruscamente que não sabia, nem eu me devia importar com as cartas que ele recebia. Porque me pergunta o pai se ele recebe cartas suspeitas?

— Nada, filha.

— Desconfia que ele ame outra mulher? — instou ela alvoroçada.

— Desconfiei.

— É impossível! — exclamou Beatriz. — Quem há de ser? Aqui ninguém vem; nós não vamos a parte nenhuma.

— Então que supões tu desta pasmosa torvação de teu marido?

— Que me aborrece.

— Não é assim.

— É, meu pai. Ele não pode deixar de sentir por mim o que eu sinto por ele.

— Pois não o amas, Beatriz?

— Como hei de eu amá-lo neste martírio? Sabe lá o que eu sofro há dez meses! E então, nos últimos três, não tenho refrigério... Uma hora abraça-me, outra repele-me. Já temi que ele endoidecesse... Meu pai — prosseguiu ela com veemente fervor de súplica -, tire-me daqui, leve-me para si, restitua-me uma parte da satisfação que eu tinha de viver, antes desta fatalidade!

— Paciência por alguns dias, filha! — replicou o pai enternecido a pranto. — Isso não pode ser assim. O mundo assacaria aleivosias desonrosas para todos. Já agora tem força por mais algum tempo; é o teu bom pai que to pede.

— Terei — disse resignada Beatriz.

Martinho deteve-se alguns dias no Vidago e saía com frequência a longos passeios a cavalo com o genro. Da mesmidade dos anos, da amizade da infância e sobretudo da necessidade de expansão, resultou que o morgado da Palmeira, num daqueles passeios, comunicasse ao primo os pormenores todos da sua angústia. O assombro de Martinho Xavier foi aflitivo. Pôde muito consigo que não lançasse em rosto ao marido de sua filha a protérvia, a perfídia, a vilania com que tramara o engano do encontro com a francesa em Vila Pouca; e mais ainda o vilipêndio de emparelhar o amor de sua filha com o de uma colareja transmissível de homem para homem. Era santa a indignação do pai!

Ouviu-o silencioso, e apenas lhe disse:

— Vence-te, se puderes; se te não puderes vencer, dá-me minha filha, e vai disputar essa mulher a teu primo Ricardo, que eu creio que lha tiras; e ele ou outro, quando estiveres saciado, ta virão tirar.

Nicolau punziu-se e arrependeu-se da revelação. Exigiu-lhe o juramento de calar o segredo a sua mulher.

Martinho Xavier respondeu:

— Quando se trata de afrontar minha filha, escuso de jurar que não hei de afrontá-la. O que eu te peço é que a deixes ir estar quinze dias em minha companhia.

— Pois sim, mas dispensa-me de acompanhá-la. Espero que a solidão e meditação me curem. Logo que me eu sinta mais tratável, irei buscá-la, e passarei contigo algumas semanas. Iremos todos a Madrid; eu mudarei de vida, entrarei outra vez no mundo; e darei à minha pobre Beatriz o contentamento que lhe roubei.

— Deus te oiça! — exclamou jubilosamente Martinho Xavier.

Beatriz cuidou de abafar de alegria, quando o pai lhe noticiou a ida. Tratou de emalar os seus adornos com tal presteza, e de tamanho afogadilho, que de sobra denotava a leveza dos dezessete anos, e a fácil transposição do seu espírito da dor para o contentamento. Nicolau despediu-se dela com os olhos a reverem lágrimas. Os de Beatriz nem de leve se marejaram. Partiram.

Neste mesmo dia abriu Nicolau de Mesquita a Coalisão, jornal portuense, e, acaso, relanceando a vista ao folhetim, depararam-se-lhe as palavras Margarida Froment.

Leu o folhetim, que se intitulava:

#### A BEIRA-MAR

Era uma mescla de verso e prosa, consoante o gosto dos literatos anfíbios daquele tempo. Começava assim neste estilo fraldoso e apoplético, vulgarmente chamado bíblico:

“E o teu cantar é saudoso  
como o das filhas de Israel  
às abras das águas plangitivas do Eufrates.  
E as harpas eólias gemem  
bafejadas por teus lábios,  
como a cítara de Saul.  
Oh Agar, sentada  
nas areias estuosas do deserto de Bersabé!  
Canta, canta, oh filha das lágrimas!  
Ai! quantas vezes, ó triste,  
Esse teu amargo pranto  
Desafogaste no canto!  
Ai! quantas vezes sentiste

Mais precisão de chorar!...  
Ai! canta, canta, que há lágrimas  
No teu dorido cantar!  
Ao cantar te acode a infância  
Com seus sorrisos e flores;  
Feres notas que te falam  
Como falavam amores,  
Outras são gemidos d'alma  
Mas todas têm seu gozar!  
Ai, canta, canta, anjo triste,  
Quando quiseres chorar!

E o arcanjo daqueles hinos tem sobre a terra um nome. Na linguagem de homens chama-se Margarida Froment; mas, nos arquivos do Céu, o nome que tem é Mártir do Coração.

Porque o teu seio foi alanceado fibra a fibra pelo primeiro precito, que te esculpiu um anátema na fronte, onde os raios fúlgidos do sol desciam a roubar seu esplendor!

E esse maldito de Deus feriu-te na asa de anjo, ó pomba dos páramos olímpicos, e tu caíste ao tremedal da humanidade.

Ó Margarida! quem sabe aí dizer sobre a terra a elegia das tuas angústias!

E eu vi-te por uma dessas noites esplêndidas, como as sonha o árabe no dulcíssimo torpor dos seus mágicos narcóticos!

Iluminavas o inferno deste mundo, oh huri, enviada pelo Deus dos ismaelitas.

A tua beleza era o arrebol matutino.

E os teus olhos afuzilavam torrentes elétricas como os relâmpagos abertos da mão de Jeová nas cumeadas do Sinai.

E os teus lábios desprenderam um cantar, cuja maviosidade fazia chorar os anjos no Céu, e os demônios no Inferno.

E o homem, que te havia roubado aos braços do esposo, esse não chorava, porque uma aragem da região glacial das trevas lhe tinha congelado as

glândulas, e o sangue nos pulmões, e fizera daquele coração um cinerário hediondo, como os pomos de Pentápolis!

Oh Margarida, que dor será a tua, insondável e imensíssima, quando o coração te paira por terras de França, e vês a mãe que se carpe, e o marido que aperta ao seio o inútil punhal de sua vingança!...

Ai! canta, canta, que há lágrimas  
No teu dorido cantar!  
Ai! quantas vezes sentiste  
Mais precisão de chorar...  
Ai! canta, canta, anjo triste!.”

Seria crueza dar a cópia integral do folhetim, que ao diante, era muito mais puxado do peito, e menos inteligível.

O poeta datara-o na Foz, em Outubro de 1840.

Uma local do mesmo número da gazeta, dizia:

“À BEIRA-MAR. Com este título publicamos hoje um folhetim de um nosso amigo, que tão brilhantemente se estreia. As letras pátrias devem esperar deste mancebo frutos tão sazoados quanto as flores são belas. À parte o talento, se não o gênio, do mavioso poeta, devemos confessar que o motivo de sua inspiração não podia sair com menos de uma obra-prima. Também tivemos a honra e o júbilo de escutar ontem à noite a voz melodiosíssima de Mad. Margarida Froment, dama já conhecida por sua beleza e inteligência. Agradecemos cordialmente ao cavalheiro Ricardo de Almeida o convite que nos proporcionou ajuntarmos o nosso brado de admiração ao de tantos, que se gozaram o prazer de ouvir a hóspeda de Sua Excelência. Do folhetim do nosso jovem amigo infere-se que há profundas e ao mesmo tempo sublimes dores no coração desta senhora. Ai da consciência do refalsado caráter que privou a sociedade de uma glória!

Que o mundo é inexorável com as desgraçadas, que, ainda abatidas do Céu, roçam as nuvens com a fronte. Silêncio! Saudemos o formoso anjo da harmonia,

e não perguntemos a Deus porque não teve mão desta filha querida, ao despenhar-se!”

Nicolau de Mesquita leu a chorar as últimas linhas desta notícia.

## **CAPÍTULO 8**

Ricardo de Almeida sentiu no seu braço o tremor do braço de Margarida, quando, por noite de lua cheia, passeavam à beira-Douro, no sítio de Sovereiras, em S. João da Foz. Naquele relanço perpassara por eles um encapotado.

A francesa vira uns olhos faiscantes por sobre a fímbria aveludada da capa: eram os olhos de Nicolau de Mesquita. Voltara o pescoço para observar-lhe o andar: reconheceu-o.

— É o Mesquita! — murmurou ela assustada, amiudando o andar.

— Devagar! — disse o fidalgo de Pontido. — Que importa que seja?!

— Dizes bem... que importa que seja?

Nicolau voltara ao enalço deles apertando o pé. Ricardo de Almeida deu tino disto, e afrouxou o passo. Margarida tirava por ele com força.

— Que significa este medo? — perguntou o moço, ofendido da inquietação da francesa.

— Nada, meu amor — disse ela.

Ricardo parou, e Nicolau foi avante.

— Queria ver-te indiferente à aparição deste homem! — observou Ricardo com intenção, e gesto magoado.

— Criança! — ciciou ela com encantador sorriso. A indiferença é o desprezo, e eu odeio.

Entraram silenciosos em casa, e viram ao longe o vulto na esplanada que entesta com a fortaleza. Ricardo saiu rebufado e armado. O do Vidago já lá não estava. Deteve-se o indiscreto cioso nas travessas vizinhas de sua casa.

Eram onze horas.

A francesa abriu as janelas, sentou-se ao piano, e cantou uma romança francesa. As vibrações da voz eram desnaturais. Havia a paixão da saudade naquele cantar.

Nicolau de Mesquita escutava-a da janela do hotel, e Ricardo da escuridão de uma viela intransitada.

Calou-se a voz.

O marido de Beatriz sentou-se a escrever a quinta folha de uma carta a Margarida. O castelão de Aguiar foi de manso, por sobre tapetes, até ao piano de Margarida, e surpreendeu-a com os cotovelos apoiados no teclado, e o rosto entre as mãos. Tocou-lhe no ombro: ela expediu um grito argentino como a mais alta das notas que acabava de cantar, e sorriu-se, por lhe ser mais pronto o riso que as lágrimas.

— Tu amas Nicolau? — perguntou Ricardo com uma precipitação infantil.

— Que sensaboria! — disse Margarida, e abaixou a fronte carregada.

— Porque estás triste? Que recordas?

— O tempo em que eu era feliz, meu amigo.

— Com Nicolau?

— Não: com minha mãe, com meu marido, com a estimação própria, e com a estimação do mundo.

— E é Nicolau quem te desperta essas recordações?

— Naturalmente... Foi ele quem tudo me roubou.

— Então não o amas? — voltou ele com muita ternura, beijando-lhe as mãos.

— Nem que ele me restituísse tudo o que perdi.

No dia seguinte, o jóquei de Ricardo apresentou a Margarida, na ausência do amo, uma carta volumosa.

— Quem te deu isto? — perguntou a francesa.

— Um criado do Hotel Inglês.

Margarida leu as vinte laudas; quando a vista se lhe turvava, depunha a carta e enxugava os olhos. Finda a leitura, escreveu na margem da última folha: Esta carta é o prefácio da minha vingança. Lacrou-a e devolveu-a pelo jóquei, dizendo:

— Se trouxeres outra, envio-te com ela a teu amo.

Assim que Ricardo entrou, Margarida foi cariciosamente aos braços dele, e disse:

— Amanhã sai um vapor para Lisboa. Vamos, Ricardo?

— Vamos. Tens medo de fraquear, Margarida?

— Não. Se eu pudesse fraquear, a mudança de terra seria debilitar-me, em vez de robustecer-me.

Na tarde deste dia, Nicolau de Mesquita viu passar em carro Margarida e Ricardo, caminho do Porto. Esperou-os no regresso até noite alta. Era uma cabeça perdida, a esta hora, a do miserando homem! Sabia que tinha duas pistolas entre mãos, e que sobre sua cabeça ia estalar a maior e última tempestade. O alvor da manhã bruniu-lhe o rosto lívido de um verniz embaciado de cadáver. Ao raiar do sol foi para casa, que Margarida e Ricardo não voltaram.

Às dez horas, estava febril no leito. Na sala do hotel, próxima do seu quarto, conversavam algumas vozes. Eram cavalheiros da província. Dizia um:

— O Ricardo e a francesa embarcaram para Lisboa às nove horas.

— Gasta como um príncipe o transmontano!

— Que fortuna tem ele?

— Dizem que está vendendo.

— A mulher vale bem a pena de gastar-se a fortuna, e ficar a gente com a doce recordação de a ter tido a ela.

- Não pensou assim Nicolau de Mesquita, o antigo possuidor.
  - Nunca vi esse leão.
  - Conheci-o eu. Foi ele quem a tirou ao marido. Teve-a por aí com modesto recato. Depois, foi casar-se na província com a mais bonita criança que os meus olhos viram em Chaves, e nas primeiras cidades da Europa. Aquilo é que é saber viver!
  - Mas a Margarida Froment é uma grande mulher!... Confessem...
  - Confessamos, mas quem a faz maior é o patavina do Ricardo! Estas soirées que ele dá são de um ridículo monumental! Apresentou-ma como sua hóspeda! Que baboseira! A gente faz-se tola, e vai ser apresentado à hóspeda...
  - Assim é que se faz o escândalo por grosso.
  - Quando ele tiver vendido as ameias de um castelo, que tem na província, a hóspeda muda de hospedaria.
  - Tomaras tu que ela mandasse preparar aposentos em tua casa...
  - Pagando-mos.
  - Maganão! por tua vontade não espera ela que o Ricardo venda os torreões do solar dos Almeidas por quem sempre o Tejo chora... Era pública e notória a tua paixão.
  - Gostava dela: não há nada mais humano.
  - Mas parece que não mareaste bem naquele rumo... Foste a pique, hem?
  - Há derrotas que são triunfos. Fez-me o favor de me oferecer a sua amizade fraternal.
  - Que irmã! É uma honra ser irmão daquela Margarida!...
  - Confessemos que a mulher é leal. Ave rara nesta terra!
  - E mais rara nas aves arribadas de França.
- O falario prosseguiu. Nicolau ouvira tudo encostado aos alizares da porta.

Entrou um novo interlocutor, que foi muito festejado. Era Rafael Garção, que chegava de Chaves.

— Aqui está quem conhece Ricardo de Almeida... Sabes que ele foi hoje para Lisboa com a francesa?

— Foi?! ó diabo! eu vinha conquistar a francesa! disse Rafael. — Nunca a vi! E eu não posso ser mais que César. É preciso ver para vencer; por enquanto, apenas fiz o que pude: cheguei.

— Vens mal informado! É de uma fidelidade, que toca os limites do escândalo. Vinhas a isso?

— Algum de vocês conhece Nicolau de Mesquita? Perguntou Rafael.

— O antecessor de Ricardo?...

— Como antecessor de Ricardo?! Que tem a francesa com o Mesquita?... "

— Estás em dia!... Pois não sabes que o Mesquita veio de França com esta mulher?

— Na província ignora-se essa coisa... Pois... Vocês têm a certeza...?

— Vi-os eu no Porto, desde mil oitocentos e trinta e quatro até mil oitocentos e trinta e nove. Isto é do domínio universal desde a Rua da Reboleira até à Viela de Fradelos, na Cidade Invicta!

— Sabem se ele está por aí, o Mesquita?

— Não.

— Deve estar, e eu vim procurá-lo. Saí de Chaves a buscá-lo em casa. Disseram-me que ele tinha saído para Vila Real. Em Vila Real tive notícias que ele passara em Amarante. Em Amarante disseram-me que o tinham encontrado em Baltar. O homem está aqui e agora me convenço de que a francesa não é estranha a esta misteriosa jornada. Pobre Beatriz! Lembras-te daquela minha prima que te mostrei em Chaves, Albuquerque?

— Ainda há pouco falei dela. Que linda mulher! Já sei que ela casou com o Mesquita. Não lhe fazias tu a corte naquele tempo?

— Amei-a com o único amor nobre e santo que tenho experimentado; mas, como tudo que é nobre e santo não apegar nesta lama do mundo, assim que a vi desprezar o voo para as serenas regiões do matrimônio, agarrei-me ao pandeiro de uma andaluza, e fui, terras de Castela dentro, em conquista daquele galego coração, que só me compreendeu, depois que eu lhe mostrei um portemonnaie maior que o coração. Quando voltei, achei minha prima casada com o primo Nicolau. As melhores flores daquele rosto estavam amortecidas; mas, ainda assim, não sei de outra mais linda. Há de haver seis dias que cheguei a Chaves, e encontrei grande agitação em casa do tio Martinho Xavier. Era Beatriz que estava em perigo de vida a lançar golfadas de sangue...

Abriam-se de golpe as portas de um quarto, e apareceu Nicolau de Mesquita, com as faces incendidas e os cabelos descompostos. Volveram todos àquele ponto os olhos, e Rafael Garção vacilou em reconhecê-lo.

— O Senhor Rafael Garção pode entrar no quarto de Nicolau de Mesquita — disse o morgado num tom solene, que pareceria ficção teatral, se ele não estivesse febricitante.

O de Faiões entrou como espavorido daquele aspecto esgazeado.

— Minha mulher que tem? — perguntou Nicolau com a respiração ansiada.

— Não a vi. Encarregou-me o tio Martinho de procurar o Senhor Mesquita, e dizer-lhe que a prima Beatriz estava em perigo. Quis desempenhar o recado, e vim dar-lho ao Porto.

— Eu parto sem demora. O Senhor Rafael Garção vai dar-me sua palavra de honra de ocultar de minha prima que me encontrou aqui? — disse solenemente Nicolau.

— É escusada a solenidade do juramento, Senhor Mesquita.

— Dirá que me foi procurar à quinta de Murça.

— O que Vossa Excelência quiser que eu diga.

— E, se ela tiver morrido, meu Deus! — exclamou o morgado. — Pois o Céu há de castigar-me assim, por eu não saber esconder neste perdido coração aquele anjo! Oh!... que infernais abismos eu tenho cavado em redor de mim!... Hei de

afinal despedaçar-me, como aquela maldita vaticinou!... Ali fora, Senhor Rafael, contaram-lhe o meu opróbrio! Não sabe, não sabe que aviltada alma é a minha!... Eu vim aqui por amor de uma mulher perdida, que passeia orgulhosamente a sua devassidão à luz do sol. É uma condenação de que não pôde salvar-me a mulher sem nódoa, a doce e celestial criatura, que eu amo tanto!... Deus não ma há de levar! Tão nova e tão linda!... Como eu a adoro, Senhor Garção!... Creia que eu amo minha mulher com o ardentíssimo fogo de um remorso, que me está sendo a tortura dos réprobos...

Rafael ouvia-o espantado. A gesticulação e o cavernoso do clamor impressionavam; mas Rafael era fútil de mais para ponderar a ingente dor, que se desentranhava em termos da tragédia velha.

O leitor naturalmente faz o que não fez o frívolo morgado de Faiões: é capaz de rir-se, e perguntar-me que espécie de doidice é a de Nicolau de Mesquita.

É uma espécie de doidice, que se chama a razão humana. À gente de juízo pode ofendê-la a resposta paradoxal; mas os filósofos, que também são uma especialidade de doidos, hão de admitir-ma em sã e escorreita dialética.

Levaremos o véu, onde ele não estiver roto, de sobre o coração do morgado da Palmeira.

Chegara ele à Foz com a alma lanhada de remorsos, e a cabeça estonteada de uma vertigem de amor. Estas duas paixões exacerbavam-se uma à outra. Sem a saudade, o remorso seria quimera.

Margarida era, ou parecia, feliz: despontaram-se logo os espinhos do remorso. Ficou o amor. Repeliu-o Margarida, devolvendo-lhe a carta com um sarcasmo: esvaiu-se o amor. Logo, nem amor, nem remorso.

Outras duas paixões o assaltaram logo: o orgulho, e o rancor. Estas duas paixões queria Nicolau de Mesquita desabafá-las pelas bocas das pistolas; porém, como as vítimas se furtaram à hecatomba, sobrevieram as agonias, da vingança malograda, e logo a febre. Ora, desde que as doenças mais se consubstanciam no corpo e submetem às prescrições da patologia médica, a individualidade da alma aniquila-se, e a paixão, degenerada em desconcerto dos sistemas sanguíneo e nervoso, ou se cura medicinalmente, ou mata, com o pseudônimo de congestão cerebral, febre tifóide, ou qualquer nomenclatura

significativa de que a pessoa, sem dúvida nenhuma, está bem morta. Os convalescentes destes ataques — e raros são os que sucumbem -, assim que o sangue lhes funciona normalmente, sentem-se por igual aliviados de alma e corpo. A vertigem, que os quebrantou, deixa leves estragos no espírito, remediáveis com a mera ação do tempo. Nicolau de Mesquita, agudissimamente afetado, como se viu, fez crise em menos de vinte e quatro horas, porque a seu favor conspiraram calmantes muito eficazes. A palestra dos provincianos, desdourando Margarida, embaciara-lhe o prestígio. Bem sabem que barômetro é este do prestígio para graduar a temperatura do coração humano. Ao mesmo tempo, os encarecimentos à formosura de Beatriz, sem palavra que a desairasse, sobredouravam a auréola na fronte da esposa virtuosa. Depois, neste conflito, entre o ódio a Margarida, e o amor escandecente a Beatriz, chega a nova da perigosa enfermidade. Nicolau, se pudesse escrever o relatório das suas sensações e revoluções sanguíneas, e um médico as pusesse em termos de se lerem com um embrechado de nomes gregos, a gente não entendia nada; mas acreditava que se deram grandes fenômenos no coração do morgado. O capitalíssimo de todos é que ele, depois da explosão que lhe ouvimos, não falou mais em Margarida Froment, e galopou noite e dia, arrebrandando cavalos, até chegar a Chaves.

Beatriz estava à janela, quando seu marido e Rafael apearam.

Nicolau expediu, ao vê-la, um grito de júbilo. No topo da escada tomou-a nos braços, e beijou-a sofregamente.

Era um frenesi de ternura assustador!

## **CAPÍTULO 9**

Estava ela encantadoramente desmaiada. As mulheres assim pálidas, se a palidez é sintoma de irem breve a outros mundos, devemos crer que o seu Criador começa então a namorá-las, para depois as levar para si.

O assustadiço amor de pai encarecera a doença de Beatriz. O perigo de vida fora uma ligeira hemorragia nasal, que não deu tempo a glorificarem-se as ciências médicas de mais um triunfo.

Observou o morgado um ar de ressentimento assim no rosto da esposa como no de Martinho Xavier. À cordialidade dos abraços responderam-lhe glacialmente, e às perguntas sobre a enfermidade de Beatriz davam umas respostas irônicas e enfatiadas.

Rafael Garção, no bom intento de conciliar os ânimos, contou que fora à quinta de Murça procurar o primo, e o encontrara doente, com o médico à cabeceira; e ajuntou que por pouco o não matara com a notícia da perigosa enfermidade da prima Beatriz.

O mentiroso radiou uma luz nova nos olhos de Martinho Xavier, e entreabriu nos lábios de Beatriz um sorriso de indulto. Nicolau, assim que o lançou se lhe ajeitou, apertou-lhe a mão e disse:

— Graças, meu bom amigo!

— Mentir como o Diabo, diz Voltaire – respondeu o de Faiões. — A verdade pode ser a ventura dos predestinados; porém nós, míseros pecadores, carecemos de mentir a torto e a direito, primo Mesquita.

— Sem desonra própria, nem dano alheio – acrescentou o do Vidago.

— Ah, Vossa Excelência quer moralizar-me? O lobo despe a pele, e enverga a sotaina? Primo Nicolau, quem tem uma mulher como Beatriz...

— Cale-se que podem ouvir-nos...

— Deixe estar que eu hei de castigar o Ricardo. Quem lhe há de empalmar a francesa hei de ser eu. Assim que me constar que ela está no Porto, vou lá: quero inscrever o nome de Margarida Froment numa casa em branco, que deixei entre a Aldonza Lourenzo do pandeiro, e uma primeira trágica do teatro de Amarante. Orçam na moralidade.

Arrugou-se a fronte de Nicolau de Mesquita. Pesara-lhe o ultraje: é que ele vira naquele momento Margarida Froment, encostada ao braço de seu marido, oito anos antes, repartindo recursos e consolações pelos operários da sua fábrica de Lião, enfermos, e de mãos postas a orarem pelo anjo da caridade.

Esbordava-lhe o coração de lágrimas, quando se arredou friamente do sarcástico mancebo. Foi intermitência momentânea.

Martinho Xavier abriu as suas salas, naquela noite, à sociedade flaviense. Beatriz dançou com seu marido, como há vinte anos se faria na província sem irrisão. Rafael distinguiu-se no solo inglês, e aprimorou-se numa gavota com sua prima. A gentil senhora respirava a peito cheio o ar tépido e balsâmico das salas. O cetim da cútis retingiu-se-lhe. O marido parecia-lhe outro homem e as flores das jarras figuravam-se-lhe as primeiras da sua nova primavera. Dava ares de criança; e o marido consolava-se de vê-la assim.

Seguiram-se outros bailes, e Nicolau de boa vontade em todos. Balbuciou Beatriz o desejo de residir em Chaves. Em poucos dias se passaram as preciosas decorações do palácio de Palmeira para outro de Chaves. Martinho Xavier estava em permanentes ações de graças ao Senhor dos Milagres! Via a filha feliz, e o genro transfigurado.

No viver íntimo, a mudança da índole de Beatriz fora menos sensível do que devera presumir-se. Aquele temperamento, fora da quentura dos salões, esfriava. Recebia os afagos do marido, como se ele meramente fosse o tio Nicolau. Ela mesma não sabia dar-se conta da atonia da sua alma. Parecia-lhe que o tinha amado um ano antes, sem dar tento de uns cabelos brancos, que lhe listravam o bigode, nem da calvície incipiente que lhe afeiava um tanto a cabeça. Calculava, computava os anos, e chegava à exatíssima dedução de uma coisa que a mortificava: e era que o marido havia de ter cinquenta e dois anos, quando ela tivesse trinta. Nicolau era intuitivamente advertido destas secretas meditações. Revelava-lhas a razão esclarecida; mas, assim mesmo, confiava bastante de si para deixar-se avassalar de uma suspeita indecorosa a sua mulher. Erro palmar dos homens, que foram muito queridos até aos trinta anos, e se presumem encouraçados e invulneráveis às injúrias do tempo e às desgraças, que não pouparam propriamente os deuses olímpicos, e outros mais importantes deuses terrestres.

Chegado o Verão daquele ano de 1841, o morgado da Palmeira foi passar a sazão estiva no seu solar, convidando a acompanhá-lo algumas damas e cavalheiros parentes, sem olvidar-se de Rafael Garção, por quem cobrara grande estima. Se alguma hora lhe sombreou o espírito a lembrança ingrata de que fora Rafael o espiador do coração de sua mulher, acudiam-lhe à memória as palavras ouvidas no hotel da Foz com referência ao puro e respeitoso amor que lhe sagrara. As suspeitas fugiam logo envergonhadas, e a confiança

restabelecia-se, cimentada nas virtudes de Beatriz, e nas mil diversões amorosas do morgado de Faiões.

Por outro prisma via as coisas Martinho Xavier, sem embargo do conceito que formava da filha. Rafael é que para ele significava o supremo patife das duas províncias do Norte, juízo, a meu ver, moderado, atentos os adultérios, seduções e barganterias femeais, que corriam por sua conta. Assim, pois, era certo surgir, como por encanto, Martinho Xavier à beira da filha, logo que Rafael Garção se avizinhava dela sem testemunhas de acrisolada probidade. Este resguardo não o revelava ele ao genro; porém, visando ao escopo com a pontaria noutra alvo, desfazia nas qualidades do sobrinho, e contava os adultérios com tais visagens, que um marido cioso, na posição de Nicolau, teria desde logo horror do seu próprio infortúnio, e enforcaria a mulher.

O morgado ouvia as tenebrosas histórias, e dizia:

— Há de ser a quarta parte do que diz o mundo, primo Martinho. Não sejamos vulgo. Eu, antes de emigrar, gozei fama de ter um harém na minha quinta da Ribeira de Oura, e de ter obrigado cinco pais de família a enclausurarem as filhas, e de ser a causa funesta de alguns maridos aferrolharem as esposas infidas na casa do Ferro. Pois, meu amigo, sob minha palavra de cavalheiro te assevero, que antes de emigrar, apenas tinha galanteado uma tecedeira, a qual tecedeira galanteava ao mesmo tempo o meu padre capelão, e veio por fim a casar com o meu lacaio. Eu era isto, quando tu e os outros hipócritas — disse ele sorrindo — me chamáveis o terror das famílias. Pois argumenta de mim para Rafael Garção. Que sabemos nós positivamente? O que ele nos conta, com a fatuidade própria de sua idade. As atoardas que correm, quem as verifica? Os maridos infelizes? Que é deles?

— Calam-se — respondeu Martinho Xavier.

— Isso não é nas nossas montanhas, primo. Os maridos ultrajados, quando se calam, fazem falar a boca das clavinhas.

A discrição do pai de Beatriz rematava aqui o diálogo. Nicolau permanecia alguns minutos pensativo, e ia de um relanço insuspeito devassar o coração de sua mulher, e espiar os olhos do hóspede. Encontrava-os sempre distraídos um do outro, ou conversando as mais inocentes práticas, na presença de Martinho.

Num daqueles dias, ergueram-se alegres vozes subitamente na casa de Palmeira. Foi porque, findo almoço, Nicolau de Mesquita, tartamudeando de comovido, anunciou que sua esposa sentia os primeiros indícios da maternidade. Foram as senhoras beijá-la nos braços do pai, e os cavalheiros brindaram clamorosamente o vigésimo quinto senhor de Palmeira. Ao terceiro dia, ao sétimo, e ao décimo quinto, depois da nova, celebraram o júbilo com três bailes, e três jantares, e três ceias. Concorreram os poetas de Vila Real, de Chaves, de toda a terra em que Deus plantara um poeta, com capacidade de fazer um soneto.

Beatriz era infantilmente amimada por seu marido, que chorava alvoraçado pela deliciosa expectativa da paternidade! Andava ele a inventar-lhe incômodos, para ter o gozo de a desvelar com branduras e melindres, que excediam a seriedade de um marido. Receava que a chilreada dos pássaros lhe turvasse o sono matutino, e mandava à noite espancar a passarinhada das copas dos chorões. Cuidou que o aroma das flores danificasse à geração, e mandou cavar os alegretes e tabuleiros sobpostos às janelas do seu quarto. Com estas competiam outras credices não menos irrisórias.

Assim que as chuvas de Outubro ameaçaram, cuidou-se na mudança para Chaves.

Martinho Xavier contrastava a alegria de todos. Definhava-se a olhos vistos, e respondia com estranho aspeito aos cuidados de Beatriz, e com rancoroso gesto às delicadas atenções de Rafael.

Fora o caso que ele, numa antemanhã, ouvira abrir subtilmente uma porta envidraçada do quarto de Rafael, e o vira passar ao jardim, e sumir-se entre uns maciços de murta, e voltar, instantes depois, a fechar-se no quarto. Isto preocupou-o em dolorosas conjecturas.

Assim que foi dia claro, desceu Martinho Xavier ao jardim, fez umas voltas na vizinhança dos maciços, emboscou-se neles, sem ser visto. Examinou os recantos, esquadrinhando algum vestígio. Dois vasos de porcelana ladeavam a entrada de uma gruta, comada de maracujás e baunilhas. Meditou, e desistiu de atinar com o intento de Rafael. Saiu, refletiu ainda, e retrocedeu. Levantou um dos vasos, e viu que a terra seca, rebordando-lhe o fundo, indicava que não fora bulido. Examinou o outro, e descobriu claros indícios de ter sido deslocado e, na

terra em que ele assentava, o sinal de ter ali estado um corpo mais liso, pois que o restante da terra estava crespo das saliências do vaso. Inferiu que estivera ali uma carta. Assim se explica a maceração do rosto do fidalgo, e a severidade com que tratava a filha, e repulsão odienta com que afastava de si o sobrinho. Quinze dias se erguera de noite, esperando a alvorada, e malogrando-se-lhe as vigílias.

Ao anoitecer, porém, da véspera da mudança para Chaves, viu ele sair a filha apressada de entre os maciços, e responder ao marido que chamava de uma janela. Ao mesmo tempo descobriu a distância, mal embrenhado num bosque de amoreiras, o morgado de Faiões, olhando na direção das murteiras. Correu Martinho Xavier, encoberto pela ramagem, a erguer o vaso suspeito. Encontrou uma carta. O papel caiu-lhe das mãos convulsas. Quis sair; mas o tremor das pernas forçou-o a sentar-se no banco de cortiça que adornava o interior do caramanchel. Cerrara-se a noite. Ouvia fremir a folhagem perto. Era Rafael Garção, que saltava por entre uns buxos defesos à observação da casa. Acercou-se o moço lestantemente do vaso, levantou-o, palpou, esteve um instante suspenso, deixou-o baixar; mas, ao mesmo tempo que o pousava, sentiu uma pressão de ferro nas vértebras cervicais, e bateu em cheio com o rosto no gradeamento do caramanchel. Reconheceu a mão que o sopesava, quando ouviu a palavra:

— Infame!

— Meu tio! — murmurou ele — por quem é!...

— A tua morte, vilão! — bradou sufocado o pai de Beatriz — a tua morte, vilíssimo lacaio, seria um escândalo, quando não, havia de arrancar-te a colada. Ouve-me bem, canalha! Se esta noite não te despedires com qualquer pretexto, e o sol de amanhã te vir nesta casa, maldito seja eu, se não te matar. Entendeste-me bem, biltre?

— Cumprirei a sua vontade — respondeu Rafael.

— Amanhã minha filha e meu genro vão para Chaves — tornou Martinho Xavier.  
— Se, você não quiser ser azorragado debaixo dos olhos dela pelos meus criados, não passe mais debaixo das suas janelas. Martinho Xavier cumpre o que promete.

Saiu o pai de Beatriz, e encerrou-se no seu quarto. Abriu a carta, leu-a, e desafogou-se numa profunda expiração de contentamento.

Dizia assim a carta:

“Meu pai desconfia. A tristeza dele não pode ser motivada por outra coisa. O ar carrancudo com que me fala é mais uma prova. Reparo que também te encara com maus olhos. Sejam os cuidadosos, meu primo. Eu amo-te muito; mas não te posso sacrificar mais do que as minhas lágrimas. Deus me livre que o tio N. suspeite que eu te amo. Se tu vês que será útil conviveres menos em minha casa, poupa-me algum grande dissabor. Tem sempre contigo a certeza de que eu te quero muito, e que, se por agora não posso ser para ti mais que irmã, pode ser que um dia seja o mais que posso ser, e o que Deus não quis que fôssemos... tua esposa! Quem sabe, meu R.!... Há acontecimentos tão inesperados!... Lembra-te que tenho dezoito anos, e ele... Adeus, adeus, que o tio não me deixa uma hora sozinha. Vou ver se ainda posso levar a carta.”

Era razoável o contentamento de Martinho Xavier.

## **CAPÍTULO 10**

À hora da ceia, faltou Rafael Garção.

Nicolau soube que ele estava no seu quarto, e pedia desculpa de não comparecer à mesa. Foi ele buscá-lo: encontrou-o emalando o fato.

— Isto é que é pressa de entroixar, primo Rafael! disse o morgado. — Deixe isso, que tem tempo. Nós só vamos amanhã por tarde.

— Mas eu vou partir esta noite, primo Mesquita.

— Como assim? venha contar-nos essa aventura à mesa, que está Beatriz à espera. Temos empresa! Não pode deixar de ser...

Travou-lhe do braço, e levou-o, exclamando, ao entrar na casa da ceia:

— Fui encontrá-lo a dobrar a roupa, e saberão que se despede à meia-noite!

Beatriz encarou-o com afetuosa melancolia. Martinho Xavier fitou a filha. Rafael não pôs olhos em nenhum.

O morgado prosseguiu em tom de galhofa:

— É negócio de damas! Alguma vítima saudosa que, do leito dos paroxismos, chama o seu algoz querido para perdoar-lhe!

Confrangia-se o ânimo de Martinho. O sorriso de Beatriz era um partir-se-lhe a alma, forçada a fingir-se estranha à saída do primo, e arrependida de lhe ter aconselhado a ausência.

— Agora acredito, minhas Senhoras e Senhores — tornou o morgado -, que é séria e respeitável a mágoa do nosso Rafael! É a primeira vez que o vejo quebrado de cores e cabisbaixo! Então, primo, se a jornada é longa, cumpre comer. Coração a um lado e estômago a outro. D. João de Maraña e o amado de Clarisse comiam às horas, e o Byron ceou otimamente no dia ou na noite em que uma das suas mártires se afogou no canal de Veneza!... Então, Beatriz não te serves de nada?! Primo Xavier, ordena a tua filha que coma... Com que então,, à meia-noite, primo Garção?

— É verdade... — respondeu Rafael, afetando, com violento artifício, o seu natural alegre.

— E quando volta a Chaves?

— Não sei, primo.

— Não sabe?! Agora vejo que a façanha é complicada de incidentes e estranhas casualidades!... Pois bem meu amigo, permita-me falar-lhe com sisudeza... A melancolia do seu ar faz-me desconfiar da importância do passo. Reflexione, primo. Se é um presságio que o quebranta, escute-o. Se o pundonor o não impele, fique. Distinga entre dever e dever. Olhe que nós pomos na balança das obrigações, muitas vezes, a nossa desonra. Nem sempre as mulheres devem obrigar-nos a tudo, que uma errada consciência nos aconselha.

Martinho Xavier morria de abafos, se não exclamasse:

— Que discurso tamanho para tão pequeno assunto! Ora, primo Mesquita, não pregues aos peixes. Deixa-o ir para onde ele quiser!

— Pois eu decerto o deixo ir para onde ele quiser; mas o admoestá-lo como amigo e parente entendo eu que é um dever tão meu como teu, primo Xavier. As nossas idades, e sobretudo a minha experiência...

— Pois sim, de acordo — replicou o pai de Beatriz amaciando a voz, receoso de denunciar a causa da sua cólera; — farto de admoestá-lo estou eu, e estão todas as pessoas de bem... É malhar em ferro frio. Deixá-lo, deixá-lo, que o mundo há de ensiná-lo. Quando chegar aos meus anos, ele chorará os que desbaratou na libertinagem.

Correu breve e triste a ceia. Ao levantarem-se da mesa, Rafael despediu-se de Beatriz, sem atrever-se a olhá-la em rosto, porque o pai, à beira da filha, não o desfitava a ele. Beatriz articulou umas palavras banais, secas e tão contrafeitas, que, por si mesmas, à custa de muita arte, a denunciariam a um marido precatado. Do tio Martinho não pôde despedir-se, que, a disfarce, saíra da sala. Nicolau seguiu-o ao quarto, ofereceu-lhe dinheiro se o necessitava, e conseguiu arrancar-lhe um imaginoso segredo da sua aventura. Pelos modos, uma menina de Basto, não podendo ocultar dos pais o testemunho de sua desgraçada paixão, fugira de casa, e invocava o pai do filhinho que lhe estremecia no seio. Mentir como o Diabo, tinha dito Rafael pela boca de Voltaire.

À meia-noite saiu o pai do menino, que estremecia no seio da tão coitada de Basto, e Nicolau, em termos patéticos, foi contar a Beatriz a revelação do primo. A senhora fingiu compadecer-se das calamidades da menina do filhinho, e aproveitou o ensejo para chorar as suas saudades na presença do marido, que se desentranhou em consolações distrativas, que não fosse ela perigar por demasia de sensibilidade. A sorte de tantos maridos espertos! Faz pena ver a despótica ingerência que tem a comédia nos lances mais graves! A humanidade a chorar e um histrião a cobrir a toada do choro com o tilintar do barrete! É triste, mas necessário isto ao regimento da sociedade.

Saíram para Chaves no dia seguinte.

Beatriz ia triste, e recolhia. As carícias do esposo enfastiavam-na. O pai, nada blandicioso, fazia-lhe mal com o seu olhar, e dizia-lhe à puridade umas frases anfibológicas de que ela ficava sentida, sem ousar pedir esclarecimentos.

As palavras que mais a pungiram e intimidaram foram estas:

— Ai de ti, se teu marido se me queixa da tua frieza! Terás em mim um verdugo, e não um pai.

A ameaça logrou menos do que devera esperar-se. Beatriz desconfiava que o pai lhe surpreendesse o coração nalgum descuidoso olhar ou gesto a Rafael; porém, quando assim fosse, as provas contra a sua honestidade eram nenhuma, e ela facilmente se defenderia das suspeitas caluniosas.

Era de ver que a retirada de Rafael havia de ser descontada na afeição ao marido. A esposa criminosa, ou propensa ao crime, costuma dar, pelo menos, ao marido um milésimo do amor que prodigaliza ao amante. Se, todavia, o amante lhe foge, nem o quinhão diminutíssimo do marido lhe deixa. Isto também é triste, e atroz!

Nicolau atribuía as securas e enojos de sua mulher aos mistérios fenoménicos da geração. Também ele tinha acessos biliosos de impaciência, irritados pelos caprichos de Beatriz; mas sofrea-se, afastando-se. Queixar-se é que não. Porém, Martinho Xavier, lendo-lhe no rosto alquebrado o desgosto da má vida íntima da casa, abstinha-se de interrogá-lo, e dizia à filha:

— Tu não me atendeste; mas afinal será tarde, quando caíres em ti. Já te disse que, em te faltando a estima do marido, não contes com a estima do pai, Beatriz!...

— Que quer dizer isso, meu pai? — atalhou ela. Tantas ameaças, tantas ameaças! Que crimes tenho eu?

— As mais criminosas intenções!... Silêncio! silêncio!... ouviste Beatriz? Muito juízo para remediar o mal feito... Se assim não for...

Rafael Garção estava na sua casa de Faiões. Quisera distanciar-se de Chaves, sair a uma viagem longa, distrair-se, esquecer-se; mas não pudera. Estava ali preso pela corrente de um grande amor a sua prima. Era o primeiro, o único, porque não amara outra, desde que nos lábios dela, ainda solteira, depusera, como num altar, as primícias do seu coração. Sem os estorvos, pode ser que outra mulher o roubasse às frouxas glórias de uma fácil proeza; mas depois do aviltante castigo do tio, e da vergonha com que saiu da Palmeira, queria ele superar as dificuldades para sentir-se remunerado do seu vilipêndio. Era isto, a um tempo, galardão ao amor, e galardão à vingança. Eram os vinte e dois anos,

e a má índole, acerada pela educação que tivera, à lei da natureza bruta. Não sei também se eram o Lovelace, e o Saint-Preux, e o D. João Tenório. Era tudo, incluindo nesta mistura o ser ele homem, feito à semelhança e imagem... Fora com a blasfêmia!

Empenhou-se Rafael, mediante os serviços de algum amigo de Chaves, em fazer entregar a Beatriz uma carta explicativa da sua rápida saída de Palmeira, e degredo que se ele impusera na triste soledade de Faiões. Uma dama das mais acreditadas de Chaves foi a portadora da carta.

Então somente compreendeu Beatriz o valor das ameaças de seu pai, e o gume do perigo em que estava sua honestidade, e talvez sua vida, se à mão do marido passasse a carta escrita a Rafael.

Nicolau ganhou com este descobrimento por um lado, e perdeu pelo outro. Os ganhos eram os exteriores afetuosos com que a mulher o indenizava dos desdêns passados. As perdas foram restabelecer-se a correspondência epistolar entre Beatriz e o primo.

A ilustre alcofa desta correspondência andava espiada por Martinho Xavier, à conta de ser irmã de um particular amigo e contubernal parasita de Rafael. Desta espionagem, confiada à aia de Beatriz, velha de rija têmpera de virtude, resultou ser a corretora cupidinária avisada para não voltar a casa de Nicolau de Mesquita, sob pena de ser publicada como negociadora de amores adúlteros. O aviso foi dado face a face por Martinho Xavier, que tinha brutalidades de fidalgo montezinho.

O que ele não podia era contraminar a corrupção dos criados. Beatriz continuou a receber cartas do primo; e Nicolau a experimentar as carícias de sua senhora.

Decorreram uns seis meses de vigilância assídua do fidalgo. Rondava as portas do genro até alta noite. Assalariara olheiros em Faiões para lhe segredarem os passos do morgado. Espicaçava o zelo de velha cuvilheira de Beatriz para a não largar de vista, quando o marido saísse a fiscalizar o granjeio das quintas.

Por este tempo deu Beatriz um menino aos carinhos doidos de seu pai. Em honra do menino, volvidos quinze dias, encheram-se as salas de mulheres, de música, de poetas, de flores, e de alegria cerimoniosa. Esta segunda era coadjuvada pela garrafeira. A comissão de parentes, encarregados dos convites,

incluíram as senhoras Almeidas do Vale de Aguiar. Com muito sacrifício foram de liteira as velhinhas, amolgadas por grandes desgostos. Nicolau, quando as viu, teve arrepios de espinha dorsal. Interrogou a comissão, a qual respondeu que os Almeidas do Vale de Aguiar eram os mais preclaros parentes de ambas as famílias. Hospedaram-se estas senhoras em casa de Martinho Xavier, que acinte as levou para obstar a que palavreassem na presença de Beatriz acerca de Margarida Froment e Ricardo de Almeida. Isto, porém, não tirou que a dama, assim que esteve a sós com elas e o capelão adjunto, lhes desse azo à expansão das lástimas.

Disse D. Sancha que o sobrinho estava em Lisboa, desbaratando os bens e que os livros todos tinha vendido, e já havia antecipado rendas de três anos.

Ajuntou D. Simoa que uma só esperança tinham de o resgatarem da escravidão do Demônio, desfigurado na francesa, e vinha a ser o patrocínio de um santo, parente da família, que tinha sido grande pecador como Ricardo, e depois tornara sobre si, e acabara a vida santamente: o qual santo era S. Gil de Santarém.

Que S. Gil de Santarém era parente das Senhoras D. Sancha e Simoa não há dúvida nenhuma, e vai demonstrar-se para confusão dos praguentos.

Estamos em tempo do Senhor rei D. Afonso Henriques, que santa glória haja.

Depois da milagrosa vitória de Ourique, os barões da comitiva do rei conquistador recolheram a suas terras, ganhadas a montante, e Deus sabe como. O bravo rico-homem de Galiza, Fernão Martins de Almeida, despediu-se com um aperto de guante dos seus primos e amigos Lourenço Viegas e Martim Moniz, e foi-se a matar corças e ursos nas suas tapadas do vale de Aguiar. Fatigado de matar e comer ursos, cuidou em casar-se com a filha de D. Paio Mendo Gil, senhor das terras de Cavalaria, termo da cidade de Viseu, junto à vila de Vouzela. Preferiu o castelão residir no solar de sua mulher, e deixou as suas terras a cargo de irmãos. Deste consórcio nasceu D. Tareja Gil, a qual casou em 1184 com D. Rui Pais de Valadares, do conselho de el-rei D. Sancho I, seu mordomo-mor, e alcaide-mor do castelo de Coimbra. Estes são os bem-aventurados pais de Gil Rodrigues, conhecido e venerado do leitor pio por S. Gil de Santarém, ao qual o divino Garrett denominou o Fausto português.

Nada menos que este santo, inquestionável parente das Senhoras Almeidas, estava empenhado em arrancar o seu consanguíneo dos braços satânicos da francesa. No entanto, alguns meses haviam passado, depois do voto das senhoras a seu tio frei Gil, sem que o energúmeno voltasse, cumprido o seu fadário. Sem embargo, elas esperavam, e razão era que esperassem. Alguém faria o milagre, se não fosse o santo feiticeiro, antigo actuário do Demônio: que estes milagres, nos tempos correntes, bastam a fazê-los algumas letras a vencer na mão de um usurário. A onzena tem convertido mais perdulários do que a vida mirífica de S. Gil.

O certo e naturalíssimo era que Ricardo de Almeida tinha esbanjado metade dos seus haveres, e perto iria naquele desperdício. Sustentava em Lisboa a lauta vida do Porto, e redobrava de extremos com Margarida a cada requestador que lhe varava ao coração o estilete do ciúme. Os galãs lisboetas eram mais arrojados e tentadores, mais ociosos e pertinazes que os do Porto. Ricardo via isto pelos seis olhos de amante desconfiado, e de são juízo para entender que o fácil para ele não seria extremamente difícil para o restante da humanidade.

Este receio era injurioso a Margarida Froment: era sinceramente; mas o não menor castigo das mulheres na condição da francesa é inspirarem suspeitas aviltadoras àqueles mesmos que as estremecem, e autorizarem o galanteio de quem quer que meramente as deseje.

Seja como for, as Senhoras D. Sancha e Simoa choravam lágrimas como punhos, quando Martinho Xavier saiu do salão do baile a procurar Beatriz, que também chorava com as velhas.

Uma paixão explora veios de lágrimas desconhecidos.

Chorava, porque amava, a mal-sorteada senhora!

## **CAPÍTULO 11**

A espionagem, sem intermissão, de Martinho Xavier gerou no ânimo da filha um secreto e mal disfarçado ódio. Bem queria ela sacudir o jugo; mas a mordaca, a carta fatal, estava em mão de seu pai: ela mesma a viu, quando se lhe queixou amargamente de a privarem da companhia daquela amiga interventora na

correspondência. O pai, sem proferir um monossílabo, mostrara-lhe a carta, e voltara as costas.

Planeou a sua emancipação Beatriz com um expediente assim natural que insuspeito. Revelou desejos ao marido de voltar a Palmeira, à suave quietação da sua casa. Nicolau abraçou alegremente a proposta, e exultou de ouvi-la motivar assim o intento:

— Agora, que tenho o meu filho, basta-me este prazer e o teu amor às necessidades da minha alma. Já me fatigam tantos parabéns, tantas visitas, tantas etiquetas! Apeteço a solidão contigo e com ele. Mudei inteiramente, primo Nicolau. Os filhos parece que envelhecem a gente! E, demais, eu quero que o nosso Martinho seja criado ao ar do campo, e não nestas estufas da cidade. Verás como eu agora me dou bem na aldeia! Quero ir contigo às quintas, e gozar a doce liberdade de uma aldeã. Estás contente da minha reforma?

— Se estou, filha!... — clamou o marido, apertando-a contra o coração — se estou contente, eu, que por amor de ti, e contra o meu gênio, tenho andado nestas balbúrdias de bailes e jantares! Eu também espero que o nosso filhinho te aformoseie os quadros aldeãos, que tão aborrecidos te pareceram. Um filho é uma estrela que nos alinha o céu da terra em que vivemos. Sempre esperei que desejasses voltar para Palmeira com esta criancinha. As mães experimentam um santo egoísmo de sua felicidade, quando são mães pelo coração, que as há tão frívolas, minha querida prima, que apenas se dizem mães por terem sentido os sofrimentos da maternidade.

— O pior — atalhou ela — é que meu pai vai zangar-se com a nossa partida...

— Porquê? zangar-se!...

— Que queres? A amizade de meu pai é estremosa até à importunação! Eu não devia dizer isto; mas olha, primo, já me impacientam tantos cuidados comigo! Em solteira, deixava-me mais liberdade!...

— É que teu pai adora-te, Beatriz!

— Bem sei; mas os excessos de ternura incomodam. Tenho marido e filho para amar e prezar: não posso atender às extremosas pieguices de meu pai. Agora há

de ele cuidar que eu vou enfastiar-me na aldeia, e começa aí com os seus discursos a demover-te de irmos.

— Seria escusado, que nós iremos, prima.

— Pois então, Nicolauzinho, se ele nos contrariar não o contradigas, para o pouparmos a maior mágoa. Vamos preparando a partida de nosso vagar, e evitemos questões.

— Pensas bem, Beatriz... Teu pai tem singularidades estranhas, que destoam do meu gênio...

— Muitas!...

— Este ódio entranhado, que ele tem ao primo Rafael, é absurdo!

— Decerto.

— Sei que o pobre moço está em Faiões, e não voltou a nossa casa. Precisamente o rapaz foi magoado da rudeza com que teu pai o tratou à ceia, na última noite.

— Parece-me que sim.

— Já perguntei ao primo Martinho porque não tornaria Rafael a Chaves, desde que lá estamos. Respondeu-me que não valia a pena notar-se a falta dele. Quis convidá-lo para o baile do batizado, e teu pai respondeu-me formalmente que não!

— Caprichos...

— Ruins caprichos! Eu transigi para obviar ressentimentos; mas... Tu hás de de consentir, filha, que eu te confesse uma culpa... sim?...

— Que é, primo?

— Não podendo justificar a antipatia de teu pai com Rafael, cheguei a conjecturar se ele desconfiaria de alguma infame intenção de teu primo...

— Infame intenção! a que respeito?

— A respeito de ti...

— Ora essa!... Tu enlouqueceste?

— Não, menina, confesso-me.

— Pois não te perdoo, Nicolau! — exclamou ela irada sobreposse, e escarlate por efeito da surpreendente suspeita.

— Perdoas, que eu — tornou caricioso o marido -, tanta justiça te fiz que nem levemente indaguei... para não dar direito a que alguém te supusesse um instante criminosa. Nem com esta prova de respeito às tuas virtudes me perdoas?

Beatriz deixou-se beijar e sorriu.

Nicolau continuou:

— Em prova de confiança que me mereces, assim que estivermos em Palmeira, convidarei Rafael.

— Não quero! — atalhou Beatriz com veemência. Magoas-me cruelmente, se o fizeres.

— Compreendo o teu pundonor — tornou Nicolau, soberbo do pundonor de sua esposa.

Neste dia, disse o morgado ao sogro:

— Vamos passar algum tempo à aldeia.

— Fazeis bem — respondeu Martinho -; Beatriz precisa de bons ares, que está com má cor.

— E, talvez, lá fiquemos, se ela quiser.

— É natural que não.

— Pois enganas-te, primo; ela mesma aventou a ideia da mudança.

— Ela?!

— Sim.

Martinho Xavier ficou pensativo largo espaço, e replicou:

- Foi súbita essa determinação de Beatriz?
- Disse-mo hoje.
- Está bom...
- O filho operou uma natural mudança no espírito de Beatriz — tornou Nicolau.
- Deve ser isso... — disse abstraidamente Martinho Xavier.
- Encheu-me de júbilo esta grave transformação aos dezoito anos...
- São raras estas transformações — tornou o outro meditativo.
- Vais connosco?
- Vou — respondeu Martinho energicamente. Vou sem dúvida.
- Estimamo-lo deveras.

Relatou Nicolau a sua mulher a substância deste diálogo, e a resolução do pai.

— Vai connosco? — exclamou ela com irrefletido transporte. — Forte perseguição!... É demais!... Para que me casei eu? Ou bem sou filha, ou sou esposa!

— Podes ser ambas as coisas dignamente — acudiu o marido.

— Ora!... — redarguiu ela com arremesso; e, caindo em si, ajuntou abatendo a voz: — Deixá-lo ir... que eu para Chaves não volto... Se meu pai não podia viver sem mim, para que me casou?... A minha cisma é esta. Sim! para que me casou?

— Nisso tens razão, prima.

— Pois não tenho? Quer afagos e cuidados, que eu não posso repartir. Sou esposa e mãe; e além disso preciso olhar pela minha casa.

— Pois, meu amor, deixá-lo ir; trata-o com amizade de filha, e mostra-te feliz, que ele te deixará viver em tua casa.

Grande parte desta prática foi comunicada a Martinho Xavier pela aia de Beatriz. O fidalgo aguardou ocasião de encontrá-la a sós, e disse-lhe:

— Sei que intenções te levam para Palmeira.

— Sabe... que intenções?!...

— Não admito interrogatório... Quero ser ouvido em silêncio. Resolvi acompanhar-te para te defender do abismo. Mudei. Não vou. Escuso de ir. O abismo está aberto. Vais cair, desgraçada! E tão depressa caís, eu hei de ir mostrar-te lá com o dedo a teu marido: “Ela aí está despenhada. Quis salvá-la, e não pude. Agora escarra-lhe na cara, que tu não tens esposa, nem eu filha!”

— Meu pai! — exclamou ela aflita. — Meu pai, eu não sou criminosa!

— Vais sê-lo.

— Juro-lhe que não!

— Mentas a ti própria. Rafael está recebendo cartas tuas; um dos teus criados entrega-te cartas do libertino, do carrasco da tua honra.

— É falso...

— Falso é o teu juramento, Beatriz! Não me desmintas, que eu justifico-me na presença de teu marido.

— Por quem é... por alma de minha mãe!... — bradou ela soluçando.

— Tua mãe foi uma santa. Se está no Céu, e te vê a consciência, lá mesmo ao Céu lhe mandaste um Inferno, coração perdido! Ficas sabendo que eu vigio as tuas ações e as de Rafael. Escuso de seguir-te a Palmeira. Eu hei de saber a hora a que te precipitas pontualmente. Então me verás!...

Voltou o rosto às lágrimas da filha, e saiu.

Dias depois, preparadas as bagagens, e posta a hora da partida, foi Nicolau avisar o sogro. Martinho Xavier estava de cama com febres, e diferiu a sua ida para mais tarde. Observou o morgado que ele, ao apertar-lhe a mão, chorava. Foi despedir-se a filha à cabeceira do leito; e, num instante que ficaram sozinhos, disse-lhe o pai:

— Se Deus me levasse agora deste mundo, furtava-me à formidável angústia que me preparas.

— Juro-lhe que não!

— Antes do terceiro juramento, perder-te-ás – murmurou Martinho Xavier.

Despediram-se.

Beatriz saiu no propósito de esmagar o coração debaixo do peso da honra. Estava aberta uma igreja, e ela entrou a pedir à Virgem que lhe desse forças, e orou longo tempo. Ergueu-se consolada e forte.

Escreveu a Rafael, suplicando-lhe que lhe não escrevesse mais, que a deixasse morrer de saudades, mas sem o estigma de uma vilipendiosa desgraça. Prometeu-lhe amá-lo no Céu; e, pela vida de seu filho, jurou que se mataria antes de ultrajar seu marido.

Esta carta era uma reabilitação.

Foi para Palmeira. Ia doente e amargurada. Parece isto contra-senso. Devia ir jubilosa de sua valentia. Não é assim. As mulheres, depois destes triunfos, caem decepadas. O que lhes dá forças a elas são as fragilidades.

Passados quinze dias, espantou-se ela do silêncio de Rafael, e disse entre si: Não me tinha amor! Passado um mês, disse: Tenho-lhe ódio!

Martinho Xavier convalesceu rapidamente, assim que lhe deram uma alegre nova.

Foi a Palmeira, e, na presença da filha, falou assim a Nicolau:

— Não sabes a façanha de Rafael?

— Não sei nada. Aqui não tem vindo ninguém desses sítios.

— Pois ouve lá...

— É o caso da menina de Basto?

— Que menina de Basto?! Essa história não sei eu. O que sei é que chegou a Chaves um coronel de cavalaria, casado com uma senhora de fina educação, e vinte anos, ou coisa assim. A senhora deu-se mal com os ares de Chaves, e foi para a quinta de S. Lourenço, próxima a Faiões. Em menos de quinze dias, Rafael

tomou conta da esposa do coronel, e foi para Espanha. Pergunto eu agora a meu primo Nicolau,,se o mundo diz a vigésima parte da verdade?

— Aquilo é um lastimável doido!... — observou o morgado com pena. — E ela parece-me mais doida ainda! Se ele bem soubesse que futuro o espera com as disciplinas da vingança!...

Beatriz ouvira a história, com a imobilidade de estátua. À reflexão do marido fez um gesto forçado de assentimento. Assim que o filho vagiu no berço, correu para junto dele, chorou em ânsias abafadas nas roupas do berço, que embalava para se lhe não ouvirem os soluços.

— Mentirá meu pai para me desvanecer? Pensava ela consigo, e, ao mesmo tempo, rezava à Mãe de Jesus, pedindo lhe o esquecimento do homem fatal.

Não mentira Martinho Xavier.

Rafael, assim que recebeu a última carta de Beatriz, chorou o tempo desbaratado numa esperança, além da qual se carregavam assustadoras borrascas. Doeu-se da força de alma com que ela o despedia, e tirou a injudiciosa ilação de que era mediocrementemente amado, porque as grandes paixões querem o estampido, e o cevo das grandes desgraças. Nenhum dos seus romances fazia menção honrosa de heróis que se deixassem morrer da peçonha do ideal. Olhou o moço em si; viu-se com vinte e três anos, futuro largo, vinte primaveras ainda a refluírem-se. Enojou-se da inércia de seis meses, em que deixara anãzarem-se as suas ardentes faculdades. Saltou para o selim do melhor cavalo, desfilou por montes e vales, visitou primas, que ele denominava o seu medalheiro de estudos numismáticos, restaurou galanteios antigos, antigos de seis meses; e, nesta andadura, foi dar à quinta de S. Lourenço, onde vivia um general reformado com três sobrinhas.

Apresentaram-lhe a hóspeda, esposa do coronel, nem formosa nem simpática, mas interessante pela melodia com que vibrava a escala cromática em cada dezena de palavras que dizia: era lisboeta a dama. O galanteio começou ah, sem advertência do general. Continuou nos catorze dias subsequentes, cuidando o dono da casa que a namorada era uma de suas sobrinhas. O coronel, porque era marido, receava que o general se enganasse: revelou as suas dúvidas, e o bravo do Buçaco respondeu que tinha em bom uso a espada com que espotejara um esquadrão de franceses. Em bom uso estava decerto a espada; virgem, talvez.

Descansava o coronel na espada do seu amigo, quando a esposa lhe ia arrebatada no arção da sela do mais possante murzelo de Rafael.

Aqui está a simples história, que posta em escritura por mais aparada pena, faria chorar os leitores.

Muita gente ri-se disto. Outra levanta os olhos ao Céu: contempla o imperturbável movimento dos astros, interroga o Criador, e diz:

— E então?

A Providência responde, depois que os interrogadores estão esquecidos da sua audácia sacrílega.

## **CAPÍTULO 12**

Este enorme escândalo estrondeou três semanas, e saiu à voragem silenciosa dos fatos consumados. Corridos três meses, a fugidiça estava em Lisboa com a mãe; e Rafael Garção, de volta de Espanha, entrara às escondidas em Faiões, e lia romances no seu gabinete. O coronel, corrido do vexame, pedira transferência para o Alentejo.

Rafael tinha pai e mãe, que incessantemente ofereciam ao Eterno o cálix de suas dores em desconto do pecado da má educação, que haviam dado ao filho. A mãe, temerosa do juramento que o general fizera de matar Garção com a espada do Buçaco, alternava, com o marido, sentinela ao filho para ele não sair de casa. O velhaco, assim que as atalaias, por noite velha, descuavam a sobrerrolça, e ressonavam, saltava da janela às espáduas do criado confidente, e ia refrigerar a cabeça, exercitar a força musculosa, e beber a sorvos os perfumes da manhã.

Assim devia presumir-se até à madrugada de um dia em que ele voltou com as costas crivadas de chumbo, e uma orelha farpada. Extraíram-lhe as balinhas, e cicatrizaram-lhe a orelha. Passados dias entrou num recolhimento de Vila Real uma filha de um boticário de Faiões, e então se aventou que Rafael Garção topara no farmacêutico a forma do seu pé, como lá dizem.

Martinho Xavier foi a Palmeira contar este escândalo suplementar. Nicolau riu-se e disse:

- Há doidos que se fazem perdoar e estimar! As tolices de Rafael têm graça!
- É preciso ouvir-te, para se crer que falas de Rafael com tão absurda simpatia!
- censurou Martinho. E jamais — juntou a meia voz — na presença de tua mulher! Isso desautoriza a gravidade de teus anos e estado, primo Mesquita!
- Valha-te Deus, Martinho! — redarguiu o morgado. — Tu vens a ser muito rabugento, homem! Pareces um ancião com o barbaçudo aprumo de um patriarca! És inexorável com os moços, e principalmente com teu sobrinho!... Quantas capas deixaste tu ficar por mãos impudicas, há vinte anos, quando te eu conheci o primeiro casquilho de Chaves e seu termo?
- Não pratiquei desaforos! — atalhou Martinho.
- Graças à tua boa índole, e ao cativo do coração em que te teve seis anos a minha bela prima com quem casaste. É preciso perdoar aos rapazes, que não podem reconstruir o seu temperamento nem remediar aos vinte e três anos os vícios da educação. Rafael não é desprezível, quanto se te afigura; é digno de dó. Vem a pagar o que eu não sei bem se é culpa dele. Os doidos da bitola de Rafael têm sempre o mau sestro de encontrarem doidas da mesma natureza. Cumpre ponderar esta notável atenuante, primo Xavier. O mundo não faz disto cabedal, nem desconta. Se Rafael atentasse em mulheres morigeradas, não descobria a esposa do coronel, nem a filha do boticário.
- Foram seduzidas! — bradou Martinho.
- Pois isso é claro! Toda a mulher precisa que a seduzam; e, se não a seduzem, trata ela de seduzir-se a si mesma.
- Regra geral, portanto!
- Regra geral para as mulheres desviadas do caminho da honra.
- E entendes que Rafael tão-somente pode perder as desviadas?
- Cuido que sim.
- E as honradas são invulneráveis?
- Como o calcanhar do herói de Homero.

— Estás gracejando... Chega-me aqui o ouvido.

Nicolau inclinou-lhe a orelha, e Martinho segredou:

— A Margarida Froment estava desviada do caminho da honra quando a perdeste?

Nicolau retraiu de salto a cabeça, e não respondeu.

Beatriz fez-se de mil cores, suspeitando loucamente uma revelação horrível.

Cessou a polémica.

Estavam no mês de Junho.

Beatriz lembrou um passeio à feira anual de Santo Antônio a Vila Real. Martinho Xavier acompanhou-os.

Nicolau e a mulher compravam objetos de ouro numa barraca. Rafael Garção passava, viu-os, e parou. Casualmente voltou a face Beatriz, e expediu um grito. Vira-o, e tremera no braço do marido. O morgado olhou em roda de si, e perguntara:

— Que foi?

— Pisaram-me... — disse Beatriz.

— Canalha! — bradou rancorosamente o morgado no rosto das pessoas mais chegadas ao balcão do ourives.

Passaram a outras barracas.

— Espera! — disse com alvoroço Nicolau. — Queres tu ver o primo Rafael?!

— Onde? — perguntou ela serenamente.

— Além! aquele sujeito de jaqueta de alamares, e botas à Frederico.

— Parece-me que é.

— Vamos ter com ele.

— E se o pai está por aí?

— Que importa?

— Bem sabes que nos faz um sermão.

— Ouviremos o sermão com devota paciência. Vamos ouvir este sublime doido... Ele olha para nós... reconhece-nos...

E chamou-o com um aceno.

Rafael avizinhou-se: faltava-lhe ar, como se o coração, dilatado pelos arquejos, lhe tomasse todo o peito.

— Venha cá, D. João, venha cá! — disse com alegre sombra Nicolau — que é feito de si, homem perdido?

Rafael cortejou grave e cerimoniosamente a prima; abraçou o morgado, e respondeu solene:

— Homem perdido... é o nome que justamente me frisa. Perdido como todos os homens que atiraram o coração às sarças da desesperança.

— Que estilo! — atalhou Nicolau — e que merencório gesto você está fazendo! Tire lá essa máscara dos quarenta anos, e seja rapaz enquanto seu tio Martinho não aparece por aí.

— Está cá meu tio?

— Está... — respondeu Beatriz, levantando do chão os olhos em que Rafael viu um vidro de lágrimas.

— O primo Rafael que faz aqui? — perguntou o morgado.

— Nem eu sei, sinceramente lho digo.

— Sei eu, e bom será... que o boticário de Faiões o não saiba...

O moço não abriu leve sorriso; abaixou os olhos, e murmurou:

— Seja generoso, primo Nicolau. Eu não esperava da sua mão a esponja do fel. Creia que tenho sido muito desgraçado, e perdoe-me não ter podido ser feliz.

Apertou a mão da prima, abraçou ligeiramente o morgado, e afastou-se velozmente.

Nicolau ficou-se imóvel e silencioso.

Dá a segundos disse a Beatriz:

— Creio que teu primo é sinceramente desgraçado!...

— Parece... Como está magro e pálido!

— E talvez não tenha um amigo!... um amigo sincero que o defenda de novos precipícios... Quem me dera poder velar o destino deste rapaz!

— Pobre moço!.. — murmurou Beatriz, embebendo as lágrimas no lenço.

— Não te aflijas assim, menina. Se eu lhe não falar, hei de escrever-lhe. Está em excelente idade para reaver os créditos perdidos; e depois é rico; a riqueza é meia reabilitação, quando não é reabilitação inteira e mais metade.

Caminhando, encontraram Martinho Xavier, que crescia para eles com a vista derramada, e amarelo.

— Que tens? — perguntou Nicolau.

— Nada... — respondeu Xavier, ferindo a filha com repetidos olhares penetrativos.

— Que tens, homem? Viste o monstro?

— Que monstro?

— O Nicolau, o tigre, o basilisco? — perguntou o morgado, sorrindo.

— Vi... e tu também?

— Esteve ainda agora connosco. Eu queria que tu o ouvisses...

— Para quê?

— Está revirado. Fala como um S. João, que vem do deserto ao povoado pregar o agite paenitentiam! Confessou os desvarios que o infelicitaram, e fugiu de nós sem nos dar tempo a consolá-lo.

— Faltava-lhe a hipocrisia! — atalhou Martinho. Cerrou a meda agora, não tem dúvida. O fecho da abóboda é a hipocrisia!

— Que inexorável e cru homem tu és, primo!

— Sou, sou flagelo inquebrantável de infames – bradou Martinho, com espanto dos transeuntes.

— Está bom... — disse brandamente Beatriz. – Não questionem... Meu pai, perdoe a quem é infeliz, e despreze-o. Vamos embora daqui... As minhas compras estão feitas. Vamos para Palmeira, Nicolau.

— Pois não hás de ir à noite ao teatro, filha?

— Não... se me amas, partamos já.

Enquanto Beatriz se vestia de amazona para cavalgar, Nicolau disse ao sogro:

— Sinto, meu primo e amigo, sinto amargamente a necessidade de te dizer que me fazes sofrer mais do que a minha paciência por causa de teu sobrinho. Para mim e para tua filha é extrema a satisfação e honra que nos dás com a tua convivência; mas também é certo que nos amarguras com a excessiva intervenção de tua vontade em nossas ações e amizades. Eu compreendo bem que aborreças teu sobrinho; porém, confesso-me insuficiente para avaliar o direito com que tens embaraçado que eu o receba em minha casa, e lhe prove que o estimo por gratidão e parentesco. Peço-te encarecidamente que absolvas estas reflexões e por tua parte modifiques esse irrefletido zelo de minha casa, onde eu não receio que entrem homens de costumes soltos, porque sei eu castigá-los, quando eles se esquecerem do que devem à sua dignidade e à minha.

Martinho Xavier lançara-se sobre uma cadeira, e escondera o rosto entre as mãos, soltando estas gementes palavras:

— Meu Deus, meu Deus!

— Que tens tu? — perguntou Nicolau comovido.

Beatriz entrou na sala, e viu o pai enxugando as lágrimas, e o marido inclinado à face dele.

— Que é?! — disse ela agitada.

— Não sei...

— Vão, e adeus! — murmurou Martinho, erguendo-se com energia.

— Ficas em Vila Real?

— Fico: tenho aí uns cavalos em ajuste. Só poderei ir amanhã ou depois.

— Queres que esperemos, Beatriz? — perguntou Nicolau.

— Esperemos... — respondeu ela desoprimida da abafação do susto.

— Não, que eu vou direito a Chaves — contrariou Martinho Xavier.

— E quando voltas a Palmeira?

— Quando puder.

Saiu adiante deles, apertando convulsivamente a mão da filha, quando se ela inclinou a beijar a dele.

— É misterioso teu pai!... — ponderou Nicolau.

— Pois que te disse?

— Ouviu-me umas observações duras de se ouvirem, e chorou como viste... E não pode deixar de ser o que eu já supus... Teu pai é ludíbrio de alguma intriga a teu respeito.

— Intriga?

— Sim... Levaram-no a uma terrível suspeita... de ti e Rafael. Faz mal em se não declarar. A injúria reflete-se em mim... Eu queria mostrar-lhe a ele, ainda mais que ao mundo, a tua inocência.

— Pois alguém me considera culpada?! — atalhou extremamente ressentida Beatriz.

— Não digo tanto; mas suscetível da culpa...

— Quem?... Eu mereço isto!... Pois tu podes presumir...?

— Se eu pudesse presumir, não to diria, minha querida prima. Esperava... Facilitava-te as ocasiões; e, quanto to dissesse, a tua boca não poderia defender-se. Compreendeste-me bem?

— O ar com que me estás falando, Nicolau...

— É a primeira vez que reparas neste ar. Deus permitirá que seja a última.

— Desconfias da minha lealdade, Nicolau?

— Já respondi, Beatriz. Não desconfio. A tua agonia de morte começaria desde a desconfiança.

Repostos na bonançosa vida de Palmeira, ataram o fio quebrado das serenas alegrias, que irradiavam à volta do berço da criancinha. Bonançosa vida, escrevi eu, porque os exteriores condiziam com a palavra; todavia, no recôndito de alma de Beatriz, estava o áspide roedor, que lhe torvava os sonhos de infernais alegrias, ou hórridas visualidades. Abria os olhos molhados de culposas lágrimas, e secava-as ao bafejo do filhinho. Seguiam-se no dia as intermitências da noite. Uma hora, relampagueava-lhe a esperança uma luz vividíssima, ao clarão da qual divisava a imagem de Rafael. Outra hora, sentia através do seio uma vibração glacial, como se a larga lâmina de um ferro lhe abrisse bulhões de sangue; nesta visão infanda era a imagem do marido que lhe avultava descomposta pela vertigem do ódio. Refugiava-se ainda sob a égide do anjo, a criancinha, que inclinava o rosto à face dela, e balbuciava a primeira sílaba das suas reminiscências do Céu.

Martinho Xavier lá estava em Chaves. Decorreram dois meses, e ele não voltou a Palmeira. Foram visitá-lo e levar-lhe o neto e afillado. Acharam-no quebrantado com o peso de mais dez anos. Encaneceram-lhe os cabelos, arrugaram-se-lhe as faces, amortiçou-se a luz dos olhos, arados pela bafagem ardente, que não tinha respiradouro. Para ele a perdição da filha era um anátema indeclinável. Entrou-se do convencimento de ser ela o instrumento providencial do castigo de Nicolau de Mesquita. A desonra de Ernesto Froment havia de ser vingada. A sua amada Beatriz, a inocente das perversidades do marido, obedecia ao sobre-humano impulso da indefectível justiça. Minguava-lhe a ilustração para combater o prejuízo. Acusava de injusta a Providência quando lhe genuflectia, e subpunha a cabeça de sua filha a uma absurda fulminação.

À força de apreender nisto, desordenou-se-lhe a inteligência por uns paradoxos de fatalismo, que implicavam à religiosidade do seu caráter.

Encarava de fito na filha, e chorava. Afagava o neto, e perguntava-lhe:

— Entendes tu a minha dor, anjo do Céu?

Descaía um severo olhar sobre Nicolau, e dizia-lhe:

— Não devias casar nunca, sem saldar contas com a Providência.

O marido de Beatriz suspeitou da inteireza intelectual do sogro. Era para isso. Quis arrancá-lo da solidão do seu quarto, e trazê-lo para Palmeira. Foi invencível a resistência muda do precoce velho, que apenas contava quarenta e oito anos. Quis Beatriz ficar em Chaves, e o pai rejeitou o alvitre, como desnecessário à sua vida ou à sua morte.

Voltaram a Palmeira.

Parece que lhes soavam na alma de ambos as medonhas alvoradas de um dia de infinita calamidade. O céu era o mesmo, a criancinha brincava entre eles com as flores inverniças; ao passo que os pais, sem se revelarem, olhavam sobre o menino com os olhos lagrimosos.

— Porque choramos nós? — perguntava Nicolau.

### **CAPÍTULO 13**

Chegou ao Vidago a notícia do apalavrado casamento de Rafael Garção com a morgada de Santo Aleixo, bela e rica, de primeira estirpe transmontana, e costumes irrepreensíveis.

— Aqui tens, Beatriz — disse Nicolau -, como teu pai se iludiu com o descrédito de Rafael. Quando as cem trombetas atroam a província a divulgar escândalos, oferece-se ao generalíssimo da desmoralização um casamento de primeira ordem!...

— É verdade... admira... ela é bonita... — gaguejou Beatriz, humedecendo os lábios calcinados do fogo da alma.

— Será ele tão desastrado que rejeite a proposta? É de esperar que não. Aqueles ares de reforma, que lhe vimos, não podem ser hipocrisia, como teu pai diz. Hipocrisia conosco porquê e para quê?

— Sim... para quê!...

— Vou escrever-lhe a felicitá-lo, e a instigá-lo a casar-se...

— Não faças isso — atalhou Beatriz. — Sabes tu se eles serão felizes? Deixa-os lá. Se ele um dia se arrepender, escusa de lembrar-se que o aconselhaste.

— Pensas com acerto, mas sempre quero saber dele mesmo se é certo o projeto.

— Isso lá...

— Vejo-te inclinada a julgar de teu primo desfavoravelmente, Beatriz!

— Não... eu... o que entendo é que... a mulher casada com o primo Rafael não há de ser feliz... porque... é muito cedo para achar prazer à vida tranquila quem tem sido o que tu sabes em tão pouco tempo... E pode ser que eu me engane... Oxalá...

Escreveu Nicolau ao morgado de Faiões. Ao outro dia, mostrou a resposta a Beatriz, exclamando:

— O rapaz passou de uma demência vulgar a uma demência esquisita! Há seis meses era um libertino. Agora não se sabe o que é. Vê lá a resposta de Rafael.

Leu Beatriz:

“Meu prezado amigo e excelentíssimo primo.

Agradeço os sinceros emoras que se digna enviar-me; sentindo que se baldassem os seus bons desejos enquanto ao meu casamento. As raias da minha doidice não vão tão longe. Todo o tolo tem as suas demarcações.

É certo que pessoas da família de Santo Aleixo propuseram a meu pai o enlace a que Vossa Excelência alude. Meu pai consultou-me, e eu rejeitei. Como, porém, a rejeição divulgada seria ofensiva ao orgulho dos visigodos de Santo Aleixo,

resolveu a discricção que se deixasse correr o boato da minha anuência, até esquecer a proposta. Esta é que é a verdade.

Dir-lhe-ei agora porque não caso: é porque não amo; nem casarei, porque não hei de amar nunca. Se me pergunta em que lamaçais deixei ficar o coração, abaixo a cabeça, e peço licença para lhe dizer que ainda não prostituí o amor. Entrei nos lamaçais, é isso verdade, saí sujo, como era forçoso sair, e mais nada. Quanto ao coração, sonhei uma vez que ouvira uma mulher dizer-me: guarda-mo para mo restituíres no Céu. Foi isto um sonho; porém, eu guardo o meu amor para os amores do Céu. O que é a felicidade senão sonho?!

Meu prezado primo, a minha mocidade acabou; foi tempestuosa, mas curta.

Adeus. Peço à minha excelentíssima prima a graça de receber os meus respeitos, e a Vossa Excelência a sincera e profunda convicção de uma inalterável amizade, etc.”

— Que te parece o espiritualismo do rapaz? — perguntou Nicolau à esposa que disfarçava o tremor das mãos.

— Que singularidade!... — tartamudeou Beatriz.

— Estou em crer que lhe extraíram o sangue mau, que ele tinha, como os grãos de chumbo das costas! Tornou Nicolau sorrindo. — Hei de mandar esta carta a teu pai...

— Para quê?! — interrompeu ela com ânsia. — Tu já sabes que meu pai lhe chamou impostor...

— Por isso mesmo: quero convencê-lo.

— Vais inquietá-lo, primo... Que nos importa a nós o juízo que forma o pai? Rafael não solicita amizade dele... para que hás de tu solicitá-la?!

— Tens razão, menina. Farto de disputações estou eu.

Facilmente salta ao espírito do leitor a repugnância de Beatriz. Bem lembrada estava ela da carta surpreendida pelo pai. As últimas linhas de Rafael eram a

resposta. Martinho Xavier, se as lesse, saltaria do leito, e correria enfurecido ao Vidago para esconjurar a procela sobranceira.

Nicolau, como quem se diverte, replicou em longa carta, recheada de jocosidades, acerca do sonho, e da reserva do coração para as núpcias celestiais. Gracejava a respeito do Céu, e de muitas outras figurações, que os padres e os amantes inventam, no intuito de irem apanhando o melhor que podem as belas coisas da terra. A escrever, Nicolau de Mesquita remoçava aos espíritos dos vinte anos, com seus laivos de facécia um tanto cínica.

Leu esta carta a Beatriz, e viu que lhe desagradava.

— Em parte não a entendo — disse ela; — bem sabes que eu sei quase nada, e tu empregas aí palavras que eu não conheço; mas parece-me que tu não sentes o que dizes, quando fazes zombaria do Céu e dos padres para escarnecer a tal mulher do sonho...

— Pois decerto, Beatriz — redarguiu o marido ingenuamente -, eu escrevo isto como brincadeira de nenhum peso no ânimo de Rafael. A minha ideia é o passatempo de uma correspondência que deve ser preciosa por parte de um rapaz de espírito, perdido nas supremas regiões do belo.

— Então sim... compreendo agora que...

Se ela continuasse em voz alta a ideia, diria: que é este um meio honesto de eu ter semanalmente uma carta indireta de Rafael. Assim foi.

Ao fim de dois meses, Nicolau de Mesquita possuía um interessante epistolário, que o recreava infinitamente. A remontada poesia de Rafael denotava um espírito igualmente apaixonado que opulento dos atavios do mais seletor romancista. A erudição também lhe não era esquiva: marchetava as suas cartas de sentenças hauridas de prosadores e líricos que melhor trataram os teoremas do espiritualismo.

Beatriz estava contente. A ocultas do marido, relia, decifrava e elucidava as frases obscuras. Sobejava-lhe agudeza de coração para adivinhar até as citações francesas.

Isto durou assim neste remansoso contentamento conjugal, até que Martinho Xavier inesperadamente apareceu em Palmeira.

Antes de ver a filha, e sem consentir que o laçao recolhesse os cavalos, chamou o genro ao bosque do jardim, e disse-lhe:

— Tens tido uma correspondência de dois meses com Rafael.

— Tenho.

— Com que fim?

— Nenhum fim, um divertimento... coisa de nenhuma significação.

— Peço-te que me mostres as cartas de Rafael.

— Imediatamente: sobe, que a leitura é demorada.

— Não subo: espero aqui.

— Os cavalos ficam no pátio?!

— Ficam: não me demoro.

— E não vens ver tua filha?

— Ainda não; traz-me as cartas.

Beatriz tremeu e descorou, quando viu Nicolau tirar da papelreira o maço das cartas.

— Que é?! — perguntou ela agitada.

— Que há de ser?... a demência de teu pai... Quer ver as cartas.

— Disseste-lhe...

— Não, não lhe disse coisa nenhuma; foi ele que mas pediu... Afliges-te, filha?... Isto dispara em nada, Beatriz!

Assim que o marido saiu, tomou o filho nos braços, e correu os salões da casa, sem atinar com algum intento.

Martinho Xavier leu vagarosamente as cartas, pedindo a tradução dos dizeres em francês.

Acabada a leitura exclamou:

— Este homem é um infame!

— Porquê?

— Porque estas cartas são uma cilada à tua honra e à minha, e à honra de minha filha.

— Explica-te, primo Xavier! — acudiu com arrebatamento Nicolau.

— Expliquei-me de mais ao marido de minha filha... Agora... agora, Nicolau de Mesquita, lavei as mãos! Arranquei da consciência o último espinho. Fiz o que pude, disse o que podia dizer. Faz o que a tua dignidade te ordenar.

la retirar-se; mas o marido de Beatriz susteve-o, exclamando:

— Hás de repetir-me essas palavras na presença de minha mulher.

— Não! não! — exclamou o velho movido a lágrimas.

— Não! que eu matá-la-ia se ela ousasse injuriar esta dignidade de pai que a defende! Tua mulher está sem mácula na face, Nicolau, pelos ossos de meu pai to juro! Mas perante mim, se ela ousar mentir-te, o braço de pai vingará a tua honra.

Saiu impetuosamente, e saltou à sela com o vigor frenético dos vinte anos.

O morgado estacou. Atormentava-o um dilema cruelíssimo: era sua mulher criminosa, ou seu sogro mentecapto?

Subiu ao quarto de Beatriz: encontrou-a com o filho no colo, e o rosto purpureado da escandecência das lágrimas mal enxutas. Contemplou-a silencioso, e ela não pôde suportar os coriscos dos olhos dele.

— Que segredo da tua desonra tem teu pai, Beatriz?! — perguntou ele com terrível placidez.

— Da minha desonra? Nenhum! Eu nunca traí os meus deveres...

— Não é somente a desonestidade a quebra dos deveres. Pergunto eu que há entre ti e Rafael Garção?

— Nada, absolutamente nada existe. Morto veja eu neste instante o filhinho em meus braços, se eu te minto!

Nicolau recordou mentalmente as palavras de Martinho Xavier: Tua mulher está sem mácula na face; pelos ossos de meu pai to juro. Refrigerou-se-lhe o sangue. O juramento da esposa, sobre a vida do filho, podia muito com ele. Saiu a passo lento do quarto; fechou-se no seu gabinete, e repassou detidamente as cartas de Rafael Garção.

Julgá-lo-íeis desencavernado do antro de Trophonius, quando saiu do quarto. Era uma amargura de semblante em que fácil se prevê que nunca mais se há de abrir um riso. Nicolau vira tudo, adivinhara tudo a um clarão do Inferno, e também vira a essa luz o vulto de Ernesto Froment. Porém, o que ele vira e adivinhara era pouco para considerar-se tão punido quanto ofensor. Via o fundo do abismo; mas via-o de alto. Sua mulher era amada; mas o amador esperava galardoar-se no Céu. Isto, se não consola, ofende medianamente um marido. Era ainda incerto que ela o amasse; era ainda perdoável que ela o tivesse amado em solteira; seria até possível e quase desculpável que ela lhe promettesse esposá-lo na bem-aventurança. Meditou estas e outras coisas entre as árvores, e voltou ao gabinete a reler as cartas. Recordou os relanços em que sua mulher fizera especial reparo, quando ele as lia. Notou, combinou, inferiu, e confortou-se com as noventa e nove probabilidades da pureza de sua esposa, salvando o espírito desta conclusão purificante.

Voltou ao quarto de Beatriz, e disse-lhe com brandura, mas torvado o aspecto:

— Mataste a minha felicidade, e a tua. Doravante seremos dois desgraçados que se contemplam. Vives, porque a tua honestidade ainda não está morta. Foi a alma que pecou; convém que a alma sofra. Quando os corpos estão manchados, então é honra espedaçá-los. E ocasião de te contar que, há cento e tantos anos, houve nesta casa uma adúltera. Deitou-se uma noite tranquilamente ao lado do marido, e foi ao outro dia tirada do leito para ser amortalhada. As cinzas dela estão ali na capela no jazigo da esquerda. Não se recolheu ainda àquela sepultura nenhum cadáver. Eu quisera que não fosses tu

a companheira dos ossos da única adúltera desta família em quinhentos anos sabidos.

— Mas eu estou inocente, meu Deus! — exclamou Beatriz, tirando pelas madeixas com tresvariada angústia.

— Bem sei — disse soturnamente o marido.

— Pois, se sabes, porque me insultas?

— Eu conversei contigo, Beatriz: os lacaios é que insultam. Meu terceiro avô não me conta que insultasse a minha terceira avó, que está ali no jazigo do lado esquerdo.

— Pois bem!... mata-me e mata-me já, que eu do fundo de minha alma te abomino, e perdoo. Esta criança te amaldiçoará em meu nome.

Era sublime o exaspero de Beatriz, com o filho nos braços, contorcendo-se em altos gritos. Nicolau tirou-lhe a criança, apertou-a ao seio, beijou-a, lavou-a de lágrimas, e exclamou:

— Tu não me amaldiçoarás, meu filho!.. Porque tu és meu filho, és, sinto-te entranhado em meu coração!..

Daí a horas, o morgado ordenava aos seus criados que preparassem as liteiras para jornada longa.

Dois dias depois, os fidalgos de Palmeira saíram caminho de Lisboa. E Rafael Garção recebia da mão de uma mulher entrajada de mendiga estas linhas:

“Vamos para Lisboa. Meu pai denunciou tudo. Sou uma mártir. Não me esqueças, anjo da minha vida. Eu perdoei-te, e amo-te mais que nunca.. Maldito seja este homem, que ameaça com a morte!... No Céu, no Céu nos veremos, meu R. Adeus. Sei que não torno a ver-te.”

Rafael Garção, à terceira leitura, disse entre si:

— Verás!

## CAPÍTULO 14

Apareceu em Chaves Rafael Garção despedindo-se de viagem para França. Deixou um bilhete a seu tio Martinho Xavier, mostrando-se pesaroso de não poder abraçá-lo. Notou no seu remember dezenas de encomendas das senhoras flavienses, novidades de Paris, que elas haviam de estrear nas bodas da morgada de Santo Aleixo. O boato corrente era que o morgado de Faiões ia comprar a Paris o presente de noivado, e encavar os brilhantes e adereços de sua mãe em feitos modernos.

Saiu Rafael por Espanha, e entrou em Portugal pela Estremadura. Chegou a Lisboa, e informou-se da residência de Ricardo de Almeida. Margarida Froment é quem dava nome ao transmontano em Lisboa. No Hotel de Itália, na Rua de S. Francisco, onde Rafael se alojara recatadamente, hospedava-se um diplomata francês, conhecido da sua compatriota.

Ao outro dia, o morgado de Faiões escreveu a Ricardo de Almeida, marginando a carta com a recomendação de reserva. Chamava ao Hotel de Itália o seu primo e amigo. Tudo primos! Pode chamar-se o romance dos primos esta novela!

— Que fazes em Lisboa? — perguntou o fidalgo de Aguiar.

— Vim para aqui esconder-me.

— Vens fugido?

— Não, homem: venho na peugada de uma mulher que me fugiu com a alma, e o marido com ela.

— Casada!... Agouro-te desgraça!... — atalhou gravemente Ricardo.

— Ah! tu estás assim?! Onde tens tu vivido, rapaz? E com quem tens vivido, velhaco?

— Larga resposta me pedes, e mais tarde ta darei. Vamos ao ponto. É conhecida a mulher?

— É a prima Beatriz Vahia.

— A mulher de Nicolau!... Então o homem está a contas com a Providência mais cedo do que eu esperava!..

— A Providência não entra nisto, homem!... Tu sabias que nos amávamos eu e ela?

— Parecia que sim...

— O tio casou-a...

— Porque tu a deixaste casar: logo, não amavas a prima Beatriz.

— Olha se podes ouvir-me sem grande dispêndio das fórmulas do raciocínio: esse “logo” cheira-me a lente de Prima! Bem sabes que perdi dois anos de Coimbra porque não pude fazer exame de Lógica. Será moda em Lisboa falar-se de mulheres em silogismo? Quando eu vinha por aqui passar as férias, há cinco anos, não havia lógica para esta casta de gente!... Saberás, pois, primo Almeida, que Beatriz está em Lisboa, e eu quero que me saibas onde está Beatriz. És capaz?

— Sou, se me tu disseres onde está o marido. Tu cuidas que em Lisboa é coisa notória a chegada do morgado da Palmeira!

— Ora, não faças a terra maior do que ela é – replicou Rafael. — Eu cheguei ontem à noite, e, meia hora depois, sem sair do quarto, sabia onde morava Madame Margarida Froment.

— É que as francesas bonitas dão mais nos olhos dos lisboetas, que os morgados de Trás-os-Montes.

— De acordo; mas achas difícil saber-se onde está o Mesquita?

— Se não se hospedasse em casa de parentes, é fácil pela relação policial das hospedarias.

— Cuida-me disso, e falemos agora de ti. És feliz, rapaz?

— Sou.

— Dois anos! uma mulher dois anos!... Tu achaste a coisa que os poetas andam a sonhar há seis mil anos! Dois anos de felicidade com a mesmíssima e idêntica criatura!... Que segredos tem ela? Beleza ofuscante, e espírito de endoidecer a gente, não é? Responde alguma coisa, homem!... Parece-me que te vejo no

castelo de Aguiar a fazer a corte por um óculo de vista larga a uma pastorinha, que lavava os pés no regato!... Aposto que ainda te não desbarataste!

— Ainda não; mas fiz coisa pior: desbaratei o melhor da minha casa.

— Já sei: isso consta há muito por lá... As tias Almeidas e o capelão choram por toda a parte os teus desperdícios. Então estás pobre? queres dinheiro?

— Pobre ainda não: tenho trem, e um palacete, e soirée às terças-feiras.

— Vives sardanapalmente! E, por sobre tudo isso, a francesa, que tu amas! Deveras amas? fala verdade.

— Amo, porque me não merece confiança nenhuma.

— Esse porquê é espécie nova para mim! Oh diabo! eu costumo desprezar as mulheres pela razão que tu as amas!... Isso não é amor, dou-te a minha palavra de homem que leu Byron, Balzac, Henri Beile, e todos os praxistas ad hoc.

— Então que é?

— É uma peçonha composta de grande dose de orgulho, e outra grande dose de tolice. Perdoarás: falemos rudemente como lá nas nossas montanhas. Ela atraíçoou-te?

— Não...

— Que tu saibas...

— Sei que não; mas tem um ideal.

— A boas horas! Cuidei que estas criaturas não consumiam disso, e andavam satisfeitas com vestidos e diamantes e carruagem! Demais a mais, a despesa do ideal!

— Tu rebaixas muito a mulher, primo Almeida!

— Eu!?... tu é que ma puseste debaixo dos pés, dizendo-me que ela te não merecia confiança.

— Mas posso ser injusto.

— Ah! então diz-me isso. O certo é que a zelas muito porque a amas desmarcadamente, hem!

— Suspeito que ela, se Nicolau de Mesquita a requestasse, me deixaria.

— Logo... (cá vem a lógica, se permites uma exceção) logo: a mulher não tem vergonha.

— É bárbara a conclusão! Tu ignoras o passado desta senhora...

— Sei tudo: contou-me o Mesquita, no mesmo dia em que tu saíste da Foz com ela para Lisboa.

— E ele ainda a ama?

— Naquele dia estava doido de amor! Tocava as raias do delírio e da irrisão. Aturei-o duas horas, e levei-o a casa.

— E depois?... — atalhou com arrebatamento Ricardo.

— Depois, esqueceu-a, e fez-se amantíssimo da mulher. Foi uma desgraça para nós ambos a reconsideração.

— Porquê?

— Porque estavas livre da francesa tu, e eu amaria desassombradamente a prima Beatriz.

— Virá ele a Lisboa com intenções?

— Não sei, mas parece-me que ninguém vem conquistar, ou reconquistar uma mulher, com outra ao lado. Esta conjectura é uma calamidade para ti: francamente, Ricardo! Quem te levasse hoje esta mulher, salvava as relíquias da casa dos Almeidas, e reabilitava os teus créditos para entrares no molde de vida que melhor enquadra ao teu gênio. A tua propensão é o casamento, primo Almeida; os homens pegadiços como tu são os eleitos da bem-aventurança matrimonial. Tu consumes com esta mulher porção de sentimento, que na vida honesta, e à sombra das tuas árvores gigantes, te daria mananciais de prazeres. Se eu tivesse a tua alma, bem sei onde a felicidade me esperava. Já estive recolhido seis meses a trabalhar na refundição da minha índole, e fiquei mais aleijado. Se Deus me pedir contas a mim do que eu sou, hei de eu pedi-las à

natureza, e veremos quem fica a dever. Mas tu, homem, que podes amar dois anos a mulher de que desconfias, que amor não darias ao coração puro de uma esposa!

— Sinceramente te digo que já pensei nisso.

— Ah! tu já pensaste nisto? Então não amas a Margarida.

— Bem se vê que não pudeste fazer exame de Lógica, primo Garção — retorquiu sorrindo Ricardo.

— Meu amigo, conheces a regra geral de alveitaria que diz: cavalo, que não vê, é cego? Pois este axioma em força de verdade corresponde a estoutro: homem, que ligado a uma mulher, pensa na felicidade que outra pode dar-lhe, não ama a mulher com quem vive. Pilhei-te em flagrante absurdo! Isto só o faz quem não pode fazer exame da arte de raciocinar. Parabéns, primo! Dás-me esperanças de te ver sair desta inglória estagnação em que te apodrece a alma e o patrimônio. Sai disto, que é impróprio da tua idade. Fecha os olhos. Deixa por descuido aberta a porta da gaiola, e o rouxinol que vá cantar a outros sinceirais. Homem! olha que o dinheiro é uma coisa importante. Estás nos vinte e seis anos. Que farás aos trinta? Que heranças esperas? Nunca pensaste nisto?

— Já.

— E que vês no teu futuro, quando hipotecares a última jeira?

— Vejo um par de excelentes pistolas.

— Essa visão é judiciosa, e não sei realmente desvanecer-te. Aqui é que eu queria o egresso que te ensinou o catecismo. O que eu posso dizer-te, desprendido de toda a pretensão filosófica, é que tu és um asno piramidal, se continuas assim; e não haverá pirâmides que perpetuem a tua asneira, se te matas depois de ter assim vivido. Depois do que, tenho a dizer-te que disponhas da minha casa como tua, e vás saber onde mora a prima Beatriz.

— Pois sim, e falaremos depois — disse Ricardo de Almeida, e saiu com ânimo agitado pelo impulso das frases, ora graves, ora picarescas, do morgado de Faiões.

Poucas horas depois, voltou o castelão de Aguiar noticiando que Nicolau de Mesquita se hospedara num hotel francês da Rua dos Remolares.

— Obrigado, primo! Venceste a primeira batalha: agora seguem-se os triunfos!  
— exclamou Rafael.

— Que tencionas fazer agora?

— Vou mandar o meu criado alugar uma casa fronteira. O hotel francês necessariamente está defronte de alguma casa.

— Sem questão; mas se a casa tem inquilinos?

— O meu criado leva um mandato de despejo em vinte e quatro horas.

— Estás a mangar!...

— Ninguém manga com o dinheiro, primo Almeida. Imagina tu que no quinto, ou quarto andar do prédio mora um empregado público, que vai rebater duas cédulas para pagar um semestre da casa, que alugou por cinquenta mil réis. O meu criado oferece-lhe quarenta soberanos, e diz-lhe: “Rua, dentro de vinte e quatro horas!” Antes das doze, o empregado público sai com seis cadeiras e duas panelas, e eu entro com esta ponderosa alfaia de um coração em chamas. Impugna lá, se podes!

— E depois?

— Essa pergunta é um desfrute! Depois a casa tem janelas, e eu tenho olhos, e Beatriz, essa então, bem sabes que mágicos, que peregrinos olhos tem! Deixo as omissões à tua discricção. E agora vai-te embora, que eu vou dar credenciais ao criado. À noite, vou a tua casa.

O ladino agente voltou antes da noite, com a certeza de ter as chaves do terceiro andar na casa defrontante com o hotel, ao escurecer do dia seguinte. Apresentou o título de sublocação, e o recibo do sinal.

Fechou-se Rafael numa sege, e foi ao Largo do Chafariz de Andaluz passar a noite com o primo Almeida.

Estava Margarida Froment ao piano. Recebeu o apresentado friamente, e disse-lhe pouco depois:

— Ricardo passou com Vossa Excelência algumas horas do dia...

— Não há dúvida, minha Senhora.

— Facilmente conheci que o Senhor Garção exerce uma sinistra influência no ânimo de seu primo.

— Porquê, Madame? Sinistra influência!...

— Certamente, que ele entrou em casa com uma linguagem nova.

Rafael relanceou os olhos ao primo, e disse entre si:

— Este homem será mais inepto do que eu presumo?

E, replicando a Margarida, disse:

— Bem vê, minha Senhora, que a minha idade não autoriza a dirigir o espírito de ninguém, particularmente de uma pessoa, que Vossa Excelência domina com absoluto império.

— Agradecida! — tornou ela com irônico sorriso.

— Eu não previa tão áspero acolhimento desta dama! — disse Rafael ao primo.

— Que significa este desastre?

— Imaginação desta senhora! — respondeu Ricardo.

— Imaginação e dignidade! — acudiu em tom grave a francesa.

Rafael lembrou-se do verso de Molière, que já ocorreu ao leitor, e sorriu-se para dentro.

Margarida vibrou vertiginosamente o teclado do piano, e levantou-se a aspirar o aroma de umas flores, que adornavam o mármore da jardineira.

Rafael ia-se aborrecendo da sua posição, quando Margarida, brincando com uma camélia, deu dois passos com um meneio de muito garbo, e disse ao hóspede com requebro maviosíssimo de voz:

— Vossa Excelência veio a Lisboa buscar seu primo?

— Não, minha Senhora: o meu prazer seria trazer-lho, se ele estivesse longe de Vossa Excelência.

— O tom da lisonja esconde uma desconsideração. Perdoo-lha, porque as mulheres na minha posição, nem sequer merecem que a desconsideração se vista de palavras usadas nos salões.

— Oh, minha Senhora! — acudiu Rafael, balbuciando.

Entrou um escudeiro anunciando uns sujeitos da primeira plana genealógica.

Margarida pôde ainda acrescentar a meia voz, enquanto Ricardo saiu ao encontro dos cavalheiros:

— Está enganado, Senhor Garção! Eu não espero que me abandonem.

— Isso que prova, minha Senhora? — respondeu o morgado de Faiões.

## **CAPÍTULO 15**

De relance, disse Rafael a Ricardo que ia sair para esquivar-se a apresentações. E ajuntou:

— Estrago tudo, se me faço conhecido em Lisboa. Como hoje não é terça-feira, cuidei que estarias só. Adeus. Faz os meus cumprimentos à tua amiga. E aparece.

No decurso do seguinte dia, o criado de Rafael comprou a mobília de um quarto, e recolheu-a, ao fechar-se a noite, na casa fronteira ao hotel. Antemanhã, prevenido com chave de trinco, entrou Rafael, e pregou cortinas na janela destinada a observatório. Instruiu o criado sobre cousas do estômago, e fechou-se a continuar a carta, que daria um opúsculo de cinquenta páginas em oitavo francês. Era a história do seu amor desde os quinze anos até àquela hora de inefável amargura. Às nove horas levantou mão sobre a sétima página do sexto caderno, e foi encostar-se à vidraça encortinada. Esperou impaciente uma hora. Todas as janelas estavam abertas, e ao maior número tinham chegado mulheres e homens. Nicolau era madrugador e Beatriz também; mas nem a sombra lhes vira no interior dos quartos. Às dez horas assomou a uma janela uma criada com trajas da província. Suspeitou o moço que fosse a ama do

filho de Beatriz, e animou-se. Daí a momentos chegou Nicolau à beira da ama, e afagou o menino dando-lhe para brincar as borlas do chambre.

Saiu a ama, e ficou o morgado da Palmeira encaracolando as guias do bigode, e baforando fumadas do charuto.

Fitou-lhe Rafael o binóculo por entre o resquício das cortinas justapostas às vidraças; e viu, no interior da saleta ou antecâmara, Beatriz reclinada nas almofadas de um canapé, e a ama sentada no tapete com o menino, que brincava com os longos anéis do cabelo da mãe.

Nicolau volveu o rosto para dentro, disse breves palavras, e voltou a debruçar-se no peitoril da janela. Depois, retirou-se, ficando Beatriz no canapé. Passado um quarto de hora, saiu o morgado à saleta de chapéu, vestindo as luvas; e apertando a mão da mulher, inclinou-se a beijar o filho e saiu.

Beatriz levantou-se da postura inclinada e sentou-se. A ama saiu à janela mostrando ao menino um papagaio da casa próxima. A criança dava valor aos bracinhos, e festejava com trejeitos e risos as cascalhadas do pássaro. Beatriz veio à janela gozar da alegria do filho. Rafael estremeceu: era outra mulher sua prima; mas também formosa a outra mulher figurada.

Tinha sido redonda e purpurina de rosto; agora emaciava-lhe a palidez um rosto oval. Alvejavam-lhe agora os lábios, que o escarlata do rubi enrubescera. A transparência das cartilagens do nariz era tal que se mostrava ao alcance do óculo. Posto que melindrosa de compleição, havia sido abundante de carnes, ou os ossos tão delicados que se escondiam sob uma subtil membrana. Rafael descobrira-lhe no despeitorado do roupão de veludo azul a magreza do pescoço e as saliências das clavículas. Não podia desfrutar as lentes daquela encantadora mulher, que todavia já não era a sua prima Beatriz.

Saiu da janela a ama, e ficou a senhora, enlevada nuns sons de piano, que lhe davam rebates de saudade de alguma bela e triste memória do seu passado.

Rafael depôs o óculo, refletiu um instante, e correu a vidraça com estrondo. Beatriz relançou a vista à janela que se abrira; ergueu-se de salto, do peitoril da sua; remirou ansiada o homem que lhe sorria; levantou maquinalmente as mãos em postura suplicante, e desprendeu um ai estridente.

Rafael fez pé atrás, logo que viu a orla do vestido da ama, que vinha correndo. Beatriz afastou-se ao interior da saleta, e caiu sobre o canapé. Pouco depois, levantou-se, contemplou fixamente a janela fronteira, entreviu Rafael que se aproximava da primeira luz, e sorriu. A ama atravessou a antecâmara, e Beatriz recolheu-se ao interior da casa onde devia de estar a alcova.

Posto que a gentil vizinha não fosse exatamente a linda Beatriz, o morgado de Faiões sentia-se apaixonado dela, e raioso de júbilo.

Esperava-o o almoço, foi para a mesa, e lembrou-se das palavras de Nicolau de Mesquita: “Coração a um lado; estômago a outro.” Almoçou como almoça toda a gente que se levanta feliz, e como os infelizes que não jantaram no dia anterior.

— Não saias — disse ele ao criado.

Ao meio-dia, voltou Beatriz à janela: vestira-se a primor de graça e simplicidade. Os caracóis ondeavam-lhe nas espáduas estremecidas pela vibração do mar. As rosas encarnaram-se nas faces. Os lábios coloriram-se dos reflexos do rosto. A prima Beatriz estava passando por mais milagrosa transformação que a primeira.

Assim que viu Rafael, retraiu-se ao meio da saleta, e fez-lhe um gesto de espanto e uma pergunta por acenos. O primo respondeu, mostrando-lhe uma carta, e chamando ao seu lado o criado conhecido de Beatriz. Ela mostrou irresolução temerosa, e o criado, brevemente instruído, atravessou a rua e subiu ao terceiro andar do hotel.

A esposa de Nicolau chamou a ama à janela, e disse-lhe:

— Entretém o menino com o papagaio.

Depois, foi ao mainel da escada correspondente ao terceiro andar, recebeu a carta, e disse ao criado:

— Amanhã, à mesma hora, respondo. O primo que tenha muita cautela... Eu não volto hoje à janela, senão à tarde.

Rafael desceu as vidraças e cortinas. Mandou comprar os últimos romances franceses, e saboreou as horas na leitura e na meditação, com intervalos de espionagem.

Viu de uma vez Nicolau de Mesquita passeando na saleta, e gesticulando com os braços desabridamente.

Era um diálogo violento com sua mulher...

Assim que entrou fez reparo no ataviamento de Beatriz, e disse:

— Maravilha! Desde que estás em Lisboa, é a primeira vez que te vestes e penteias com esmero!

— Não cuidei que se fazia notar uma coisa tão insignificante, primo! — objetou ela com amável sombra.

— Pois não! Nem pálida, nem quebrantada, um ar de excelente saúde!

— Parece que folgavas com ver-me pálida! Estarás chorando a esperança perdida de me veres brevemente morta?

— Pelo contrário... — respondeu irônico — folgo muito de te ver tão vivedoura...

Um esquisito instinto impeliu à janela Nicolau de Mesquita, e todas as janelas laterais e fronteiras foram mais ou menos examinadas.

Beatriz entendeu a disfarçada análise, e, olhando por sobre o ombro dele, viu hermeticamente fechadas todas as janelas de Rafael.

— Tive hoje carta de teu pai — disse o marido, com melhor fisionomia e fala amaciada.

— Como está ele?

— Melhor. Diz que vem a Lisboa.

— Oxalá...

— Dá-me a notícia do próximo casamento de Rafael com a Ângela de Santo Aleixo.

— Sim...

— É verdade.

Nicolau fixava de perto o semblante da prima, e satisfatoriamente observava a quietação e a cor inalterável da indiferença.

— Rafael — continuou ele — foi a Paris comprar as prendas do casamento.

— Deve trazer-lhe coisas lindíssimas! — observou Beatriz com um sorriso frívolo.

— Vou jurar que ele não volta cá tão cedo. Paris é o engodo, e o tônico das almas estragadas. Quando ele achar o deleite que tem em si aquele belo inferno de Paris, esquece a morgada de Santo Aleixo, e acha em cada francesa feia uma mulher superior às mais formosas de Portugal.

Beatriz magoou-se; não se magoaria, antes de ler a carta de Rafael, em que ele, indelicadamente, contava as cenas ocorridas com Margarida Froment, antes e depois do casamento de Nicolau.

O despeito respirou estas imprudentes expressões:

— Bem sei: as francesas são muito amáveis; mas é triste que os amantes das francesas sacrifiquem as mulheres que nasceram e viveram felizes e amadas em Portugal.

— Que quer dizer isso, prima? — interrogou ele, avincando a fronte.

— A consciência que te responda.

— Como sabes tu que...

Susteve-se, e murmurou com retrincado sorriso:

— Bem sei... bem sei... O infame havia de preparar o terreno... Faremos contas mais tarde...

— Que contas? — atalhou Beatriz, fingindo-se ultrajada pela suspeita.

— As contas que se liquidam com os traidores!

— E tu já as deste, primo? Não deves nada?

— Abstenha-se de interrogar-me, Senhora! A perfídia... não ousa tanto. Abaixa a cabeça, e cala-se! Entendeu?

— A perfídia!... — teimou ela com azedume. A perfídia!... sempre a palavra injuriosa!... As pérfidas desprezam-se, primo Nicolau! Eu tenho o patrimônio de minha mãe com que posso viver. Quando quiser, separemo-nos!

— Pode ser... — concluiu o marido, saindo da sala.

Ao fim da tarde, Rafael escassamente divisou através da vidraça Beatriz, que lhe fizera sinal de não abrir a janela.

O amor subtilizara-lhe a esperteza. Desconfiou que Nicolau, alvoroçado pelo esmerado trajar daquele dia, de qualquer ângulo da rua a estaria espionando. A suspeita era acertada. O criado de Rafael vira o morgado da Palmeira, encoberto pelos cunhais das casas esquinadas, a espreitar as janelas do hotel.

À noite, Rafael Garção foi encerrar-se no seu quarto do Hotel de Itália, onde era conhecido pelo nome do seu criado, que tirara passaporte em Espanha. Raras vezes um espírito leviano prevê tão miudamente as superveniências nocivas ao bom êxito de uma empresa! Cada Fausto acareia as simpatias de um Diabo invisível, que o aconselha, até à hora definitiva em que lhe toma conta da alma, se é que uma alma, infernada por mulheres, pode servir de pasto aos grifos das alimárias do reino escuro.

Encontrou Rafael o primo Almeida, que o esperava sobremodo atribulado.

— Que tens tu? — perguntou o de Faiões. — Foi a francesa que te deu tratos de polé! Aposto!

— Coisa pior.

— Fugiu-te?!

— Não: surpreendi na algibeira dum criado uma carta para ela do Mesquita. Facilmente se conhece que Margarida o autorizou a escrever-lhe, respondendo à primeira que recebeu. Apresentei a carta à francesa, e ela, a infame, leu-a placidamente, e disse: “Sem contradição, esta carta é para mim.”

— E tu mataste-a?

- Zombas com a suprema desgraça, Rafael?
- Não: congratulo-me com a suprema felicidade! Despediste-a?
- Não... foi ela quem se despediu.
- Oiro sobre azul. Então já lá vai!...
- Teria ido, se me não dissesse isto: “Sou culpada; mas criminosa, não. Respondi a um desventurado, que está pagando as dores que eu recebo das tuas mãos!”
- Oh! — acudiu Rafael com aflição — que atrocíssima lembrança! Disseste-lhe que eu amava Beatriz!
- Não.
- Por tua honra?
- Por minha honra.
- Estava perdida a minha pobre prima! A francesa, por vingança ou por interesse, acusava a mulher ao Mesquita... Seria uma fatalidade!...
- Sossega, que eu não lhe falei em Nicolau: era de interesse meu ocultar os dissabores do homem, que ela ainda ama. O que Margarida não pode perdoar-lhe é ser ele feliz.
- O caso é que ela ficou... — voltou Rafael.
- Pedi-lhe eu que ficasse, enquanto o coração a não impelisse a outro homem.
- E ela ficou? Não sei qual dos dois é mais admirável! Vocês devem de ter um pelo outro a maior desconsideração!... Está claro que te não podes arrancar da mulher...
- Eu não sei o que está claro — disse Ricardo de Almeida. — Escura sei eu que está a minha alma como as trevas dos condenados. Eu saí de casa alucinado, e procurei-te para te contar a minha deliberação: como te não encontrei, nem te quis procurar na Rua dos Remolares, desisti do teu parecer, e mandei desafiar Nicolau de Mesquita. Amanhã às onze horas é procurado pelos padrinhos.

— Então é certo que endoideceste? — exclamou Rafael Garção. — Em primeiro lugar, a mulher por quem te bates, se o duelo fosse uma coisa elevada e séria, baixava-o à ínfima irrisão. Em segundo lugar, Nicolau de Mesquita não se bate, e humilha-te, respondendo que as Margaridas Froments tão-somente merecem paladinos, que se desafiem a ver quem gasta mais com elas. Em terceiro lugar, quando te bateses... Que armas jogas? Há dois anos não jogavas nenhuma...

— Nem hoje.

— Pois então, Deus haja misericórdia da tua alma, porque Nicolau de Mesquita é professor em todas as armas, sem exceção de cor ou feitio! Aí vais tu oferecer o peito ao estoque ou à bala, tu, Ricardo de Almeida, um rapaz de futuro, um dos mais estimáveis e nobres moços da província! E assim te deixas morrer irrisoriamente por amor ou desprezo — não sei o que é — de uma mulher despejada, que te abandonou! Abre a tua alma a um raio de luz, desgraçado! Crava as próprias unhas no coração ou na cabeça, e arranca de lá essa ignomínia, que te sacrifica a uma coisa que não pode ser amor!... Tu vais daqui procurar os padrinhos, e retirar a proposta. Depois, vens residir neste hotel, e desimpedir a porta de tua casa para que a francesa saia livremente sem as angústias da despedida. O dever, a dignidade é isto!

— Tenho vergonha de retirar a proposta — replicou Almeida. — Em Lisboa um caso destes é a perda irreparável da reputação.

— Da valentia?

— Da honra.

— Então é a honra convencional que te move, já não é o ultraje...

— É tudo. Não desisto... Enquanto a morrer, sinceramente, com todas as veras de minha alma te digo que me não importa. Antecipo um acabar mais obscuro... porque eu, em me vendo pobre, já te disse que me suicido... Além de pobre, desprezado desta mulher, que nem o coração me deixou...

— Tens ainda um grande coração, porque podes chorar, meu querido Ricardo — atalhou Rafael abraçando-o. — De hoje em diante és meu irmão! Hei de disputar-te ao Diabo, e vencerei!

## CAPÍTULO 16

Às onze horas do dia imediato, um criado do hotel apresentou a Nicolau de Mesquita dois bilhetes de uns sujeitos, que esperavam na sala. Eram nomes de tomo na velha fidalguia destes reinos.

Desceu o morgado da Palmeira à sala. Um dos cavalheiros, com a graça amável e afetuosa de quem vai convidar um amigo para um alegre festim, disse que ele e o seu amigo D. Fulano de tal haviam sido encarregados pelo primo Ricardo de Almeida de fazerem expressa ao Excelentíssimo Nicolau de Mesquita, cavalheiro que eles propoentes conheciam de nome, e de mui ilustre parentela em Lisboa, a sua resolução de pleitear com as armas no campo da honra o direito de repelir uma afronta.

— Afronta — ajuntou Mesquita — que Vossas Excelências terão a bondade suma de nomear.

— Cartas escritas a uma dama, que vive em companhia do cavalheiro ofendido, Madame Margarida Froment.

— A dama de que se trata — disse o morgado — é uma mulher que eu sustentava minha amante, estabelecida em residência minha no Porto, no dia vinte e seis de Outubro de mil oitocentos e trinta e nove, às três horas da tarde; e às quatro horas, pouco mais ou menos, desse dia, e ano, o Senhor Ricardo de Almeida senhoreou-se dela. Qual dos dois entendem Vossas Excelências que foi o afrontado?

— Não viemos munidos de instruções para responder a Vossa Excelência.

— Instruídos Vossas Excelências, recebo as suas ordens, pedindo licença para observar-lhes que tenho em minha companhia minha mulher, e o local é inconveniente para o prosseguimento destas negociações. Vossas Excelências consentirão que os cavalheiros, chamados a representarem-me nesta indiscreta pendência, se encontrem em lugar designado por Vossas Excelências.

Reunidos os quatro agentes, dois nomeados por Nicolau, em casa de um deles, saiu D. Fulano a colher instruções de Ricardo de Almeida, e voltou confirmando o declarado por Nicolau de Mesquita, com pequenas variantes, que não

alteravam a substância. Em consequência do que, lavrou-se ata com os seguintes considerandos:

“Os abaixo assinados, incumbidos de acordarem mutuamente na deliberação a tomar sobre um conflito de honra entre o Senhor Ricardo de Almeida e Noronha Valladares Riba-Fria de Aguiar Falcão Athayde, morgado do Pontido, e o Senhor Nicolau de Mesquita Sotto-Mayor Sepúlveda Cão e Aboim da Nóbrega e Neiva, morgado da Palmeira do Vidago;

Considerando que a francesa Margarida, atualmente, e desde 1839, contubernal de Ricardo de Almeida, era considerada em domínio de Nicolau de Mesquita, ao tempo em que foi requestada pelo segundo dos citados cavalheiros possuidores;

Considerando que Nicolau de Mesquita foi o primeiro ferido no seu coração, ou no seu amor-próprio, termos equivalentes na questão subjeita;

Considerando que o primeiro afrontado entendeu acertadamente que os pleitos de honra são objetos sacratíssimos em que as leviandades de uma mulher desdourada não devem preponderar;

Considerando que Margarida, ipso fato, se havia constituído matéria *primi capientis*, e desde logo coisa apropriável sem desaire de quem quer que fosse, nem título de propriedade válido;

Considerando que Nicolau de Mesquita havia dado o exemplo de cordura e desprendimento quando lhe foi extorquido um domínio, que ele voltava a requestar, sem ofensa de Ricardo de Almeida, nem das leis consuetudinárias;

Considerando que a única pessoa presumível de ofendida seria Margarida, ofensa que não se deu, por ela mesma afoitamente se gloriar de ser a pessoa a quem se endereçava a carta, corpo de delito na questão litigada;

Considerando, finalmente, que a dignidade de dois cavalheiros não deve baixar a contender sobre matéria que nunca se pode provar honrosamente discutida;

Os abaixo assinados resolveram que não há ofensa, nem leve desdouro, cuja desafronta nobilite as armas nas mãos dos cavalheiros, de quem receberam autoridade para esta ou outra deliberação.

— Lisboa, casa de D. João d'Ornellas Themudo, 20 de Junho de 1842.”

Seguem as assinaturas.

Ricardo de Almeida recebeu a cópia desta coisa e gemeu surdamente angustiado pela humilhação, que aviltava a mulher dos seus sacrifícios. Ponderou na crueza e alarvaria de certas palavras, escusáveis na formalidade da ata; os padrinhos ofenderam-se do reparo, saíram abespinhados, e consultaram os reinícolas em duelos sobre se deviam desafiá-lo.

Nicolau de Mesquita riu dos considerandos, como forma e como substância: achou-os magníficos de ironia e patuscada; agradeceu infinitamente os serviços dos seus bons amigos; os quais, azoados com o riso equívoco do Mesquita, por um cabelo que o não desafiaram também.

Os cavalheiros signatários por parte de Ricardo, bem que lhe desculpassem a defesa de Margarida, e o tratassem com deferência e amizade em público, não voltaram mais a casa dele, onde jantavam e passavam dantes as noites com frequência. Motivaram este procedimento, alegando que se achavam mal com Margarida Froment nas salas de um amigo. Os sabedores deste acume de pundonor imitaram os praxistas da elegância e dos brios: ninguém volveu ao palacete de Andaluz.

Queixou-se Ricardo ao primo Rafael dos briosos devassos; e o de Faiões invetivou contra os considerandos, lamentando não poder sair a público e desafiar, um a um, ou todos quatro de pancada, os signatários da indecorosa ata. E daqui passou a lastimar Margarida Froment, com uns termos tão compungidos, que propriamente Ricardo se espantava do reviramento.

A mudança era racional. Rafael era mais meditativo que o comum dos homens das suas manhas e costumes. Cogitara ele que se a francesa, embora estranha ao seu amor à prima, se reconciliasse com Nicolau, facilmente lhe diria que Rafael Garção lhe fora apresentado por Almeida. Assaltado por tal medo, cuidou em dominar egoistamente o fraco espírito de Ricardo, persuadindo-o a sair com ela de Lisboa para o Porto, ou para o estrangeiro, em ordem a que Nicolau de Mesquita não lograsse a vingança desde muito planeada.

O morgado do Pontido, obtemperando muito à vaidade, e já pouquíssimo ao amor, conveio em retirar-se à sua casa da Foz no Porto, e diferir oportunamente

o desligar-se de Margarida, cujo descrédito o anojava. Deplorável orgulho de homem, que julga purificar com a sua estimação a mulher empestada no conceito dos outros!

Propôs ele à francesa a saída para o Porto.

— Não vou — respondeu ela firme e rápida. O desprezo dos teus amigos não me afugenta de Lisboa; o mais que pode é afugentar-me de tua casa.

— Desprezo os meus amigos — replicou Ricardo. Vamos... porque...

— Porque vamos? — acudiu Margarida às suspensivas reticências.

— Porque desconfio da tua lealdade.

— Aqui?... Porque há de ter mais confiança lá?...

— Confessas, pois...

— Confesso que te sou pesada, e que me pesa de o ser. Eu surpreendi muitas vezes o teu espírito, e resignei-me. Esperei que ele falasse: foi teu primo que te ensinou a eloquência do tédio. Morri desde logo para ti, porque tudo esmaguei na minha queda, menos o meu orgulho, esta luz do Céu ou do Inferno que nunca deixa escurecer a dignidade das pecadoras apedrejadas, que não encontram Jesus. Os teus amigos sabiam que impunemente podiam oferecer aos teus olhos um libelo injurioso que tu deixaste mal guardado para que me eu pudesse ver naquele espelho, e admirar a continuação da tua generosidade em baixar até ao esterquilínio onde me atiraram. Convenci-me de que sou a mulher descrita neste papel em que a minha baixaza corre parilhas com a tua. É impraticável a nossa convivência. Reciprocamente nos desprezamos, Ricardo.

— Queres, portanto, dizer...

— Que nos desliguemos.

— Porque voltas aos amores antigos?

— Não te dou contas das minhas tenções: bem sabes que há dois anos e meio as não dei a Nicolau de Mesquita.

— O que me espanto é que vivesses dois anos comigo!...

— Porque te espanta?

— Precisamente ninguém te inquietou... — disse ele afixando o sarcasmo com o riso.

— Espera!

Margarida abriu uma papeleira, e tirou de um falso alguns macetes de cartas, que desatou, e derramou sobre a jardineira.

— Lê as cartas recebidas em Lisboa pela mulher, que ninguém inquietava. Aí reconhecerás a letra dos teus principais amigos. Aí estão cartas dos signatários da ata do duelo, que se não fez porque Margarida é coisa apropriável, sem título de propriedade válida. Vai agora perguntar a cada um dos teus amigos se possui carta da Margarida. São grandes fidalgos, e alguns especialmente os que não te pediam dinheiro — são ricos e pródigos. Vai perguntar-lhes se a mulher, a matéria que nunca se pode provar honrosamente discutida, baixou até eles, quando lhe rastejavam aos pés, aceitando o desprezo, com a mesma abjeção com que traíam o amigo. Vai...

— Basta! — exclamou Ricardo, engrifando os dedos nos punhados de cartas, que atirou ao pavimento. Basta, Margarida, que eu estou expiando infernalmente crimes que não pratiquei! Segue-me, segue-me por piedade, e fujamos de Lisboa, senão fizeste de mim um assassino!

— Por minha causa não o serás, Ricardo. Atende-me bem: estas coisas são providenciais. Eu sou escrava de um impulso sobrenatural. Não sei quem me leva nem onde vou. Há oito dias que eu desprezava Nicolau de Mesquita...

— E hoje...? — atalhou em ânsias Ricardo.

— Hoje... nenhum de nós sabe que fatal magnetismo nos arremessa um contra o outro, como dois ébrios que se despedaçam a rir...

— Pois tu vais para Nicolau?!

— Não sei para onde vou.

— Sabes que ele é casado...

— Sei, que me importa a mim saber o que ele é? Casada era eu, e feliz, e rica e abençoada de todas as esposas e de todas as mães!...

— Que perdição a tua, que estrela, santo Deus! exclamou em lágrimas Ricardo.

— Compadeces-te? Que faria... se visses a minha alma!... — soluçou Margarida.

— Oh! mas não vás, que eu amo-te!

— Não mintas... Deus quer que daqui a uma hora me desprezes. Tu amaste-me sem saber porquê: hoje odeias-me, sem poder justificar o teu ódio. A carta de Nicolau? Não pode ser! Que viste nesta carta? Um homem que dizia: “A tua compaixão suavizou a minha dor. Não me abomines, não peças a Deus o meu castigo, que eu já sinto na garganta mão vingadora de teu marido!” O restante da carta que era? Lágrimas, súplicas, reminiscências do tempo em que me vira prezada da sociedade, e pura como ele já não vê sua mulher. Pudeste abominar-me tu, e tolerar que os teus ignóbeis amigos me insultem por causa de semelhante carta? Oh! se eles tiverem irmãs, ou esposas, alguma hora lhes passará no espírito a imagem de Margarida Froment, que não pode delir com lágrimas o apelido de seu esposo!

— Não vêes que choro e que te amo, Margarida! clamava de mãos postas Ricardo, inclinado aos joelhos dela.

— Dignidade, meu amigo! — disse ela, erguendo-o. Dou-te este nome com a sinceridade e honestidade de uma santa. Aceita-o, que não podes ser mais nada para mim.

E saiu da presença de Ricardo. Ele seguiu-a a brados dilacerantes, e ela acolheu-o nos braços, murmurando:

— Ouve-me, meu amigo. Eu pensei ontem em suicidar-me. Se hoje não visse o papel assinado por quatro miseráveis, estaria morta a esta hora. Salvou-me aquela ignomínia, Deus sabe para quantas mais atrocidades. Nicolau de Mesquita, neste momento, sabe que eu vou pertencer-lhe...

— Infame! — exclamou Ricardo arrancando-se-lhe dos braços. — Que infame és tu, mulher sem pejo, que te vais vender ao homem, que te abandonou!

— Vender não, meu amigo — atalhou ela com a brandura de um sorriso sem nome nas expressões variadas da agonia. — Eu não me vendo: compro o direito de me espedaçar lentamente.

— Não te entendo, miserável! — rebramiu Ricardo com os punhos cerrados, e os braços ameaçadores.

— Espero que me não insultes como um homem vil! — disse Margarida, retraindo a face aos punhos convulsos do alucinado.

Ricardo caiu na tormentosa consciência da sua indignidade, e fugiu da vista da francesa, que soluçava como na última entrevista com Nicolau, na estalagem de Vila Pouca.

No esplêndido salão do seu palacete, Ricardo observava um par de pistolas, e substituíra por outros os fulminantes oxidados.

## **CAPÍTULO 17**

Às dez horas da noite deste dia, Ricardo de Almeida fez pavor a Rafael Garção, quando lhe entrou no quarto, no Hotel de Itália, tartamudeando ofegante umas frases sem tino, cortadas por soluços.

Atirou-se aos braços do primo com desalento mulheril, e chorou mais copiosamente do que a razão crítica das senhoras viris concede que chore um homem.

Com espaçosas intercadências de ansioso silêncio, contou Ricardo o violento diálogo com Margarida. O morgado de Faiões escutou-o com o desprazer que incutem as debilidades do coração alheio aos homens de rija têmpera, e disse:

— Eu repito as palavras de Margarida: “Agora dignidade, Ricardo.” Sai de Lisboa. Não te aconselho que busques diversões ao espírito no grande mundo, nem aqui nem noutra parte. Os homens da tua convivência devem ser-te odiosos em Lisboa: os infames foram eles; mas o ridículo és tu. Fora de Lisboa também te aconselho que desistas de distrações, que as não encontrarás. Nas salas a alegria, o mais afiado golpe que te pode atirar a indiferença. Vai para a tua aldeia, concentra-te, padece, esquece-a à força de ninguém te suscitar reminiscências dela. Isto é duro de ouvir-se; mas quem te prometer outras

consolações, engana-te, primo. Dignidade sobretudo. Eu amava Beatriz com a paixão de homem da minha índole, que seis meses se esconde a devorar-se na dúvida, e a purificar-se para merecê-la. Ao fim de seis meses, Beatriz desenganou-me. Invoquei o meu dever! e antes de trinta dias, estava distraído, não te direi honestamente, mas estava curado da ferida, que já não podia sangrar, sem desdouro da minha consciência... Todos temos a nossa dignidade e consciência. Nota lá, primo Ricardo, que a nossa província está recamada de bonitas mulheres, portuguesas de lei, matéria excelente com o espírito necessário. Lembro-te o que já te disse, respeito ao desfalque de tua casa, à desgraça de não ter nenhuma, e à tua inabilidade para recuperares o grande patrimônio sacrificado. Se resistes às admoestações, que te faz um doido no seu mais lúcido intervalo, maldigo a hora em que me intrometi nas coisas da tua vida.

Ricardo parecia atendê-lo, com uma fixidez de olhar espavorido: é provável que o não ouvisse. Neste comenos, entrou no quarto o criado de Rafael, alvoroçadamente.

— Que tens?! — perguntou o amo.

— Acaba de entrar na hospedaria o senhor Nicolau.

Rafael ergueu-se, relanceando a vista às pistolas.

— Entrou com ele uma senhora — continuou o criado.

Ergueu-se Ricardo de salto, exclamando:

— É ela!... é Margarida!

— Eu estava no quarto do porteiro — continuou o criado — quando eles saltaram de uma sege. Poucos minutos antes, tinham chegado uns galegos carregados de malas, e disseram que as mandava um senhor, que às quatro horas tinha falado com o dono da hospedaria. Eu escondi-me assim que o conheci, e dei tino de que a mulher, que entrou com ele, falava estrangeiro.

Ricardo fez um salto arrebatado à porta. Rafael reteve-o, exclamando:

— Alto aí, mentecapto! Que vais fazer?

— Apunhalá-los.

— É justo; mas manda saber primeiro o número do quarto em que os hás de matar — replicou o de Faiões com agastada ironia. — Se não tivesse compaixão de ti, desprezava-te, Ricardo!

E, voltando ao criado, mandou-o observar o que pudesse.

— Vamos sair ambos — tornou ele ao primo, que arquejava prostrado no sofá.  
— Daqui a pouco, o Mesquita sabe que estou em Lisboa, se o não sabe já. Pobre Beatriz! Calcula a minha aflição, Ricardo! Trata-se da honra e talvez da vida daquele anjo... e, todavia, olha se me vês mudar de cor! Que miseráveis somos! Atraímos o raio da desgraça, e choramos como mulheres, assim que ouvimos o trovão! Ergue-te daí, coisa, que pareces homem! Vais comigo para outro hotel?

— Irei.

— E brevemente iremos para a província, que Beatriz não se demora em Lisboa, ou é fechada em algum convento.

Pouco depois, voltou o criado, informando que Nicolau tomara o segundo andar do hotel, e que os criados andavam a mudar a bagagem dos hóspedes para o primeiro, e a trastejar ricamente os quartos. Acrescentou que a estrangeira era francesa, segundo ouvira dizer, e se chamava Margarida, porque ele mesmo espreitara e ouvira o Senhor morgado da Palmeira chamá-la assim.

Ricardo escutava-o com o ar estúpido de um surdo-mudo.

— Fecha as minhas malas — ordenou Rafael. Queres tu, Ricardo? Vamos para tua casa. Vou ser teu hóspede! Tens tu champagne ou absinto, ou a demência engarrafada em casa? Vamo-nos embriagar, e depois refletiremos. Se entramos com a razão neste labirinto, estamos perdidos. Valeu?

— Vamos — disse Ricardo.

— Conduz as bagagens ao Largo de Andaluz — tornou Rafael ao criado. — Os galegos que te guiem. Paga a conta no hotel, e voltarás depois a saber, com disfarce, se o Senhor Mesquita se demorou, ou pernitoou aqui.

Saíram cautelosamente, e mandaram parar a sege perto da casa de Ricardo. Informou-se o morgado com os criados. Margarida Froment, ao escurecer, fechara os seus baús, e mandara entregá-los a galegos. Às nove horas e meia, parara uma carruagem particular com libré defronte do palacete, e o guarda-portão vira, à claridade das lanternas, que estava dentro um homem embuçado fumando. Margarida saiu, sem dar palavra aos criados, e saltou ao estribo.

Depois ouviram-na dar um ai já dentro, quando se fechava a portinhola da carruagem que despediu à desfilada.

— Quem dá aqui ordens, sou eu! — disse jovialmente Rafael. — Sor escudeiro, mande pôr a ceia, se há ceia nesta casa. Os melhores vinhos! Ordem ao escanção!

Sentaram-se à mesa. Ricardo emborcava à competência com o hóspede os licores mais excitantes.

Rafael comeu à proporção do líquido. Ricardo dificilmente deglutia, e cada bocado lhe ansiava entalado. A revezes, aguavam-se-lhe os olhos. O de Faiões exclamava:

— Execração e bebedeira estúpida àquele que puder chorar coisa que não seja vinho!

Antes de finda a ceia, Ricardo perdera as cores rubras da vinolência, e desfalecera prostrado em serena embriaguez. Garção e dois criados transportaram-no ao leito.

A embriaguez do hóspede era de outra espécie: carecia de ar e agitação, de algum enorme desatino, ou façanha de estrondo. Crepitaram-lhe no peito fumegante umas lavaredas de amor incendiário a sua prima. A cabeça alcoolizada chamejou. Sobressaltou-o uma vertigem. A sege estava às ordens. Mandou que a levasse um raio à porta do Hotel de Itália. Chamou o criado. Era meia-noite. Perguntou-lhe se Nicolau ainda estava. Disse ao criado que ele dera ordem ao boleeiro para chegar à uma hora. Rafael mandou picar para o Largo do Corpo Santo. Apeou. Entrou no pátio do hotel francês. Subiu ao terceiro andar. Abriu a porta da sala: era Beatriz que esperava e supunha seu marido. Rafael entrou, sem dar tempo a que o vissem os criados. Era a primeira vez que

ali entrava. Beatriz caía-lhe convulsa de medo nos braços; e ele abraçava-lhe a cútis lívida com os lábios, que reviam lume.

— Nicolau não pode demorar-se, ó primo!... Tu perdes-me; eu morro às mãos dele! — murmurou abafada Beatriz.

— Nicolau vem à uma hora.

— Porque o sabes? Onde está ele?

— Com Margarida, no hotel em que eu morava.

— Com a francesa!... — exclamou ela espavorida.

— Sim!... com a francesa, que há duas horas tirou de casa de Ricardo... Abençoado crime, que me restitui a tua alma inteira! Era o destino!... Eras minha, anjo da infância! As penas do infinito Inferno para a minha alma, se eu deixar de amar-te neste mundo e no outro... Olha como é bela a nossa vida!... Oh! tu não endoideces de prazer, Beatriz?...

— Ó Rafael!... tu aterra-me!... — clamou ela, afogando-lhe no peito as altas aspirações, que saíam gementes. — É possível que eu esteja em teus braços, ó meu amor!... Que alegria e que medo eu sinto!... Foge que não vá ser este o primeiro e último instante da minha felicidade!... Foge, Rafael!... Oíço chorar o meu filhinho... isto é agouro... a criança chama-me... é o anjo que me está acusando...

A eloquência persuasiva de Rafael contra as apreensões de Beatriz, era de todo o ponto nula enquanto à expressão, mas de seus lábios mudos ressaltavam cintilas, que ofuscavam os olhos de Beatriz. Fechou-os ela para não ver o incêndio; mas o misto de lacerante peçonha e prazer vertiginoso, que lhe escaldou as veias, só havemos de compará-lo a infernal deleitação da primeira mulher, que um dia pôde dizer: “Caí; mas vinguei-me.”

Decorridos cinquenta e oito minutos, Rafael entrava na sege, a tempo que a carruagem de Nicolau de Mesquita parava à porta do hotel.

O marido de Beatriz entrou com alegre sombra na sala, e à esposa, que não ousava encará-lo, disse:

— Estás zangada, filha? Tens razão; demorei-me com os primos Albuquerque, forçado por etiquetas aborrecidas... Porque te não deitaste, priminha?

— Não era meu costume...

— Pois, sim, mas de hora em diante, quando eu me demorar além das onze horas, deita-te, sem susto da minha demora. Alguns amigos conseguiram de mim que eu os coadjuvasse numas conspirações políticas contra o conde de Tomar. É forçoso contribuir para a salvação da Pátria, quando menos tempo nos resta para viver nela. Os anos trazem consigo o amor da Pátria; e por este motivo, pode ser que eu me detenha por fora, extraordinariamente; e desgostame muito se me esperares, porque não estou por lá descansado. Fazes-me isso, sim, prima?

— Pois sim... deitar-me-ei.

— Bonita! O menino como tem passado a noite?

— Bem.

— E tu que fizeste? Leste?

— Li.

— Gostas das Meditações de Lamartine? — disse ele, tomando o livro de sobre a almofada do canapé.

— Muito... São tristes... — respondeu ela.

— Qual te fala mais ao coração?

— A Tristeza.

— Bem sei... — acudiu ele, recitando de cor:

*De mes jours pâissants le flambeau se consume,  
Il s'éteint par degrés au souffle du malheur.  
Ou, s'il jette parfois une faible lueur,  
C'est quand ton souvenir dans mon sein se rallume.*

— Mas — prosseguiu o morgado — o que não há no teu coração é o souvenir do poeta de Elvira.

— Há.

— Qual?!

— A recordação do anjo da minha mocidade.

— Teu primo? — atalhou irado o marido.

— Não... o anjo da minha inocência.

Nicolau sorriu-se, compondo o desmancho de rosto, e disse com maviosidade:

— Queria ver-te feliz, prima!

— Feliz... como tu?

Esta pergunta deu-lhe uma pancada na alma. A reflexão combateu o preconceito, e respondeu:

— Sim, feliz como eu, que te adoro, e te perdoo as mágoas todas com que por vezes perturbas a imensa felicidade de te haver merecido...

— São quase duas horas... — observou Beatriz, depois de mais longa expansão de termos afetuosos do marido.

— Queres dormir, prima?

— Se eu pudesse... dói-me tanto a cabeça!...

— Pois sim, vai, meu amor; eu espertei com o muito café que bebi, e aproveito a vigília para ir escrever aos feitores. Vou alugar um palacete onde o encontrar. Aqui estamos incomodados com a pequena casa, e a bulha da rua. Gostas de ficar em Lisboa alguns meses?

— É-me indiferente.

— Dizem que teremos belo teatro lírico. Tomarei um camarote de assinatura. As primas Câmaras e as primas Mesquitas irão contigo, quando os embaraços da política me não deixarem... Diz-me cá, prima... Tu desejarias ser viscondessa do

Vidago? Oferece-se-me excelente ocasião, assim que o Ministério cair. Vê lá, queres?

— O que tu quiseses, primo... O que eu agora muito queria era dormir... Sinto-me tão desfalecida!..

— Pois vai, filha, vai; mas ama-me muito, sim? Vem dar-me um beijo... e até amanhã.

Nicolau abancou a escrever aos feitores. Eis aqui o espécimen de uma das cartas aos feitores:

“Ainda me sinto estremecer debaixo da eletricidade dos teus olhos... Abro ao acaso as Meditações de Lamartine, e leio no Canto de Amor:

*Laisse-moi respirer sur ces lèvres vermeilles  
Ce souff Ze parfumé!... Qu'ai je fait?...*

*Parle-moi!... que ta voix me touche!  
Chaque parole sur la bouche  
Est un écho mélodieux!...*

Esta carta começa lírica de mais para um feitor!  
Era provavelmente para Margarida Froment.

## **CAPÍTULO 18**

Ricardo de Almeida, quando Rafael entrou, dormitava ansioso, bracejando, e resmoneando sons desligados. À cabeceira estava o escudeiro, homem de anos, marido da ama que aleitara o fidalgo, e servo dos Almeidas desde a infância. O velho chorava, e dizia a Rafael:

— Saberá Vossa Excelência que é a primeira vez que vejo assim meu amo turvado do juízo. Mal hajam as desgraças, que vêm todas juntas!

— Isto não é desgraça, homem! — contestou Rafael Garção. — As bebedeiras são às vezes os purgantes da alma. Tu nunca purgaste a alma, meu velho?

— Sempre cuidei — respondeu o mordomo — que as almas se purgavam no Purgatório; mas a de meu amo, ou eu me engano, ou cai direita no Inferno. Estou a ver que lhe não chega a hora do arrependimento, como ao seu santo parente Fr. Gil de Santarém. Vossa Excelência sabe a vida deste parente do Senhor Morgado?

— Hás de contar-me isso, depois do café. Manda-me fazer café, que seja pólvora, e alegra-te, que o fadário de teu amo está a quebrar-se.

— Deus o ouça, meu Senhor! — disse o velho, e foi à cozinha filtrar alegremente o café.

Rafael estirou-se numa plácida otomana, e sentiu-se na mais feliz hora da sua vida. O excedente da felicidade vulgar parecia-lhe sonho. Coordenava as reminiscências de três quartos de hora, e convencia-se da real existência da sua fortuna após um arrojo que o coração não praticaria sem a escandecência dos vinhos. Erguia-se de ímpeto, e mirava-se num espelho, como quem admira o dileto da melhor fada, e o invejado dos mais bem-sorteados galãs. A felicidade do coração corrompido põe o homem nestes ridículos arroubos de si mesmo.

Chegou a bandeja do café. Rafael fez-se servir reclinado nos coxins, e disse:

— Se me dispensas, velho amigo, de ouvir a história de S. Gil, meu maior e de teu amo, pede-lhe por nós nas tuas orações, e conta-me alguma coisa da Margarida.

Ricardo sentou-se espavorido, e rouquejou um brado que parecia um romperem-se-lhe as fibras da laringe:

— Margarida!?

— Que é lá? — acudiu Rafael. — Uma chávena de café, primo Ricardo!

O moço circunvagou os olhos esbugalhados, lembrou-se, reconheceu-se, no aperto da desesperança angústia, e exclamou:

— Que perdição!... que horror me faz a vida!...

O mordomo saiu entalado de suspiros. Rafael deu-lhe a chávena, e exortou-o a esperar a boa crise mais rápida que o regular.

— A matéria bruta de sensibilidade — explicava ele há de gastar-se mais depressa em ti, que a consumes com maior energia que o vulgar dos homens.

Ricardo saltou oscilante do leito, e abriu as janelas do quarto, aspirando a tragos a viração da antemanhã.

— Estou melhor — disse ele. — Que soubeste de Margarida?

— Soube que Nicolau saiu de lá fixamente à uma hora.

— Onde estiveste?... aqui?

— Não: estive com a prima Beatriz.

— No hotel?

— Sim, no hotel.

— Como a fortuna te bafeja! — disse com tristeza Ricardo.

— A fortuna só desampara os fracos. Devias saber isto do nosso Virgílio: os fracos e os tolos, acrescento eu ao ilustre poeta. Tu, meu amado primo, funestamente, acumulas fraqueza...

— E tolíce — concluiu Ricardo.

— Estava eu a procurar um termo com mais eufonia; mas tu o disseste. Os dois anos, imolados à francesa, puderas tê-los dourado de fáceis e doidas alegrias, à mistura com alguns percalços inevitáveis, dos quais a gente se paga usurariamente com delícias. Olha que neste mundo há unicamente um estudo sério, e digno e vigílias: é salvar a cabeça do coração. Na cabeça é que estão os olhos que descortinam o futuro. A cabeça é quem vê o primeiro barranco em que é honra saltar, e o segundo em que é parvoçada cair. Certos sujeitos, quando cuidam que o ideal os eleva, burrificam-se. Chegada a ocasião de se destramarem habilmente de uma rede, escouceiam, enredam-se mais, e descambam na lama. Felizes aqueles que podem, como tu, dizer à desgraça: “Atrás, maldita, que eu tenho vinte e cinco anos!” De que bordo estás, Ricardo, que fazes?

— Retirar-me amanhã de Lisboa ou matá-la.

— Sou de voto que te retires. Vai convalescer, e volta ao mundo. Regenera os teus haveres, e torna a dissipá-los, se o bom anjo da tua índole te não apegar à doce vida que deixaste. Eu preciso desta casa, mobilada como está, com as carruagens e cavalos.

— Tudo te fica aí — disse Ricardo.

— Depois que me disseres o custo de tudo. Convém que saibas que minha tia-avó, falecida há dois anos, conservara intactos os cofres de meu tio-avô, governador do Brasil. Fui seu herdeiro. Achei cento e cinquenta mil cruzados em ouro. Gasto estes cabedais, com a certeza de que sou o forçado herdeiro de uma casa que rende catorze contos de réis. Já sabes que, se a tua mobília e trens podem valer dez mil cruzados, ou vinte, este dispêndio nem levemente altera os meus planos. Se me queres obsequiar, crê que me não obsequies com o empréstimo destes objetos: incomodas-me.

— Como quiseres — conveio Ricardo.

— Agora presumo que o Mesquita não sai tão cedo de Lisboa, a menos que Margarida me não denuncie. A vida em hospedarias arrisca a segurança das minhas excursões. Sou, portanto, o dono disto, e tu és desde agora o meu hóspede, e bom é que o sejas por pouco, se é que desistes de dar o último pregão da tua vida.

Repontava a estrela de alva. Rafael mandou atrelar os cavalos, e despediu-se, até à noite, de Ricardo. Saiu e recolheu-se à casa da Rua dos Remolares. Dormiu bem-aventuradamente cinco horas, ergueu-se como as inocentes avezinhas em manhã de Abril festivo, iluminado de interiores contentamentos, trauteando cançonetas espanholas. Foi espreitar à janela: viu Nicolau à beira da esposa; ele bem assombrado e risonho; ela esmaiada da cor e melancólica. Beatriz entreviu-o de um insuspeito lanço de vista. Corou até às orelhas; alindou-se, purpurejou-se quanto pôde o pejo de uma recordação, alanceada pelo espinho do crime sem remorso.

Os espinhos do remorso quebrara-os o marido por mão de Margarida Froment. A natureza moderna tem as coisas assim concertadas, para se não renovarem as penitentes da Idade Média. É verdade que há menos santas; mas também há mais quem incense as pecadoras. O Inferno lucrou, e o Céu creio eu que perdeu quase nada.

À uma hora, saiu Nicolau, e entrou o criado de Rafael com um bilhete que era uma lamentação, aprazando para as dez da noite o ensejo de poder verter-lhe no seio lágrimas que a sufocavam. Seguiram-se horas de enlevo em mútua contemplação. Por volta das três da tarde, Beatriz parecia desafogada das lágrimas impertinentes: sorria, trejeitava, inventava mímicas eloquentíssimas do coração. Entrou o marido beijando-a carinhoso. Rafael jantou, dormiu, sonhou fantasias deleitosas que eram, ainda assim, pálidos arremedos das alegrias verdadeiras.

Ao fechar-se a noite, foi o morgado de Faiões à casa de Andaluz. Pagou a Ricardo de Almeida a conta que o mordomo lhe apresentou. Fez novas exortações à coragem vacilante do primo, incitou-o a gozar-se de sua mocidade, recobrando-se das duas primaveras desfloridas. Afirmou-lhe que o desastre, visto a dois meses de distância, havia de afigurar-se-lhe um manancial de venturas subitamente aberto no seio da desgraça.

Ao outro dia, Ricardo de Almeida embarcou para o Porto com o seu mordomo, e dali, fechando os olhos a todos os lugares despertadores de memórias saudosas, passou à sua casa do Pontido.

As tias não saíram a recebê-lo nos braços, porque a notícia inesperada abalou-as de modo que desfaleceram abraçadas uma noutra. Ricardo beijou as mãos das transportadas senhoras, que logo ali prometeram erguer um altar na capela da casa consagrada ao seu parente S. Gil.

Encerrou-se o morgado. A sua culpa estava expiada. Margarida fora ingrata. A Providência seria injusta, se prolongasse o suplício do homem, que nenhuma dor causara com o seu desvario. Se dera escândalo, os escandalizados escarneciam-no e vingavam agora a moral pública. Foi por isso que o Céu se abonçou. A solidão restituiu-lhe, a pouco e pouco, a memória dos seus prazeres simples. Atentou na delapidação dos seus bens. Desempenhou os hipotecados, restaurando rendas bastantes a um decente passado.

Padre Ambrósio, o virtuoso egresso, perdoara-lhe o descrédito em que tinham andado na Foz as suas vestes, roçadas pelas sedas da pactuada do Inferno. Tinha ele sido chamado para Mirandela, onde tinha um irmão, chegado do Brasil, com centenaes de contos. Foi visitar o irmão, e sobrinhas; mas voltou ao Pontido, cuja casa lhe dera, em 1833, hospitalidade de parente, e desvelos de

família muito sua. O brasileiro foi visitar o irmão, e levou consigo uma das três filhas. Ricardo de Almeida quis honrar o irmão do seu mestre, e saiu a recebê-lo no pátio, e a receber na portinhola da liteira a mão da brasileira. Depois, voltou às suas suaves cogitações, aos longos passeios nas montanhas do Alvão, às fadigas da caça, e aos chumbados sonos das noites infinitas do Inverno.

A brasileira via sorrir aquele mancebo pálido com a graça dos infelizes que não podem queixar-se. Perguntou a D. Sancha o segredo daquela serena e afável melancolia. O egresso fez uma narrativa dos infortúnios do fidalgo, com tanto engenho que não feriu de leve o pudor da sobrinha.

Laura, a brasileira, ficou amando o moço triste. Despediu-se dele sem poder fitá-lo, e bendisse a lágrima que a denunciava.

O irmão do padre Ambrósio saiu encantado da lhaneza e cordialidade com que fora acolhido por família tão ilustre. “Se eu fosse fidalgo, escrevia ele ao irmão, daria a minha Laura e cem contos de réis a esse belo moço, que me cativou, e fez para sempre triste a minha filha. Alguns meus amigos e companheiros de trabalho e fortuna têm comprado a fidalguia para ombrearem com as raças nobres; mas eu tenho sido o primeiro a rir deles, e serei o último a comprar a nobreza, quando todos formos nobres, o que vem a suceder, se não houver dilúvio por estes vinte anos. Não digas isto ao teu discípulo, que não vá ele afugentar à minha custa a sua tristeza. A tanto não me sacrifico eu, nem a nossa Laura quer que a sacrifique.

Uma carta de Ricardo a Rafael, dois meses depois, desenvolve e remata o episódio, necessário ao contexto destas biografias. Dizia assim:

“É constante ainda o boato da tua residência em Paris. As damas de Chaves esperam as encomendas. Teus pais sofrem com a falta das tuas notícias. Apenas receberam a carta, que mandaste lançar à caixa em Paris. A Ângela de Santo Aleixo, para que ninguém possa duvidar de que tu vens casar com ela, casou antes de ontem com o morgado das Boticas.

O tio Martinho Xavier já desconfiou da lealdade do teu passaporte para França. Desconfia também tu da espionagem dele em Lisboa.

Eu não dou nada pela duração da tua felicidade. Já de cá te imaginei enfasiado. A mim dizias-me tu assombrado:

“Dois anos a mesma mulher!” Eu digo-te sem assombro, porque te conheço:  
“Dois meses o mesmo anjo!”

Agora, se queres, falar-te-ei de mim. Caso. A história da felicidade é uma palavra só. Não caso com prima nenhuma. É a filha de um homem que enriqueceu a trabalhar. Saiu de Mirandela com um chapéu braguês e uma véstia de cotim. Entrou em Mirandela com quatrocentos contos, e três filhas, e a jaqueta e o chapéu, que ainda mostra aos duvidosos da sua origem.

Laura é brasileira, é galante, faz dezoito anos, escreveu-me com pouco esmero de gramática, e incluía as cartas abertas nas do pai. Agora está em nossa casa, e minhas tias amam-na. Eu estimo-a, e creio que virei a amá-la. Sei que se afligem os nossos parentes com este enlace. Se meu avô Duarte de Almeida não morresse mutilado de mãos e dentes, a opinião de nossos primos é que ele viria estrangular-me e morder-me. Estes primos compraram-me as quintas ao desbarato, e prometem revender-mas pelo duplo. Pedirei a meu avô Duarte de Almeida que os sove a pontapés, visto que não pode dispor das mãos, assim como tu dispões de teu irmão agradecido, Ricardo.”

Rafael Garção, lida esta carta, ponderou, e disse entre si: “Parece-me que Ricardo é mais feliz do que eu!”

E, com intervalo de um solilóquio mental, falou com o seu demônio, e disse-lhe: “É crível que eu esteja enfasiado de Beatriz?!”

— Pois não é?! — respondeu o demônio.

## **CAPÍTULO 19**

Rafael Garção enfasiado de Beatriz!... — Castigo do Céu!

— Dispensemos a intervenção do Céu nas baixezas que o não exaltam. Temos cá em baixo a comezinha e espalmada explicação de tudo que é feio, triste e nauseativo.

Enfasiou-se Rafael Garção por sete razões:

1ª — Ninguém o estorvava de ir ver sua prima duas horas de cada noite, regularmente.

2ª — As horas do dia, passadas na sua residência clandestina da Rua dos Remolares, começaram a parecer-lhe longas, e a casa mal arejada, e os vizinhos do quarto andar insuportáveis com o estrupido do rapazio.

3ª — Beatriz exigia-lhe que ele passasse o dia ali, receando que outra mulher o estorvasse instantaneamente de a ver a ela.

Observação à razão terceira: Se a Beatriz lhe dissesse que a sua assiduidade naquela janela punha em risco o segredo, Rafael cuidaria que o terceiro andar estava perfumado de caçoulas orientais; e que o tropel dos meninos de cima era um sóido das harmonias dos astros.

4ª — Razão. As substâncias alimentícias chegavam sempre frias e derrancadas à Rua dos Remolares, por virem do Largo do Chafariz de Andaluz. Esta razão é vergonhosa!

5ª — Dormia Rafael três a quatro escassas horas em cada noite, para entrar com a aurora na casa fétida. Pesava-lhe a cabeça a miúdo; e à décima quarta noite de visita ao hotel, se se descuidava, bocejava na presença de sua prima.

6ª — Era curiosíssimo de touros e cortes, e não podia ir ao curro nem ao Parlamento.

7ª — Queria conversar, queria gente, queria dar jantares, e fazer brindes misteriosos a Beatriz; mas o relacionar-se era vitimar a sua felicidade às suspeitas de Nicolau de Mesquita.

Estas razões encadearam-se no fim do primeiro mês, e estavam já na forja os elos de outras sete, quando Nicolau de Mesquita alugou e mobilou um palacete no Largo de S. Sebastião da Pedreira.

Rafael melhorou de vida. Livrou-se do terceiro andar. Dormia nove horas. Comia o seu jantar em bom estado. Além disto, morava perto de Beatriz, e saía de noite a beber bons ares pela estrada de Palhavã até ao Campo Grande.

Demais a mais, Beatriz, perdido o susto, e identificada ao fato assustador, em vez de ir passar as noites com suas primas Câmaras ou Mesquitas, descia pela Travessa dos Carros, e volitava de sege de praça a uma porta do jardim de seu primo, e aí se espantava da velocidade instantânea das duas horas costumadas.

Isto durou um mês, a beneplácito do coração de Rafael.

Coincide com esta época o conciso diálogo, que ele teve com o seu anjo mau no final do anterior capítulo, depois de haver lido a carta de Ricardo de Almeida.

O morgado de Faiões ficava em casa, quando sua prima ia ao teatro. Não o afligiam ciúmes, nem saudades, nem anseios de vê-la sobreluzir entre a constelação das estrelas de S. Carlos, as quais — digamo-lo de fugida -, se não tivessem luz própria, seriam invisíveis à luz da sala.

O que ele queria era ir por si, e não por ela.

Reflexionando consigo, dizia ele:

— O mais aperreado dos três sou eu. O marido está com Margarida Froment, nectarizando a existência com as delícias da segunda edição do seu amor. Beatriz está no teatro a ver-se formosa na face das outras, e a saborear-se nas melodias de Verdi. Eu estou aqui a revolver-me do sofá para a poltrona; e, se quiser ao menos ver o céu estrelado, quando não há nuvens, hei de bater os dentes de frio por essas ruas, onde não conheço viva alma!

O corolário do discurso era algum axioma, dos que ele tinha composto para uso de seu primo Ricardo.

Queixou-se uma vez delicadamente deste sequestro do mundo à prima. Beatriz amou, e doeu-se de não ser bastante a dar-lhe mundos encantados de êxtases e fontes inexauríveis de poesia. Desfez-se a névoa, ao calor de um ósculo, no breve aguaceiro de mimosas lágrimas. Gongorizemos estas lindas coisas do coração.

A despeito, porém, de Beatriz, Rafael deu em ir a S. Carlos, quando ela ia, indagando previamente se o primo Nicolau passava a noite no Hotel de Itália. Furtava-se ao reconhecimento de rapazes conhecidos da universidade, e sumia-se entre a mó de alguns sujeitos gordos, que faziam perder a individualidade a todo o homem magro.

Beatriz, guiada pelo coração que lhe falou aos olhos, apanhou-o, e assustou-se; porém, como o visse a contemplá-la, perdoou-lhe.

Assim, pois, melhorou algum tanto mais a vida de Rafael Garção, e decorreram dois meses suavemente, sem variante notável.

Em Março daquele ano de 1843, disse Nicolau à senhora que precisava de ir a Santarém com alguns correligionários políticos preparar o terreno para uma revolução, tendo de demorar-se nesta diligência forçada três dias. Beatriz ajeitou o rosto a uns ares tristes, e o marido licenciou-a, como lenitivo à saudade, a ir passar algum dia a casa das primas Câmaras, em Benfica.

Contou ela, exultando, ao primo.

— Bela ocasião de irmos passar um dia a Sintra! exclamou Rafael.

Ficaram pactuadas as delícias de Sintra.

Nicolau despediu-se à tarde da esposa, e foi, se não mentiu, para Santarém.

Ao alvorecer toda risos a manhã do outro dia, Beatriz saiu fora da barreira, que lhe ficava à porta, entrou na carruagem de Rafael; e eles aí vão, à competência com o júbilo dos passarinhos, estrada fora.

Chegaram a Sintra. Parou a carruagem à porta do Victor. Rafael apeou-se, foi dentro procurar um quarto alegre e espaçoso com vista sobre os arvoredos das quintas subjacentes.

Dizia um criado que os quartos principais estavam tomados; e apenas dispunha de um sem janela, mas limpo como todos.

Objetou o morgado que vinha com ele uma senhora, e em tal caso iria buscar hospedagem noutra parte.

Nisto, abriu-se uma porta de um quarto próximo, e saiu à sala de entrada Nicolau de Mesquita.

— Por aqui, primo Garção?! — disse o do Vidago sem sombra de malquerença O choque perturbou o sangue-frio de Rafael por momentos. Fez-se logo, porém, a reação dos impertérritos espíritos.

— É verdade, primo Mesquita!... Vossa Excelência aqui!... Eu julgava-o há muito em Palmeira. Cinco meses em Lisboa!

— Aqui estou embaraçado por coisas da política. Afinal caí neste lodaçal comum. E você donde vem?

— De Paris. Cheguei ontem à tarde. Venho ver Sintra, e vou breve para a província.

— Veio só?... — perguntou Nicolau, sorrindo.

— Porque pergunta se vim só? — replicou Rafael, atalhando.

— É que ouvi dizê-lo ao criado que trazia uma senhora.

— Ah!... sim... eu trago uma senhora...

— Não se atrapalhe, homem! Quem vem de Paris não pode deixar de trazer uma mulher... — tornou Mesquita com o rosto aberto e alma lavada. — Mas você não vai casar com a Ângela de Santo Aleixo?! Que destino há de dar o primo à criatura que leva?

— Hei de pensar nisso, primo...

— Afinal — volveu o marido de Beatriz — o visionário desistiu das núpcias celestiais!...

— Que remédio!..

— Bem lho disse eu, seu rapazola!... Fica por cá hoje?

— Provavelmente... Vossa Excelência veio com a prima Beatriz?

— Não: vim só... Beatriz — continuou Nicolau com o semblante menos ridente — vive toda entregue aos ministérios caseiros e ao amor do filho.

— Queira Vossa Excelência fazer-lhe os meus cumprimentos, que eu parto amanhã talvez, e peço me dispense de procurá-los. Adeus.

— Então já?...

— Vou em busca de outra pousada.

— Olhe cá! a companheira é parisiense?

— Não, primo, é de Marselha... Adeus!...

— Ah! sim? São belas mulheres essas...

Rafael já estava no rossio ou patim do hotel, e Nicolau acompanhava-o, dissimulando o intento de ver a francesa.

O morgado de Faiões transpirava de aflito, e sentia-se estúpido para inventar um obstáculo à desastrosa coincidência!

Beatriz reconhecera a fala do marido, e tremia na mais natural e horrente perplexidade.

Estava tolhida de pavor.

Rafael parou, torcendo o bigode, e friccionando a concha da orelha esquerda. Parece que tinha uma ideia salvadora na orelha esquerda.

Chamou o cocheiro e disse-lhe:

— Desanda a carruagem, e pára à porta de outra hospedaria, que aí está em cima à direita.

— A senhora vai? — perguntou o criado.

— Vai.

— Maganão! — disse o Mesquita, batendo-lhe no ombro — você não quis que eu visse a mulher!

— Essa é boa, primo Nicolau!... Que tem que a veja!... Eu confio bastante nela e no primo!... — respondeu jovialmente o morgado de Faiões.

— Pode confiar, que eu pus ponto nos desvarios — concordou o do Vidago. — Agora, a minha dama é a política.

— Cuidado com as perfídias dessa dama, primo! Eu antes me quero com as devassidões das outras!

— É porque você não tem amor pátrio, e está na sua época de desperdiçar as forças do espírito.

— Diz bem, meu amigo, e, se me dá licença, vou dormir um pouco para recuperá-las. Aparece?

— Não sei se poderei: espero aqui uns políticos que vêm de Lisboa.

— Pois então divirtam-se; e até à vista, primo Nicolau.

Beatriz não quisera appear, sem entender a estranheza daquele encontro. Sentia uns angustiosos apertões de medo, que os criados não compreendiam.

Rafael entrou na carruagem, e disse:

— Já para Lisboa!

E contou o simples caso da aparição de Nicolau. Beatriz aquietou-se, e riu, quando o primo lhe contava o cômico diálogo com o marido. Mas o susto sobreveio, quando Rafael conjecturou que Margarida, àquela hora, poderia revelar coisas que os perdessem.

No entanto, Margarida Froment, que despertara no momento em que Nicolau entrava no quarto, perguntou-lhe:

— Donde vens?

— De encontrar aqui um parente, que chegou ontem de França.

— Está cá?

— Vinha procurar quarto; mas não o encontrou digno da francesa; que trazia consigo.

— Viste-a? É galante?

— Não a vi. O rapaz tem medo que lha bebam os ares.

— Então ele é velho?

— Tem vinte e quatro anos. Já te falei nele. É o Rafael Garção.

— Ah! — disse Margarida com um sorriso indefinível. — Esse teu primo é aquele que amou a tua mulher?

— Justamente.

— E veio agora de Paris?

— Sim.

— Há quanto tempo estava ele em França?

— Há cinco ou seis meses.

— Cuidei que o vira há três em casa do Ricardo... Que figura tem? É um rapaz magro, de melenas escuras, bigode, e uma cicatriz na face esquerda?

— Tal qual... Tu viste um homem assim?! — interpelou o morgado, atirando-se.

— Vi... há três meses, poucas noites antes de sair de casa do Almeida.

— Mas é a primeira vez que me falas dele!...

— Não sei para que havia de falar-te de um homem, que me não importa!

— Mas eu disse-te que suspeitava...

— Que suspeitavas de um primo de tua mulher que estava em França. Como me não disseste o nome dele, nem a época em que tinha ido, eu não podia supor que a visita de Ricardo era o primo de quem me falavas... Que pensativo estás, Nicolau!...

— O que eu penso é uma horrenda coisa!... — balbuciou cavamente o morgado, e saiu.

— Onde vais?! — acudiu Margarida.

— Não me sigas... espera-me, que eu tenho a cabeça perdida.

Foi à porta da hospedaria que Rafael indicara ao cocheiro. Perguntou se ali não parara uma carruagem. Informaram-no que estivera lá um trem com uma senhora, obra de dez minutos; e partira de grande batida, assim que chegou um sujeito, e disse ao cocheiro: “Já para Lisboa.” Pediu os sinais da senhora: Disseram-lhe que era magrinha, branca de neve e tinha uma capa de casimira escarlata.

— Maldição! — rugiu o morgado com os dentes cerrados.

Voltou ao Victor e mandou pôr os cavalos à carruagem. Foi ao quarto de Margarida, e exclamou:

- É horrível o que acontece!...
- Que é, filho?! — perguntou a francesa, mais agitada que o natural.
- Vamos para Lisboa!... Já!... Eu tenho sido atraído!..
- Por mim, santo Deus? — exclamou a francesa.
- Não, por minha mulher.
- Tens provas?!
- Era ela que vinha com o infame! Era ela, e eu vou arrancar-lhe o coração!... e apunhalá-lo a ele!
- Reflexiona, meu anjo! — redarguiu Margarida Froment. — Tu estás desvairado! Pois tu viste-a?
- Não. Fugiram. Branca, magra, e capa escarlate!... Era ela! Está morta, juro-te que morre hoje, se não estiver escondida nos abismos do Inferno!
- Que pequena alma! — observou a francesa. Quando assim fosse, não terias a coragem de Ernesto Froment?
- Nicolau fitou-a com espasmo de furioso, e bramiu:
- Porque me dizes tu isso?
- Porque meu marido, como sabes, não me veio procurar onde me tu trouxeste. Sei que vive feliz, e esquecido da desonra, e de sua mulher.
- Eu não sou Ernesto Froment! — exclamou irado. Sou Nicolau de Mesquita.
- Igual a Ernesto Froment perante a desgraça — acrescentou Margarida.
- Basta!
- Falta-me dizer umas breves palavras – tornou ela. — Eu não hei de ir andar contigo atrás de tua mulher. Vai, e deixa-me aqui ficar. Se quiseres, volta, ou manda-me buscar, depois de teres concluído essa empresa.
- Vem, que eu, à entrada de Benfica, mando-te levar ao hotel. Vem, Margarida, se não estás apostada a tirar-me o resto da minha razão!

— Pois sim, vamos.

Que suplício no trajeto daquelas cinco léguas, tão vagarosas! Que confrangimentos de alma, e revoltear de víboras assanhadas no peito!...

Parou a carruagem em Benfica, onde moravam as primas Câmaras.

Nicolau mandou o cocheiro conduzir Margarida ao hotel, e encaminhou-se por uma azinhaga à quinta das primas.

Bateu ao portão. Houve grande demora em abrirem-lhe. Chegou uma criada a uma janela gradeada do muro, e perguntou:

— É Vossa Excelência, Senhor Mesquita?

— Sou: a Senhora D. Beatriz está cá? — disse ele ofegante.

— Está sim, meu Senhor.

— Está?! — reperguntou com espanto.

— Já disse que está... Eu vou pedir a chave para abrir o portão.

la grande alvoroço nos quartos das Senhoras Câmaras.

Beatriz estava em convulsões; e uma das primas casada dizia-lhe:

— Que mulher esta!... Ó tola, ânimo, que está tudo prevenido, criadas, e tudo!... Tira essa capa, e cobre-te com a minha azul, que é irmã da tua. E uma cautela, que tu não sabes se ele te viu...

— Sacudam-lhe o pó do chapéu! — disse outra Senhora Câmara, também casada.

E o marido desta senhora acrescentou:

— Porte-se com coragem, prima Beatriz.

O tardio abrir-se do portão deu tempo a tudo isto.

Quando Nicolau avistou a escadaria do palacete, já sua mulher, entre as Senhoras Câmaras, estavam no patim, vozeando um alarido de alegre recepção ao primo Mesquita.

O reparo que ele fez logo foi na capa, que lhe saiu azul. Ainda assim a cara denotava o inferno interior.

— Não foste a Santarém?! — perguntou Beatriz com jovial admiração.

— Assim, assim — aplaudiu a meia voz uma das senhoras casadas. — Fala-lhe nesse tom.

Nicolau subiu a escada, ainda esbofado.

— Vieste a pé?! — disse Beatriz. — Que cansada é essa! Tu donde vens? De Lisboa? Como ficava o menino? Viste-o, filho?

— Muito bem! — disse à puridade uma Senhora Câmara a outra Senhora Câmara, ambas casadas com maridos espertos.

O morgado sentou-se num banco de ferro. Era a mais inclassificável das fisionomias beneméritas de um estudo fisiológico.

— Que tens tu? — voltou Beatriz. — Querem ver que te aconteceu com o demônio da política alguma desgraça!

— A que horas saíste hoje de casa? — perguntou abruptamente Mesquita.

— De manhã cedo — respondeu uma das Senhoras Câmaras — porque nos veio pôr a pé a travessa da prima, eram seis horas e meia.

— Essa pergunta que significa? — inquiriu Beatriz, arrugando a testa.

— O primo está aflito! A sua pergunta quer dizer alguma coisa! — observou outra senhora.

Beatriz entrou de repelão na sala, encarando-o com uma sobranceria de quem esmaga a afronta sob os tacões das botinhas.

— Entre, primo Mesquita — pediu o marido de uma das senhoras. — Vossa Excelência está preocupado.

— Peço perdão! — disse Nicolau. — Eu devo confessar, visto que Beatriz se retirou ofendida, que uma gravíssima suspeita me trouxe aqui.

— Suspeita injuriosa à pobre senhora? — perguntou a prima Carolina.

— Eu supus que minha mulher esteve em Sintra, há três ou quatro horas.

— Que horror! — exclamou uma; e as outras, com as mãos no rosto, conclamaram:

— Que horror, Deus de misericórdia!

— Em Sintra!?

— Há três horas!?

— Haveria olhos infames que tal vissem!

— Quem lhe disse isso?

— Como se ataca a honra de um anjo!

Falavam todas a um tempo. O próprio sujeito, que era marido, cruzou os braços, abanou a cabeça, e disse:

— Que hedionda calúnia!

— Venha pedir perdão à prima Beatriz! — disse uma dama de cinquenta anos, que tinha ao seu lado uma filha de vinte e outra de dezoito. — Vá pedir perdão à inocente menina! Em Sintra!? Pois ela chega aqui às seis horas e meia, a pé, coitadinha, que não tinha trem, nem o achava àquela hora... e esteve em Sintra há quatro horas!... Que mundo, que mundo!...

Nicolau ergueu-se, e foi pelo braço do cavalheiro a um quarto, onde Beatriz se refugiara com uma das senhoras.

Estava ela com a pálida fronte apoiada na palma da mão, e os olhos no regaço, sobre a mão da sua amiga, que a confortava.

Nicolau acercou-se dela, tocou-lhe na face, e disse comovido:

— Então, filha!... perdoas-me?

— Não quero saber o que hei de perdoar-lhe — respondeu Beatriz com severidade.

— Perdoa, perdoa! — disse uma Senhora Câmara, que não averiguamos se era casada — perdoa, porque as desconfianças são a prova do amor.

Eram seis horas da tarde. Ia o jantar para a mesa. Nicolau pediu desculpa de não poder assistir. Foi para Lisboa, e ficou de mandar à noite a carruagem buscar sua mulher.

Entrou de boa cara no Hotel de Itália, e disse a Margarida:

— Sou um asneirão! Beatriz estava desde as seis horas e meia da manhã em casa das primas Câmaras! Pobre mulher!...

— E pobres homens... — ajuntou Margarida com um sorriso perverso — pobres homens os ciosos como tu!...

## **CAPÍTULO 20**

O papel, que Beatriz representava com as comediantes Câmaras, não ajustava ao seu caráter. A senhora, obrigada a valer-se das primas, e a promover a irrisão do pai do seu filho, sentia-se humilhada, e ridícula, em seu marido, rebaixado à condição dos Sganarellos e Dandins de Molière.

As Senhoras Câmaras, até à hora em que Beatriz lhes apareceu, exorando que a defendessem de alguma suspeita de seu marido, consideravam-na esposa imaculada, e abstinham-se de conversarem licenciosamente diante dela. Beatriz, ao arrancar de repente a máscara, não sentiu a dor do empuxão; mas depois, quando ou viu as chacotas alusivas ao marido enganado, teve vergonha, e condoeu-se dele.

Figurava, para desoprimir-se, as perfídias do esposo, a ida para Sintra com a francesa, o desapego de alma com que a tratava, e o ar ameaçador com que por mero orgulho lhe prescrevia os deveres. Isto podia muito com ela; mas não a reabilitava aos olhos das senhoras, que, desde aquela hora, na ausência do marido de uma, a fizeram confidente de passagens mais ou menos análogas, e algumas piores de devassidão e escárnio marital.

Beatriz saiu à noite, anojada delas e de si. O marido não estava em casa, nem lá tinha ido averiguar dos criados. Os criados de Mesquita vendiam o seu silêncio a Rafael Garção, e lastimar-se-iam na hora em que se rompessem as ligações da

fidalga com o mais generoso dos mortais, que eles haviam conhecido, relacionado com suas amas.

Escreveu no mesmo ponto Beatriz ao primo, relatando o sucesso de Benfica, salvos os relanços irrisórios. Rafael deu louvores à sua estrela, e disse consigo:

“É necessário acabar com isto, antes que estale borrasca! Não desprezemos este aviso!”

Beatriz, porém, afervorava-se mais em ternura desde que pressagiara algum desastre. Lembrou-se que Nicolau, com as provas da deslealdade dela, era homem talvez para matá-la, ou repeli-la com desprezo. O pai, o severo Martinho Xavier, aferrolhá-la-ia num convento, ou vingaria o marido, num rapto de furioso ódio. Beatriz precisava contar com o refúgio e amparo do homem amante, corajoso, rico, e afrontador de todos os respeitos sociais por amor dela. Faltava-lhe ânimo e impudor, digamo-lo assim, para prevenir Rafael no sentido dos seus presságios. O bizarro moço acudiu às balbuciações da prima, anelando a hora em que ela se despenhasse dos respeitos vãos do mundo aos braços defensores do esposo de sua alma. Alentou-se o espírito da senhora. Achou-se mais destemida, e mais segura na rampa da sua perdição.

Escreveu o morgado da Palmeira ao sogro, e dizia-lhe num post-scriptum: “Aqui vi Rafael, que chegou de Paris. Leva uma francesa. Doido até à morte!”

Martinho Xavier respondeu:

“No tocante a Rafael Garção ouso pedir à tua bondade que me não fales mais. Eu falei muito a respeito deste homem. Hoje a ti peço, aos mais ordeno que me não falem nele.”

Martinho Xavier, velho amigo do governador civil de Lisboa, sabia, mediante as fáceis pesquisas policiais, onde morava Rafael em Lisboa. Concluiu muito mais além do que a alçada da polícia devassou, e calou-se para não ir ele hastear o patíbulo da desonra da filha.

Nicolau de Mesquita ponderou em nada as palavras do sogro.

Revieram dias serenos, serenos de sobejo para a letargia de Rafael. Sensação nova para ele! Até saudades dos pais o inquietavam! Parecia-lhe que na província havia de amar mais poeta, e mais intensamente sua prima.

Este constrangimento adoentou-o sem artifício. Beatriz deu tento de sua tristeza, e considerou-se desamada. Chorou e fez-se aborrecida. A mulher, nas condições de Beatriz, nada vence com lágrimas, e às vezes dissolve com elas os filamentos que a prendem à estima que se desfaz. Rafael queixou-se amargamente da injustiça e da ingratidão.

— Avalias mal — disse ele — um homem dos meus anos, e com o meu temperamento, que está, há sete meses, privado da liberdade, e até de ar, no centro de Lisboa, rodeado de prazeres, atraído pelas diversões de que amante nenhum se abstém.

— Eu cuidei que eras assim feliz!... — atalhou ela secando as lágrimas ao incêndio do súbito arrependimento.

— Feliz... decerto fui e sou: mas custa-me que tu chores, quando eu me queixo que não posso com esta vida... Tens tu força de mover teu marido a ir para a província?

— Eu não tenho força nenhuma, primo...

— Experimenta, Beatriz: diz-lhe que estás doente; pode ser que ele te deixe ir para Palmeira. Se ele quiser ficar com a francesa, que te faz isso?

— A mim que me há de fazer?!... Pois sim, eu lhe pedirei que me deixe ir para Palmeira... E perdoa-me — disse ela enternecedora -, perdoa-me, Rafael, que eu bem conheço que estás doente, e aborrecido como eu de Lisboa. Quem me dera nas minhas árvores, e à margem do meu Tâmega!... Amei-te com tanto coração naqueles sítios!... Tenho saudade da gruta em que eu ia buscar as tuas cartas e levar as minhas! Conheço todas as plantas donde tu colheste uma flor, que deixavas cair entre as murtas para eu a murchar ao calor do meu seio. Também te lembrás?

— De tudo, minha filha!.. — disse Rafael comovido. — De tudo me lembro em que os teus olhos pousaram um instante. Voltaremos nós àquele céu?... Ver-nos-á uma daquelas noites estreladas da nossa terra?

Estavam mais líricos que o seu costume. O morgado de Faiões era alma pouco puxada à fieira do idílio. As estrelas distraíam-no mediocrementemente, e a lua incomodava-o com demasias de luz, nas suas escaramuças noturnas à pacífica

honestidade dos infelizes, como o farmacêutico, e o coronel, e outros de lacrimável memória. Enquanto a Beatriz, até àquela hora, minguara-lhe tempo aos devaneios pelo azul dos céus da sua terra e canteiros do seu jardim. Nos romances, que lera, se alguns amantes se detinham em palestras concernentes a estrelas, e sombras de plátanos, admirava-se ela da impertinência dos autores, que tão pouco, em certas conjunções, conheciam o coração de duas pessoas apaixonadas, ardentes, novas, doidas, escondidas uma noutra como dois anjos, que não entendem o mundo.

Desde este dia, ou noite, Beatriz ficou pensando sempre em voltar à aldeia. Também ela esperava que o seu Rafael centuplicasse os carinhos, além, naqueles convidativos bosques, onde parece que o coração se dilata, e enche do amor dos mil amores que a natureza espira.

Pedi ao marido que a levasse a Palmeira, se ele queria passar o Verão em Lisboa.

Nicolau respondeu que não podia ir, nem viver sem ela.

— E se te eu disser que me sinto deperecer, e brevemente morrerei em Lisboa?  
— replicou ela.

— Não morrerás, menina. Pelo contrário, a vida da aldeia ser-te-ia hoje um incessante fastio.

— Como quiseres, primo... — tornou Beatriz com despeito. — Ainda assim, hás de consentir que eu, se me sentir pior, escreva a meu pai, pedindo-lhe que me venha buscar. Tenho um filho, e quero viver para meu filho.

— Pois vive em Lisboa, priminha, que estes ares são puríssimos, e a tua saúde por enquanto é ótima, se não me engano.

— Tu nunca te enganas, meu primo — retorqui, sorrindo amargamente; — mas também não enganas ninguém.

— Explica-te!

— Mais tarde...

— Porque não há de ser já?!

— Porque ainda se não gastou a paciência... Não me faça mais perguntas, visto que eu tenho a delicadeza de te não responder. Se um dia me queixar, não há de ser a ti.

Nicolau recolheu a cólera e a interrogação imprudente. Compreendeu que Beatriz lhe conhecia deslealdade; e, do aprumo glacial com que ela o invetivou, também inferiu que não era amado.

Resignou-se, e protestou acautelar-se, visto que ainda era tempo. As cautelas consistiram em sondar e precatar a fidelidade dos criados. Ia bem naquele rumo.

Passados dias, voltou Beatriz a pedir-lhe que a levasse para Palmeira. Nicolau respondeu:

— Pode ser na semana que vem.

Escreveu a um amigo de Chaves, perguntando-lhe se Rafael Garção tinha casado com a Ângela de Santo Aleixo. Disseram-lhe que Ângela havia casado, quatro meses antes, com o morgado das Boticas, e que o morgado de Faiões ninguém sabia dele, porque não escrevia a ninguém.

— Então que é isto? — perguntava Nicolau à sua razão esclarecida. — O homem disse-me em Sintra que ia para casa, e ninguém sabe dele!... Não negou que ia casar com Ângela, e Ângela estava casada!... Mas, se ele estivesse em Lisboa, e Beatriz o soubesse, seria um contra-senso querer ela ir para a província! Isto não falha aos ditames de uma razão sã! Já sei o que é: o doido escondeu-se por aqui, ou no Porto, ou na província com a francesa. E o que é. Martinho Xavier sabe-o, e, irado contra este escândalo, proíbe que lhe falem nele. Minha mulher é estranha a tudo isto. Vejo-a doente, e receio que ela se queixe ao pai. Sabe a minha vida misteriosa, e, se eu a contrario, é capaz de me denunciar. Martinho Xavier vem a Lisboa, e toma conta da filha. Remedemos as eventualidades. Vou para Palmeira com minha mulher, e preparo residência à francesa na minha quinta da Ribeira de Oura. No Inverno seguinte, deixo Beatriz em Chaves com o pai, e volto a Lisboa com Margarida.

Beatriz recebeu a nova da partida. Avisou Rafael, que antecedeu oito dias a jornada, entrando outra vez em Espanha. A mobília da casa de Andaluz foi

vendida em globo, em nome do seu criado. O desabafado moço cuidou que saía de Lisboa com um pulmão desfeito, e o outro atacado de tubérculos.

Entrou Rafael Garção em Chaves, com dois caixotes de encomendas de Paris, mandadas comprar no Chiado. Andou entregando os objetos às primas, com as quais falava dificilmente o português. As senhoras achavam-no assim mais interessante. As donzelas gostavam de ser chamadas *mamasélles* e *chères cousines*, pronúncia que feria os ouvidos lusitaníssimos das velhas. De Chaves foi para Faiões, onde se espantou de não encontrar cinquenta e tantas cartas, que havia escrito a seus pais, de diferentes cidades do mundo. Os velhos choravam abraçados nele, como se o filho, por milagre de Jesus, quebrasse a campa. Julgavam-no como morto, não obstante Ricardo de Almeida, compadecido deles, lhes haver asseverado, de mês a mês, que Rafael vivia. O morgado queixou-se acrememente da inconstância da prima de Santo Aleixo, e protestou casar-se por vindicta com a mais rica herdeira.

Passados dias, foi visitar Ricardo ao castelo de

Aguiar. Viu Laura, a pomba do Céu, que depusera o ramo de oliveira no coração do amante de Margarida. Inclinou-se com ingênuo respeito diante da mulher, que o recebia com um sorriso de estima. Sabia ela quanto seu esposo devia a Rafael Garção, perdido no conceito público, e ao mesmo tempo bajulado dos pais, querido das mulheres, e invejado dos homens. Ricardo pintara-lhe vantajosamente o caráter de Rafael, omitindo o desdouro dos seus amores adúlteros. Laura uma vez lhe revelara a esperança de ver uma de suas irmãs casada com o morgado de Faiões. Ricardo singelamente lhe disse:

— Não penses em tal. Rafael há de morrer solteiro, porque há de morrer novo.

Regozizou-se a dama brasileira de ver Rafael com saudável exterior, e uns vislumbres de espírito fatigado de correr mundo à procura das aventuras vãs e estragadoras do coração. Julgava ela que as leviandades do fidalgo eram amar sem destino, gastar o sentimento em afetos inconsequentes, e com mulheres devastadas pelas paixões, falsas paixões que desluzem as ilusões cândidas da alma, como as cores postiças corroem a natural púrpura do rosto.

Largas horas praticaram os dois amigos em passeios na serra, por onde Rafael tragava saúde, e renovava o sangue. Falava de Beatriz com saudade, porque a distância lhe aureolava com o resplendor de outros tempos. Revelava os seus

intentos a Ricardo, que, sem fortalecer o discurso com axiomas, lhe pedia que rompesse uma aliança, prometedora de cortar-se mais tarde com mais doloroso golpe.

— E cuidas tu que Beatriz não morre, deixando-a agora eu? — dizia entre piedoso e fátuo o de Faiões.

— Cuido que não morreria, primo Rafael. Merecia a pena experimentares quinze dias.

— Fez-te bárbaro a felicidade, Ricardo!... Assim queres tu que eu faça uma fria e selvagem experiência na vida da mulher que me ama, e que tem posto a risco a honra e a vida por amor de mim?

— Não, primo... O que eu queria era induzir-te a salvar-lhe a honra, que a vida não tem marido que lha tire. "

— E, depois — redarguiu Rafael -, que querias tu fazer de mim?

— O mesmo que tu indiretamente fizeste do teu primo Ricardo.

— Levar-me ao casamento.

— Levar-te à honra, e a honra depois que te inspirasse, meu amigo.

## **CAPÍTULO 21**

Chegaram os fidalgos ao Vidago. Beatriz entrou contente na enorme gruta de árvores seculares, que emboscavam a casa de Palmeira.

Quinze dias depois, Margarida Froment, com o seu mordomo e criadas, aposentavam-se na quinta da Ribeira de Oura. Nos arredores corria que esta dama, com suas aias, e mordomo, vestidos à bizarra, era uma ilustre estrangeira, que viajava, e parara ali, embelezada nos encantos do sítio.

Martinho Xavier não visitou a filha, e, respondendo ao genro, que lhe anunciava a chegada, nem prometia ir vê-lo, por estorvo de enfermidades, nem o convidava a ir a Chaves. Nicolau de Mesquita azedou-se da indelicadeza, e disse à mulher que o pai era uma criatura intratável.

Informou-se o morgado do viver de Rafael. Colheu que vivia muito no Pontido com Ricardo, e com os amores começados de uma cunhada de Ricardo, dotada com duzentos e cinquenta mil cruzados. Varreram-se-lhe suspeitas do pensamento. Foi à Ribeira de Oura; deteve-se oito dias, e voltou forçado pelas conveniências, e já não pelo ciúme.

Neste espaço de tempo, Rafael Garção passou três dias no palacete de Palmeira, e revistou com Beatriz, nas cálidas horas das noites de Julho, os maciços das murtas, os alegretes das flores almejadas em Lisboa, os arvoredos cerrados, as abras do Tâmega rumoroso. Noites lindas, cismadoras como as do tempo ido, mas que diferentes ao espírito de Rafael! Poesia espontânea essa fenecera como as flores de então. A poesia de agora, tirada à força da fantasia, era toda arte de coração fatigado. Beatriz é que era sinceramente ditosa.

Rafael estava ali, e pensava em Amélia, irmã de Laura, trigueira como sua irmã, olhos mais ardentes, espíritos mais cintilantes, cheia de graça na conversação, e de meigas puerilidades no seu amor.

Acontecia, porém, que o pai de Amélia desconfiava do caráter de Rafael. Repugnava-lhe o tom galhofeiro do primo de Ricardo de Almeida. Achava-o mundano de mais; bom para as salas; verde de mais para a vida íntima. Não obstante, ligeiramente contradizia a propensão da filha.

Rafael não podia romper de vez o enlace com Beatriz; prometia, porém, ser forte e honrado, assim que o casamento se tratasse.

Aqui o temos, pois, transtornado, e seduzido pelo exemplo da felicidade do primo. As diferenças de gênio, que meses antes observara ele, entre si e Ricardo, tornaram em identidade de aspirações. Dizia-lhe o castelão de Aguiar que principiasse a sua reforma, renunciando às abomináveis inteligências com a esposa de Nicolau de Mesquita. Rafael mentiu, protestou despedir-se dela cavalheiramente, recolheu-se a Faiões; e, assim que houve nova da segunda ida de Nicolau à quinta da Ribeira de Oura, voltou para o Vidago.

Martinho Xavier sabia os passos do genro, e os do sobrinho. Ao genro perdoara; ao sobrinho não pudera. Um dia, chamou dois valentes filhos de um caseiro das suas terras de Barroso. Deu a cada um seu bacamarte; e, ao cerrar da noite, ordenou-lhes que o esperassem fora de Chaves, com um cavalo à rédea. No selim iam afivelados coldres de pistolas de alcance.

À meia-noite, haviam caminhado quatro léguas. A casa acastelada de Faiões negrejava, como um morro de fragas, a um oitavo de légua distante.

Martinho parou e disse:

— À uma hora devem aqui passar dois homens a cavalo. Se o que vier à retaguarda fizer algum leve movimento com armas, atirem a matar. Ao que vier na frente não lhe ponham mão. Se acontecer matarem o criado, fujam, e esperem-me além-Tâmega. Eu lá irei ter.

Antes da hora marcada aos criados, que se embrenharam numa bouça, ouviu-se perto o estrupido de cavalos no declive pedregoso da calçada. A estrada achanava-se ao cimo da ladeira.

Rafael Garção viu ante si um cavaleiro, quedo e imóvel como estátua.

— Quem é? — perguntou, engatilhando uma pistola.

— Sou Martinho Xavier, pai de Beatriz.

— Meu tio! — exclamou Rafael, abaixando o braço da pistola.

— Arreda lá com o parentesco, infame vilão! — bradou o velho. — Vai perguntar a tua mãe que lacaio te deu o sangue plebeu que te gira nas veias!

— Essa afronta não fere minha mãe, Senhor Xavier! — respondeu o de Faiões erguido nos estribos.

O criado de Rafael, seu companheiro e guarda desde os quinze anos, esporeou o cavalo com um bacamarte em punho.

— Alto aí! — ordenou Rafael ao seu valente criado.

O homem susteve o ímpeto do cavalo, e recebeu, no mesmo ponto, duas balas em cheio no peito. Oscilou sobre a sela, inclinou a cabeça ao pescoço do empinado cavalo e, destribado, caiu morto em terra.

— É uma espera de assassinos? — exclamou Rafael, abocando a pistola ao peito do tio.

— Como quiseres, canalha! Vais agora morrer tu, às mãos de um velho, que desonraste. Desfecha, coroa a tua vida com o homicídio! Mata quem te vai varar esse perverso coração!... O pai de Beatriz deve morrer às tuas mãos!

Rafael abaixou a arma apontada, e disse:

— Atire! Aqui me tem mais perto!...

E impeliu a trancos o cavalo para a frente, e quase ao alcance do braço de Martinho.

O velho retirou o dedo convulso, que premia o gatilho.

— Antes quer que os seus criados me assassinem? Exclamou Rafael. — Pois então que atirem eles! Um homem inocente está ali morto no chão; matem agora o criminoso; desculpem-se de uma barbaridade com um ato de justiça. Salvem a honra de seu amo, que o sangue do meu criado não lhe pode lavar as nódoas!

Martinho Xavier fraquejara. Aquele silêncio era uma estrangulação que lhe afogava na garganta a voz. Contara consigo para uma desafronta, que, nas cogitações do seu quarto, lhe parecera heróica. A presença do cadáver, e o ânimo frio de Rafael conturbaram-no.

— A desonra de minha filha!... — balbuciou ele. E as lágrimas romperam-lhe em torrentes, e a pistola caiu-lhe da mão. — A minha amada filha... prostituída... por um sobrinho de seu pai... pelo companheiro da sua infância, que eu tinha em meus braços, quando ambos se beijavam... E pudeste, Rafael, tu, pudeste perdê-la, quando devias guardar a dignidade dos teus, respeitar a esposa de um amigo, a filha de um velho, que te estremecera como pai... Tu, filho de uma irmã de minha mulher!... Maldito sejas!... Deus não quer que eu possa castigarte... Divina Providência, eu vos entrego este criminoso!... Castigai-o vós!

Martinho Xavier desandou o cavalo, e partiu vagarosamente. Carecia de forças, para acelerar a carreira.

Rafael desmontou, ergueu pelos ombros o criado, quis acostá-lo à riba da estrada; mas o corpo inerte resvalava com a cabeça pendida, e os braços desarticulados. O colete e a camisa fumegavam ainda queimados pelas buchas

dos bacamartes. O morgado tirou as mãos ensanguentadas; e desistiu de esperar sinal de vida.

Voltou a Faiões a chamar criados com uma maca de carregar. Transportou-o a casa, e não deixou que fosse avisada a justiça. Amortalhou-o e depositou-o na capela do palacete. Foi sufragado com a decência das pessoas da sua família, e distintamente sepultado ao pé do jazigo dos Cogominhos Garções.

Quinze dias depois deste sucesso, Martinho Xavier enfermou gravemente, e proibiu que Beatriz fosse avisada. Sem embargo, chegou a Palmeira a nova da perigosa doença do fidalgo. Nicolau de Mesquita, sopesando o despeito, foi com a esposa e o filho a Chaves.

Era irrecusável o acesso ao quarto do enfermo. Sentou-se com transporte de ira o velho, quando viu a filha. Contemplou-a com os olhos arraiados, e acovados nas órbitas azuis. Apontou-a com o braço tremente e murmurou:

— O crime!... a lividez patibular do crime!... A maceração da consciência no rosto que foi tão belo!... Vai-te, amaldiçoada!... Olha que pesa sobre ti uma vida inocente, que eu fiz matar!

Nicolau, que se detivera consultando os médicos, acudiu aos brados roucos de Martinho, e viu sua mulher ajoelhada aos pés do leito, e lavada em lágrimas.

Assim que o entreviu no reposteiro, o velho carregou a frente, e bradou:

— Quem te chamou aqui, devasso? Vai para as vergonhosas delícias da mulher, que achaste mais digna quando era mais perdida. Vai cumprir a tua expiação, e não venhas ser testemunha da minha. Dei-te essa desgraçada, que aí está, cuidando que a guardarias no santuário de um amor digno. Não pudeste, porque vinhas do crime sórdido, havias de voltar ao mesmo abismo, e arrastá-la contigo! Vão-se ambos da minha presença, e... despedacem-se!

Nicolau estava corrido na presença das pessoas que o acompanharam ao quarto. Retrocedeu taciturno, perguntando aos médicos se seu sogro estava doido. Os médicos, suspeitosos da justa suposição do morgado, entraram ao quarto a examinar-lhe os olhos e os movimentos.

Martinho compreendeu-os, e disse placidamente:

— Eu não estou doido, meus amigos. Escusam de examinar-me. Se vêem lágrimas, são de desgraça, e não de demência. Peço-lhes o favor de me deixarem repousar... E, se aí está alguma senhora, queiram pedir-lhe que venha transportar daí essa criatura.

E apontou para Beatriz, que desfalecera.

Levada nos braços de duas damas, a filha de Martinho Xavier cobrou o alento, e expediu, com vibrantes gritos, repetidos golfos de sangue. O marido sentou-se ao lado do leito onde a depuseram, e encarou-a com feroz catadura. É que das palavras de Martinho se convencera que a filha fora acusar a ligação com Margarida Froment. Como os deixassem breve tempo sozinhos, o marido acurvou-se ao ouvido da esposa, e disse-lhe:

— Que esperavas lucrar tu com a denúncia, desgraçada?

— Qual denúncia, miserável? — perguntou ela, erguendo-se de salto.

— Fala baixo! e responde: que lucraste?..

— Sai dos meus olhos, que te detesto! — exclamou Beatriz voltando-se de repelão.

Replicou Nicolau com uma convulsão de riso sarcástico, e saiu da alcova. Entraram senhoras a rodearem o leito de Beatriz. Encararam nela com assombro, sem ousarem interrogá-la.

— Meu pai? — perguntou ela.

— Está sossegado.

— Morrerá?! — tornou Beatriz muito comovida.

— Talvez não: os doutores dizem que a moléstia é moral; mas a causa toda a gente a ignora. Sabe-se que saiu à noite; há quinze dias; voltou de madrugada; fechou-se no quarto; e adoeceu, como se vê.

Uma das melhores amigas de Beatriz inclinou-se-lhe ao ouvido, e, pedindo vénia às outras, perguntou-lhe:

— Tu sabes da morte do criado de teu primo Rafael?

— Não — respondeu Beatriz agitada.

— Pois mataram-no na mesma noite em que teu pai saiu; meus irmãos dizem que a doença do tio Martinho está ligada a este acontecimento.

A senhora concentrou-se, e não respondeu nem esclareceu a tal respeito coisa nenhuma.

Reinou de novo um silêncio de pêsames mortuários no quarto; porém, na saleta próxima, alguns cavalheiros conversavam com Nicolau.

Dizia um deles:

— Este ano tem sido fértil em casamentos. As melhores herdeiras foram empalmadas; mas o melhor dote, que veio para estes sítios, entre Chaves e Vila Real, foi o de Ricardo de Almeida. Cem contos em moeda!

Revelava outro:

— Cem contos de réis a cada filha, sendo três as que tem o tal ricaço de Mirandela, negreiro segundo dizem. Sabem vocês que uma das filhas vai casar... com quem imaginam?

— Isso é sabido — acudiu outro. — Casa com o Rafael Garção...

Um estridente grito de Beatriz agitou de encontro à porta do quarto os cavalheiros. Nicolau entrou com eles, e viu sua mulher debatendo-se freneticamente nos braços de duas senhoras. Erguia-se ela a prumo, contorcendo-se e inteiriçando-se em aflitivas ânsias. Depois, ao recair, quebrada de forças nos braços amparadores, bolsava sangue, e recurvava as unhas sobre o peito, como se quisesse arrancar um cautério do coração.

Uma só pessoa compreendia cabalmente aquela agonia.

Era o marido.

## **CAPÍTULO 22**

Chega uma hora, em que a mulher, esfacelada pelas cordas em que estrebucha, quando a mão inexorável do dever lhas estira e reaperta, sente em si a

desesperada ousadia de pregoar à face do próprio marido o seu amor maldito. Se o insulto à moral se não desprende então dos lábios febris da energúmena, é porque em todo o coração, congestionado de sangue peçonhento, como que se abre uma válvula por onde os pulmões ingerem um oxigênio purificante. Esta lufada de bom ar não tem que ver com os órgãos comuns das funções respiratórias. É fluido estranho à ciência de Bichat e Orfila: chama-se Esperança.

Foi a esperança que pôs mordaça aos delírios de Beatriz. A presença do marido, em cujo rosto revia o escárnio rancoroso, exagitava-a em ansiadas remetidas contra os braços que a sustinham. Numa intermitência de quebranto, a filha de Martinho Xavier tirou da luz do seu inferno um clarão de dúvida, e logo o deleite satânico da esperança. E sorriu, e atirou com aquele sorriso à cara de Nicolau de Mesquita.

Avisaram o velho do aflitivo estado de sua filha, pessoas inteiramente alheias ao complicado enredo do infortúnio de ambos. Martinho mandou dizer a Beatriz que viesse ao seu quarto. A senhora cobrou forças, e, descomposta de feições, abeirou-se à cama do pai.

— Já não é tempo de evitar o espetáculo da nossa desgraça, Beatriz? — perguntou ele.

— E, meu pai — disse ela. — Eu vou voluntariamente morrer num convento; mas deixem-me levar o meu filho.

— O convento que significa? Em que se reabilita a desonra, fechada num convento? Responde, Beatriz!

— Morre-se... — murmurou ela.

— Não morre... desespera-se, e redobram as forças que impelem ao crime. Não te chamei para te propor convento. O que eu quero é o segredo da tua queda. É preciso que mintas ao mundo. Vai com teu marido para Palmeira. Dilacerem-se a ocultas da gente, se não podem reciprocamente perdoar-se. A tua ignomínia é ainda ignorada. Teu marido sabe-a?

Beatriz fez um gesto negativo, baixando os olhos e escondendo o rosto.

— Nem desconfia? — tornou o pai.

— Não sei... — murmurou ela.

— Pois salva-me a mim! Emenda-te, desgraçada! deixa-me morrer, e depois... e depois expõe à sociedade o opróbrio de duas famílias, e o teu filho que receba a herança!

Beatriz ajoelhou, beijando sofregamente a mão do pai.

Nicolau de Mesquita entrou nesta conjunção, e disse tranquilamente:

— Estás melhor, primo Martinho?

— Creio que sim... Podeis ir para vossa casa, quando vos aprouver. Eu vou sair de Chaves para uma das minhas quintas, logo que possa.

— Observo que te impacienta a nossa... ou pelo menos a minha presença... — replicou Nicolau. — A prima Beatriz, se queres, fica, e eu irei.

— Vão ambos... Beatriz pertence-te.

No dia seguinte, saíram para o Vidago.

No trajeto de algumas léguas não trocaram palavra. Beatriz ia de liteira com o filho. O marido cavalgava, e adiantara-se a grande distância. Depois, na encruzilhada de duas estradas, avizinhou-se rente com a liteira, e disse:

— Eu vou à quinta de Valdês, e demoro-me lá alguns dias.

Apertou a mão da esposa, beijou o filho, e seguiu outra estrada.

Beatriz exultou.

Chegada a Palmeira, escreveu, e mandou o criado de confiança a Faiões com uma carta. Era a carta um grito de angústia, uma invocação à misericórdia de Rafael.

O criado foi de Faiões ao Vale de Aguiar. O morgado estava em casa de Ricardo. Aqui recebeu a carta, e respondeu que às onze horas da seguinte noite estaria em Palmeira. Beatriz, precavida pelas desconfianças do marido, mandou secretamente indagar se ele estava na quinta de Valdês. Soube que dali, onde descansara uma hora, se encaminhara de noite à Ribeira de Oura. Beatriz

exultou ainda. Margarida Froment abonava-lhe a segurança de uma longa entrevista.

O dia seguinte fora tumultuoso em duas aldeias próximas do Vidago, entre as quais estava situada a casa de Palmeira. Os malhadores de duas casas, enrixadas desde muito, haviam-se travado na véspera, ao encontrarem-se as respectivas estúrdias ou festas de cada malhada. As rebecas, violas, clarinetes e bombos, de parte a parte, ficaram pedaços no campo da sanguinolenta briga. Os dois mais valentes jogadores de pau tinham mordido a poeira, deslombados pelos formidáveis manguais, cuja pancada é mortal.

Os sinos das duas freguesias tangeram a rebate, e os moradores saíram armados a guardarem as raias do seu território.

O dia imediato era santificado, e, na capelinha do cume da serra, havia romagem. Esperava-se ali desordem, que se avantajou à expectativa.

As espingardas retroaram toda a tarde, na quebrada das duas serras sotopostas à chã da romaria. Alguns bravos tinham por lá expedido a alma entre as urzes dos matagais. Os vencedores perseguiram os vencidos até às raias da sua freguesia, e aí, desde o lusco-fusco, ficaram atalaias até alta noite.

Rafael saíra ao fim da tarde do dia anterior, caminho de Faiões. Amélia chorara ao despedir-se dele. Laura quisera demovê-lo da partida, sem perceber o intento. Ricardo pedira-lhe que escrevesse a Beatriz, contando-lhe a morte do seu criado, o diálogo com Martinho Xavier e a absoluta necessidade de acabarem ou espaçarem-se os seus perigosos encontros.

— Tudo lhe direi em viva voz — continuou Rafael Garção. — Não ir é fraqueza e desdouro, sobre ser crueza. Esta mulher, que assim escreve, é desgraçadíssima.

— Melhoras a situação dela? — replicou Ricardo.

— Convencê-la-ei a conformar-se. E aqui te dou a minha palavra de honra que amanhã terminam as nossas relações. Fala muito em mim a tua cunhada, que eu amo deveras.

Foi Rafael a casa no intuito de armar dois criados de provada coragem, e cingir ao pulso uma manilha de ouro com um retrato de Beatriz. Esta prenda lhe dera a prima em Lisboa. O retrato, copiado de outro, que Nicolau de Mesquita lhe

mandara tirar, era em marfim, admiravelmente perfeito. Na manilha, em cuja rosca interior estava cabelo de Beatriz, mandara Rafael abrir as iniciais de ambos, e gravar a data daquela noite de embriaguez de cabeça e coração. Jurara ele morrer com a manilha no braço; e, bem que violasse o juramento, depondo-a como incômoda, e reparável à cunhada de Ricardo, não quis aparecer a Beatriz sem ela.

Depois, com os seus dois valentes a pé, e ele cavalgando no seu garboso frisão, foram caminho de Palmeira por caminhos transversais.

Rafael ia triste. Nunca os prantos de sua mãe o compungiram assim! O pai descera ao pátio e dera-lhe um abraço, estando já Rafael com o pé no estribo. Os criados esperavam-no fora da aldeia, para não alvoroçarem os velhos.

Às dez horas e meia da noite, o morgado de Faiões apeou além-Tâmega, donde se enxergavam alvejantes chaminés e clarabóias da casa de Palmeira. Rafael esperou o sinal convencionado — uma luz na alta janela de um mirante acastelado. Às onze horas iluminou-se o mirante e ele aproximou-se, entregando o cavalo à guarda dos criados com ordem de voltarem na noite seguinte. Cingiu-se à fachada do edifício, donde costumava ver Beatriz numa janela para lhe indicar qual das portas estava aberta.

— Espera! — disse-lhe ela — que ainda não pude mandar abrir a porta. Andam fora dois criados, por causa das desordens da romaria.

Rafael tinha ouvido o tiroteio, de distância de meia légua, e entendeu a referência.

Beatriz continuou:

— Os criados estão ali para baixo com outros homens, e não podem tardar... A noite está linda... havemos de passear no jardim?

— Sim, filha.

— Amas-me ainda? Tens pena da tua desgraçada Beatriz?

— Amo-te, prima; não vejo, porém, motivo de compaixão.

— Se tu soubesses o que eu tenho sofrido... o que eu sofri em Chaves. Espera!

Ouviram grande falario.

— São eles que vêm aí — prosseguiu ela agitada. Olha, Rafael; esconde-te ali ao lado da casa... Está lá um aqueduto aberto; entra para dentro, e deixa-os passar. Logo que os dois criados, em que não tenho confiança, entrarem, vou eu mesma abrir-te a porta do jardim. Tem paciência...

— Sim, filha!... eu espero que eles passem, e aproveito a frescura do aqueduto — disse sorrindo Rafael; e, acostado à parede do jardim, foi indo até encontrar a boca da mina.

Os criados pararam ainda, conversando com os seus companheiros sobre a batalha da tarde. Dizia um deles:

— O que eu tenho pena é de levar esta bala para casa na clavina!

— Também eu!

— Por hoje não há mais que ver! — disse um terceiro. — Vamos embora.

— Querem vocês que nós demos a última descarga?

— Valeu! — clamaram todos.

— Aqui não — disse um dos criados de Beatriz -, que a fidalga toma medo. Vão descarregar os bacamarte saí para diante.

Despediram-se dos que ficaram uns quatro que seguiram, aperrando as armas, e polvorizando as pederneiras.

Quando chegaram a pouca distância da mina, em que Rafael se escondera, disse um:

— Se vocês querem ver o que é berrar uma clavina, vamos estoirá-las dentro da mina. Isso faz aí um trovão, que nem peça de artilharia.

— Está dito.

Rafael devera ouvir a proposta, se a este tempo não viesse do outro lado uma estropeada de dois cavalos, que perpassavam diante da mina.

Os cavaleiros, cirurgiões das cercanias, estiveram conversando com os homens armados, e contando que vinham de examinar os feridos e os mortos nos montados da romaria.

A este tempo já Beatriz estava à janela, maldizendo a paragem naquele sítio. Os cavaleiros seguiram o seu caminho, e os das clavinas disseram:

— Vá! é agora! os tiros todos a um tempo!

E desfecharam os quatro bacamartes contra a boca da mina.

Rafael Garção, como empurrado pelas duas balas que lhe entraram no peito, recuou alguns passos, e caiu, de borco, e os braços cruzados entre o peito e a terra.

Os lavradores, depois da descarga, levantaram grande grita e apupada. D'além, dos confins da freguesia, irrompeu medonha celeuma de brados, e estrondear de tiros.

Observou um dos homens:

— Querem vocês ver que os patifes entraram na freguesia? Carrega e avança, rapazes!...

E correram em direitura ao ponto da vozeria.

Beatriz esperou alguns minutos, dizendo entre si:

— Ele agora já podia sair da mina, que por aqui não está ninguém!

Esperou ainda alguns segundos... e disse à sua criada confidente, que estava com ela:

— Isto que será?! Ele não aparece!... Tu que pensas?...

— Eu não sei, fidalga! — respondeu a criada. — Terá medo de ser visto por alguém, que nós de aqui não enxerguemos, e o fidalgo veja lá de dentro da mina...

— Há de ser isso... mas olha... a noite está tão clara... e eu não vejo ninguém por ali!... Vamos nós até lá?

— Pois vamos. Senhora... Eu não tenho medo nenhum.

— Nem eu... Estará ele já no jardim?

Desceram de mansinho ao jardim, olharam os recantos sombrios, descerraram a porta, saíram ao caminho, e pararam à boca da mina.

— Rafael!... — chamou ela — primo Rafael!... Não fala! Onde está ele?... Ó meu filho!...

Ouviu um gemido no interior da mina.

— Ouviste? — perguntou Beatriz à criada, que tremia — ouviste um gemido?

— Ouvi, fidalga!... Santo Deus, misericórdia! Que será?!

— Rafael! Rafael!... — clamou a brados Beatriz, e entrou mina dentro, chamando sempre, até tropeçar e cair sobre um corpo inerte.

— Uma luz, uma luz! — exclamou ela. — Rafael! Tu estás morto?!...

— Morto!... — balbuciou ele. — Adeus!...

## **CAPÍTULO 23**

E remexeu-se, no vasquejar da suprema agonia.

— Uma luz!... — bradou ainda Beatriz.

A criada correra a casa, e saíra logo com uma vela.

Quando entrou na mina, viu sua ama prostrada sobre o cadáver, e a face ensanguentada, por havê-la roçado, ao cair, nas pedras esquinadas que saíam das paredes do aqueduto!

Saiu a criada à boca da mina, no desvariado intento de chamar quem levasse dali a fidalga.

Suspendeu-a a lembrança de fazer pública a desgraça de sua ama. Voltou com a vela, que lhe caiu das mãos convulsas, e se apagou. Aterrada e cega nas trevas, invocou a Santa Virgem, e pediu logo perdão da parte intermediária que lhe

fizeram tomar, desde Lisboa, nestes desventurados amores; tinha sido ama do menino esta criada, que se afeiçoara, como usam afeiçoar-se estas mulheres a suas senhoras. Não obstante, em conflito de tanta angústia, a sua ideia, quando se viu no escuro, foi fugir da terra, e mudar para outra onde a não conhecessem. Nesta perplexidade, ouviu gemer sua ama, e proferir expressões numa toada medonha.

Avizinhou-se às apalpadelas, e tirou por ela de sobre o cadáver; porém, os braços de Beatriz estavam como empedrenidos às ilhargas do morto. Chamou-a, agitou-a, sacudiu-lhe na face: baldaram-se vozes e esforços. Cresceu o terror da mulher: decidiu-se pela fuga, sem já dar tento, nem importar-se da crueldade e desamor do ato. Foi ao seu quarto, embolsou os valores que tinha; e, tirante esta última prova de bom senso, no mais parecia doida a correr por aquela estrada fora sem destino.

Por volta de uma hora da manhã, Beatriz despertou da letargia, e sacudiu os membros para espancar a visão horrenda, o sonho de se estar abraçada no cadáver do amante. A visão teimava em atirar-lhe ao seio o corpo glacial de um morto, e ela esfregava as pálpebras, e arrefecia as mãos na testa.

— Que horror de sonho!... — exclamava sufocada e, apalpando as costas de Rafael, continuava a dizer em sua alma: — Parece que o sinto debaixo das mãos!... Que horror, Virgem Santíssima!...

Bracejou, e deu com os braços nas paredes úmidas da mina. Então é que foi o suplício indescritível do completo despertar. Ergueu-se de salto. Vibrou um agudíssimo grito. Rojou-se ao longo do cadáver com frenética ternura. Beijou-lhe o perfil do rosto: levantou para si a cabeça como hirta; apertou-a convulsamente à face dela; correu-lhe a mão pelo seio, e ensopou-a em bolhões de sangue, ainda quente. Refugiu, levantou-se, bateu com a face nas asperezas da saibrada angulosa de seixos, gritou por luz, chamou a criada, e correu ao longo da mina de encontro ao clarão da abertura. Quando saiu de rosto ao ar livre, e se viu sozinha, e não soube compreender que profundezas de abismo eram aquelas; e que circo de chamas havia de abranger-lhe o espírito; e que infanda agonia se passava debaixo dos olhos do Senhor... a perdida, a torturada por tormentos, não sabidos de nome neste mundo, caiu, a poucos passos da mina, caiu como pregada em terra pela flecha de um raio.

Às três horas, rompia a manhã. Uns carreteiros, que passavam, ergueram aquela mulher, envolta num manto branco, ferretado de sangue.

Reconheceram a fidalga, e chamaram a grandes brados os servos da casa. Acudiram todos, e levaram em braços Beatriz.

No mesmo ponto, saiu um criado para Valdês, e outro para a Ribeira de Oura a chamar Nicolau de Mesquita. Estendeu-se uma rede de homens a procurarem não sabiam eles quem; viam a fidalga ensanguentada, e julgaram-na ferida. As criadas examinaram-na, e apenas lhe viram o rosto escalavrado. Vieram cirurgiões, e decidiram que os ferimentos visíveis, a não existirem outros, eram resultantes de uma queda com o rosto sobre a pedra.

O sangue das mãos entenderam que rebentara da face, quando ela se apalpou.

Beatriz abriu os olhos, na presença de muitas pessoas circumpostas ao leito. Despediu gritos consecutivos, sem intermissão de sossego. Rasgou as vestes interiores, e as faces de quem lhe retinha os braços. Cessou de gritar, e interrogava os espavoridos circunstantes, perguntando quem matara Rafael Garção. Os ouvintes encaravam-se e não respondiam. Embravecida pelo silêncio, a esposa de Nicolau de Mesquita atirava-se do leito fora, arrepelando-se, e lacerando as macerações e feridas do rosto com as unhas. Tingiu-se-lhe de um escarlate de fogo a cara e testa. Relumbravam-lhe os olhos. O arquejar do peito ressoava como em paroxismos. A congestão cerebral declarou-se. Socorreram-se das copiosas sangrias os facultativos; porém, no momento em que o intenso afogo do rosto parecia esfriar, Beatriz abriu os olhos, encontrou os do filho que chorava, sacudiu os braços com vibrações de metal eletrizado, e caiu a um lado sobre o seio do cirurgião, que a relancetava.

Nem um monossílabo! Nem o nome do filho! Nem o nome do amante!...

Morrera.

Ao anoitecer, chegou Nicolau de Mesquita. Já desde o alto da serra iminente a Palmeira ouvira o dobrar dos sinos. Tangiam as torres das irmandades de todas as freguesias próximas.

Apeou, correu ao quarto de sua mulher, e viu-a, na antecâmara, amortalhada, com Martinho Xavier à cabeceira do esquite.

— Que é isto?! — exclamou ele — expliquem-me esta horrenda desgraça!...

Martinho Xavier não respondeu. Nicolau instou pela resposta com gesticulação de furioso, relanceando os olhos ameaçadores a todos os lados.

Saiu às salas, cheias de gente. Ergueu um brado, pedindo a história da morte de sua mulher.

— Ninguém sabe responder — disse uma voz.

Acercaram-no os cirurgiões, e contaram o que sabiam; os criados depuseram lealmente o que tinham visto, e acrescentaram que a ama do menino desaparecera.

— Vão buscá-la! vão prendê-la! — rebramiu Nicolau.

Martinho Xavier acompanhou o cadáver da filha até ao jazigo da capela, depois de ter assistido aos responsórios. Saiu da capela; e, sem entrar a despedir-se do pai de seu neto, tomou a criancinha nos braços, e acelerou o trote do cavalo, caminho de Chaves.

Nicolau de Mesquita perguntou pelo filho. Responderam-lhe que o avô o levava ao colo, à saída da capela.

Saltou furioso dentre os cavalheiros que o rodeavam, e quis ir na pista do sogro. Retiveram-no, lembrando-lhe que ainda estava quente o cadáver de Beatriz.

No outro dia, por noite, chegaram à vista de Palmeira os criados de Rafael Garção com o cavalo, na forma das ordens de seu amo. Esperaram-no a noite inteira. De manhã, repentinamente, viram-se cercados de regedor e cabos que os interrogavam sobre o que faziam parados naquele sítio. Como gaguejassem, foram presos; e, timoratos entre ferros, declararam a que fins tinham vindo.

Nicolau de Mesquita ordenou que os trouxessem à sua presença. Aterrados pelo aparato, contaram tudo. O morgado supôs, um momento, que Rafael Garção fora o motor da morte de sua mulher, ou com suas próprias mãos a estrangulara, e fugira para Espanha. O boato correu assim, e a opinião pública deu-lhe peso. Os pais de Rafael, surpreendidos por esta nova, saíram caminho de Palmeira. Ricardo de Almeida apareceu ao mesmo tempo nos arredores de

Palmeira, e defendeu o seu amigo com a eloquência da verdade e da angústia, na presença de numeroso público, exclamando:

— O assassino de um, ou de ambos foi Nicolau de Mesquita!

Enganavam-se todos.

Os pais de Rafael Garção escutavam as diferentes vozes com um espasmo e silêncio, que fazia chorar. Não sabiam dizer ao que tinham vindo; procuravam o seu filho! Voltaram para casa. A mãe esperou dois meses. Apagada a esperança de tornar a vê-lo, foi procurá-lo noutros mundos. O velho, menos feliz que a esposa, ficou-se espantado a olhar contra o jazigo em que lha fecharam, e dali saiu idiota para a escuridade de uma câmara, onde agonizou dez anos.

Ricardo de Almeida, convicto de que seu primo Rafael tinha sido assassinado por ordem de Nicolau, não podia sofrer que a voz pública infamasse a memória do desgraçado, poupando o assassino. Como já não podia com o silêncio desinfamar a honra de Beatriz, foi a Chaves, e contou a Martinho Xavier os pormenores dos amores de Rafael com sua prima, e as intenções com que ele saíra de casa dele para Palmeira. O velho achou razoável a suposição do morgado do Pontido; mas a sua angústia já não tinha respiradouro. A indignidade da filha culpada e morta enleava-lhe os braços para a vingança. Com que direito iria ele vazar uma bala no peito do homem, que barbaramente se desultrajara!... Pediu ele a Ricardo de Almeida que se calasse para que o tempo levasse a lembrança da horrível tragédia na sua onda de sangue.

Cansaram-se os pregoeiros da desgraça. Ao fim de um mês os processos começados estagnaram-se, à míngua de indícios. Martinho Xavier, instado para restituir o neto, desapareceu com ele, e com boa parte dos seus cabedais. O menino tinha quatro anos, naquela época. Seu avô dizia que o queria roubar às reminiscências do opróbrio e da morte de sua mãe. Refugiara-se com o seu tesouro em Londres.

Nicolau de Mesquita foi para a Ribeira de Oura buscar as consolações de Margarida Froment. Enganara-se. O aspecto moral desta mulher figurou-se-lhe um demônio, que o escarnecia na sua ignomínia, a ignomínia de ser desonrado, como supunha dos boatos propalados pelo Almeida, no intuito de o condenar a ele como homicida de Rafael e Beatriz.

Era uma figuração meramente este reparo no escárnio de Margarida. A francesa ajeitou as feições à mágoa do seu amigo: interiormente é que ela se deleitava atrozmente, vendo-se no juízo do mundo e de Nicolau tão desonrada como a mulher puríssima, por amor de quem fora abandonada à generosidade do primeiro homem que quis acoitá-la da vergonha de pedir ela um amante em troca de um jantar e de um vestido.

Os exteriores da francesa eram, pois, uma quimera do morgado de Palmeira. O que lhe dava estas visões era a interna dilaceração, que todo o repouso e esperança lhe convertia em raiva e desalento. A publicidade da sua ignomínia, agravada com a hipótese de ter sido ele o assassino, afora o perdimento do filho, ao qual a Providência lhe suscitara no coração um amor incendiário, estas angústias, centuplicadas pela dolorosa travação de todas, fizeram da vida deste homem um espetáculo aborrecido às raras pessoas que o tratavam, e, mais que a todas, a Margarida Froment.

Assim que ela proferia uma palavra de banal consolação, Nicolau enfuriava-se, e dizia que o seu vilipêndio não transigia com os fatos consumados, com a desonra de muitos homens.

Margarida, injuriada assim na pessoa de seu marido, abria uma das válvulas do seu fel — o fel que o desprezo da sociedade emborca violentamente na consciência das mulheres desprezíveis — e rebatia-lhe as injúrias com aviltamentos. A repetição destes conflitos disparou na ameaça de rompimento por parte de Margarida.

O atormentado homem, irado pela ameaça, bramiu:

— Pois vai-te, mulher fatal! vai! que a tua expiação ainda não começou! Uma adúltera lá está na sepultura! Eu estou aqui nesta agonia, que tu vês!... Tu, maldita, ousas ainda espremer a peçonha nas minhas chagas, quando devias lavá-las com lágrimas! Tu, por amor de quem eu deixei que Beatriz fosse vítima da sedução! Tu, que interiormente exultas com o meu opróbrio, e com a queda de uma perda na tua voragem!... Pois vai-te, vai, maldita, e deixa-me morrer!

Margarida preparava os seus baús, para ausentar-se; e Nicolau lançava-se-lhe de joelhos aos pés, exclamando:

— Não me deixes nesta solidão! Bem vêes que todos fogem de mim! Não tenho ninguém! ninguém! até o filho me roubaram...

A francesa condoía-se; estendia-lhe compadecidas mãos; acolhia-o nos braços com fictícia ternura, e desprezava-o tanto quanto ele mais se envilecia.

As maviosidades momentâneas de Nicolau pareciam ridículas carícias de velho idiota; os exasperos, interpolados com as carícias, afeiavam-no horrivelmente.

Margarida pensou em fugir-lhe, receosa de algum acesso de fúria sanguinária.

Induziu-o a sair da quinta da Ribeira de Oura para Lisboa. Nicolau recebeu jovialmente o alvite; mas daí a nada, rompia em exclamações contra a mulher, que lhe aconselhava dar maior publicidade à sua desonra.

— Está mentecapto! — dizia entre si a francesa. O Diabo que o ature!...

Nicolau de Mesquita foi ao solar de Palmeira, passados dois meses, abrir as janelas e arejar o palacete que nunca mais se abria. Meditava em transferir para ali a francesa, desejo que ela manifestara por lhe haverem dito que a casa e bosques e jardins de Vidago eram magníficos.

Deteve-se a revolver as cômodas e baús de Beatriz, onde não encontrou papel suspeito. O mordomo fez-lhe saber que as caixas da ama ainda estavam fechadas no quarto, porque ninguém dava notícia da paragem que ela tinha.

Nicolau fez arrombar as caixas, e encontrou alguns macetes de cartas, e uma medalha de ouro com o retrato de Rafael Garção, e uma manilha com cabelo idêntica àquela com que o amante de Beatriz morrera.

O morgado leu as cartas, sem exceção daquela em que Rafael aludia galhofeiramente ao episódio burlesco da casa das primas Câmaras em Benfica.

Nicolau sentiu o feroz impulso de ir insultar o cadáver de Beatriz ao jazigo, como a Inquisição fazia aos monarcas. Tinha exemplo de boas fontes. Desistiu da lamentável inépcia, e fugiu como de si mesmo para a Ribeira de Oura. Quando chegou, não encontrou Margarida Froment.

Sobre um piano viu um papel fechado, com estas breves linhas:

“Já não podemos ser senão muito desgraçados um em presença do outro. A mulher fatal não quer fazer mais vítimas. Adeus.

Margarida, esposa de E. Froment.”

Nicolau, corridos três minutos de estupefação, exclamou:

— Pois há Deus que castigue assim!?

## **CAPÍTULO 24**

A interrogação do morgado não fez mais abalo no tribunal da Providência que os insultos de Julião e as provocações de Lutero ao Homem-Deus.

Confessou-se castigado, conheceu que expiava: a Providência que mais queria do verme? Deixou-o a revolver-se nos espinhos e voltou a face do gusano, que se pascia em sua própria podridão.

Desde aquela hora, Nicolau, olhando-se no baço espelho de sua consciência, viu-se hediondo; e aos vidros, em que poucos dias antes se gozava e narcisava nos seus frescos e garbosos quarenta e quatro anos, via-se agora encanecendo, da noite ao dia, com rapidez de condenado nas últimas setenta horas do oratório.

“Eu posso ainda levantar-me deste abatimento! dizia consigo ele. — Irei longe daqui, irei a França, a Itália, a toda a parte onde a riqueza inventa delícias, irei gozar, esquecer-me, viver!”

Este desafoço acalentava-lhe o exaspero breves instantes. Lá no recesso da sua alma havia uma elaboração de veneno, que se lhe coava na chaga, assim que o linimento da esperança começava a cicatrizá-la.

Duas vezes tivera as malas feitas para sair de Portugal: porém, à hora de partir, senhoreava-o a prostração de um enfermo no extremo período da caquexia, com desalento aniquilador, que o forçava a desistir, exclamando:

— Onde vou eu? Em que parte do mundo se acabam os limites do meu inferno?

E então comovia a lágrimas vê-lo chorar a ele com saudades do filho; mas nem a consolação amarga destes prantos lhe era concedida! Sobressaltava-o a dúvida

de ser ele o pai daquela criança. Calculava épocas, via atentamente a data gravada na manilha de ouro, que encontrara na caixa da ama: agora, inferia daquela data provas concludentes da legitimidade do filho de Beatriz; logo, convenciona-se da falível significância das letras gravadas, podendo elas meramente comemorar o dia em que fora dada a prenda. Execrava então o filho, enquanto a soledade e insulação de toda a convivência lha não mostrava como esteio único à vida.

Vagando de quinta em quinta, afinal deixou-se ficar em Palmeira, encerrado, em pouquíssimo da casa, estranho ao governo dela, inacessível a foreiros, a criados, a raros amigos que o procuravam. Um só homem conseguira entrar ao quarto de Nicolau de Mesquita; era o octogenário reitor, varão de preclaras virtudes, que adivinhara o essencial da angústia do fidalgo, que ele batizara e beijara nos braços de sua mãe, quando assistiu às estrondosas festas do batizado. Quantos esforços fez o santo homem para o tirar à luz e às distrações do campo todos se malograram. Chamava-lhe o pensamento a coisas de lavoura, obras começadas, melhoramentos que fazer, a reconstrução da torre de menagem meia arruinada.

Nicolau respondia:

— O meu túmulo está edificado há duzentos anos: não tenho outras obras que faça, padre reitor.

Ainda receoso de impacientá-lo, o ancião teimava em falar-lhe de obras.

Um dia, três meses depois da morte de Beatriz, dizia o clérigo:

— Quando vi abrir-se o aqueduto da água que vai dar ao jardim, e andarem lá trabalhadores, cuidei que Vossa Excelência resolvera, como seus pais haviam tencionado, formar um grande tanque no terreiro para beberem os cavalos. Esteve a mina aberta uns dias, e depois, logo depois que Sua Excelência a Senhora D. Beatriz, que Deus tem, faleceu, fechou-se o aqueduto.

— É que eu mandei suspender todas as obras – respondeu Nicolau -, e o feitor mandou logo empedrar a boca da mina.

— E porque não há de Vossa Excelência entreter as suas horas numa obra tão útil para a casa e para o povo?

— Que me importa o povo e casa? — replicou o fidalgo.

— O povo creio eu que importa a Vossa Excelência, meu bom fidalgo, porque pais e avós deste povo foram sempre como filhos dos ricos-homens da Palmeira do Vidago. O povo lucraria muito se Vossa Excelência lhe desse para as suas necessidades a água que superabunda nos hortos e quinta. Esta pobre gente, quando os calores secam as fontes, vai buscar, a grande custo e perda de tempo, a água à freguesia próxima. Aqui tem Vossa Excelência que está em sua mão, com pequeníssimo dispêndio, socorrer este povo, que tão alegre ficou, assim que eu lhes disse a intenção abençoada de Vossa Excelência. Parece que tem praga de inveja aquela obra! Seu excelentíssimo avô abriu a mina, o paizinho de Vossa Excelência continuou-a, o Senhor Morgado fez lavrar quinze braças; e, quando esta mina ia por pouco encontrar-se com o aqueduto, que desce da terra, vejo eu os jornaleiros a tapá-la de cantaria grossa!

Nicolau ergueu-se com semblante enfastiado, e o reitor calou-se, como sempre, assim que a expressão do tédio assomava no rosto do morgado como preparação para um grosseiro: “Queira deixar-me sozinho, padre reitor.”

Deste diálogo fica inteirado o leitor de que a mina ficou sendo a sepultura de Rafael Garção, e que o apodrecimento do cadáver não chegou a ser presentido pelo fétido das exalações.

## **CAPÍTULO 25**

O virtuoso reitor do Vidago, presenciando as lágrimas com que Nicolau falava de seu filho, e da impossibilidade de descobrir a paragem dele, foi a Chaves, e insuspeitamente averiguou de pessoas íntimas de Martinho Xavier, e inimigas do viúvo de Beatriz, que o menino estava em Londres com seu avô, esperando o tempo próprio de entrar em colégio. Este descobrimento arrancou o pai ao seu marasmo. Aquela única estrela, a espaços, lhe preluzia no futuro, na velhice que ele esperava receber da vontade divina como castigo. Animado pelo sacerdote, Nicolau foi a Londres, onde esperou inutilmente seis meses o aparecimento do filho ou do sogro. O imprevisto encontro de um amigo de Lisboa, ligado à diplomacia portuguesa, esperançou-o em descobrir a residência de Martinho Xavier, se ele existia em Londres. De feito, e facilmente se deparou às investigações policiais o velho fidalgo vivendo nos arrabaldes, com modesta

decência, e quase incomunicável. Nicolau, comovido de júbilo, que lhe amaciava as asperezas da índole, apresentou-se de súbito ao pai de Beatriz, no momento em que o velho passeava o menino sobre o chão arrelvado do jardim, ensinando-lhe o nome das flores e arbustos. Foi uma visita, que Martinho Xavier não prevenira, deixando abertas as portas gradeadas do jardim. Se Nicolau batesse à porta, não lha teriam aberto, sem prévias consultas e licença do velho, cioso Pigmalião daquele tesouro.

Nicolau correu arrebatado ao filho. A criança apavorada daquele homem de longas barbas brancas, aconchegou-se do seio do avô, que se acurvara a defendê-lo, sem ter ainda reconhecido o genro. O morgado, com os olhos marejados de lágrimas, parou a curta distância do grupo, e disse afetuosa e tristemente:

— Pois também tu me foges e desprezas, filho da minha alma?

O pai de Beatriz fez espanto da desfiguração do genro. O menino reconheceu-o pela voz, e oscilava entre o avô e o pai, dizendo com voz tremida e balbuciante fala:

— O meu papá não morreu? O avô disse que sim.

— Morri, meu filho, morri! — respondeu soluçante o desgraçado.

Martinho Xavier encheu-se de compaixão daquele homem, ferido pela mão divina. Baixou os olhos à criança, e disse-lhe:

— Abraça-o, Martinho, que é teu pai.

— E a mamã? — perguntou o menino, apertado nos braços do pai. — E a mamã também não morreu? Onde está ela?

O rubor da alegria e do alvoroço coou-se instantaneamente no rosto do pai, e um como pedaço de mortalha, amarelecida pelo tempo entre as tábuas sepultadas do caixão, lhe cobriu a parte do rosto que as barbas descobriam.

Martinho Xavier compreendeu a amargura daquele silêncio, e houve pejo de não poder levantar a voz em defesa de sua filha.

Nicolau, com o menino nos braços, avizinhou-se do sogro, e disse-lhe compungente, e com os olhos quebrados de suplicante amargura:

— Não sei porque me hás de odiar, primo Martinho! As minhas desventuras, se fossem sabidas, comoveriam toda a gente, e as minhas culpas seriam perdoadas. Que julgas tu de mim?

— Que és um desgraçado — respondeu serenamente o pai de Beatriz.

— Bem hajas! — voltou Nicolau. — Escuso perguntar-te se me julgas o assassino de Rafael Garção.

— Que me importaria isso?... — redarguiu Martinho. — Seria bem morto, se era infame!

— Atrozmente infame!... E quem me assevera que ele não vive?

Martinho Xavier encarou penetrantemente nos olhos de Nicolau, e disse:

— Quem matou, pois, Rafael? Morto está ele. Rafael tinha um só amigo; era Ricardo de Almeida. Tenho uma carta dele, cartas recebidas todos os paquetes. Ricardo nunca mais teve novas de Rafael... Quem o matou, pois?

— Não sei, pela vida de meu filho to juro, Martinho Xavier, se a minha palavra perdeu a tua confiança! Deus fulmine este anjo que é tudo que me resta, se eu compreendo que morte foi a de Beatriz e se tenho sombra de suspeita do destino que levou o vilão, que tantas vezes me apontaste como...

— Basta! — interrompeu o velho — está aqui uma criança, que Deus dotou com precoce entendimento. Há dois nomes que eu exijo que este menino esqueça. Vens buscar teu filho?

— Não, primo: venho pedir-te que voltes com ele e comigo a Portugal.

— Não; leva-o, e deixa-me morrer, onde mais não veja a sombra de minha filha.

— Ficarei contigo, Martinho Xavier, e com o meu filho — disse Nicolau. — Virei eu perturbar o teu sossego?

— Vens: mas eu aceito de boa vontade o que está determinado por Deus. Ficarás connosco. Assistirás à educação de Martinho; e, quando ele tiver a

sabedoria, que contrabalança as desventuras, e fortalece o ânimo para subjugar-las, então ireis para a Pátria, e eu estarei já morto e esquecido.

Nicolau de Mesquita aposentou-se na vivenda do sogro, sem intentar melhorá-la. Afora os contentamentos aspirados nos lábios da criança, o restante de sua vida era dor sem intermissão. Nenhuma variedade procurava às suas meditações, não podia sequer conversar com o primo em assuntos ligados ao nome de Beatriz. Se o pai, no secreto de alma, lhe havia perdoado, envergonhar-se-ia de confessá-lo. Como já não podia maldizê-la, também fugia de suscitar reminiscências dela.

Assim passaram, nesta angustiosa e contemplativa mudez, um ano.

Martinho, observando com dor o depercimento do genro, sugeriu a ideia de irem ver França. Nicolau aprovou-a indiferentemente. Como conhecia as miudezas de Paris e outras cidades, disse que a todas iriam, exceto Lião. Aqui devia viver o marido de Margarida Froment.

Foram, e ao terceiro dia de residência em Paris, Nicolau viu no Boulevard dos Italianos um homem conhecido, encostado à vidraça de um estabelecimento de modas; era o chanceler, que havia sido do Consulado francês no Porto. Daí a segundos, viu sair uma mulher de belo exterior, e dar o braço àquele homem: era Margarida Froment.

De maneira que o brioso amigo do marido da infame, como ele a catalogara, o campeão voluntário da honra de Ernesto degenerara tanto em pundonor de espíritos, que, aberta a conjunção próspera, tomou conta da mulher do seu amigo.

Margarida cravou os olhos em Nicolau e fez pé atrás de espantada. O morgado inclinara-se a ouvir uma pergunta do filho. Martinho Xavier fora estranho ao lanço.

Volvidos quinze dias, Nicolau, passando no bosque de Bolonha, viu um homem que guiava um faetonte, em que iam duas mulheres de imponente beleza, e brilhante vestidas, inclinadas para o elegante condutor dos fogosos cavalos. Reconheceu-o.

Ao pé dele estava uma roda de franceses, um dos quais, apontando o transeunte do faetonte, dizia aos outros:

— Aí vai Ernesto Froment espalhando os últimos dez mil francos da fábrica vendida.

Outro ajuntou:

— Em dez anos gastou duzentos mil francos.

Ainda um terceiro:

— Com seis magníficas mulheres. Diz ele que os últimos mil francos há de engoli-los como Gilbert engoliu a chave.

— A comparação é modesta! — observou um.

— Gilbert — acudiu outro — estremece de horror sabendo que foi parodiado por uma besta maior da marca.

Nicolau passou avante, e dizia entre si:

— Ernesto e Margarida não expiam, porque se não devem nada.

Vista a grande cidade, Martinho Xavier desejou a quietação da sua casinha suburbana de Londres. Nicolau seguiu-o automaticamente, discutindo em segredo a ordem das leis providenciais. A indução que vimos inferir da impunidade de Margarida, e do alegre viver de Ernesto, prova que o homem principiava a formar um sistema racional em matéria de expiações.

Tem escapado a muito filósofo e teólogo a grande verdade, que ele apanhou pela incoercível guedelha. É efetivamente verdade que uns certos maridos de umas certas mulheres nada expiam, porque não se devem nada.

A respeito destes e destas parece que a Providência diz em linguagem chã:

“Lá se entendem, e lá se avenham.”

Margarida, Nicolau e Rafael foram excetuados deste menosprezo da Providência.

Assim nas duas primeiras edições.

## **CAPÍTULO 26**

Numa casa de Vila Real de Trás-os-Montes, em Março de 1849, um sujeito lia à sua família a seguinte correspondência de Chaves publicada no jornal portuense O Nacional, daquele mês e ano:

*Sr. Redator*

*“Remeto ao seu jornal a singela narrativa de um estranho sucesso, que veio esclarecer os mistérios de uma tragédia de família, sobre a qual há quatro anos a opinião pública tem aventurado opiniões, aliás infamantes, algumas das quais desgraçadamente se verificam hoje.*

*Em Agosto de 1844, o morgado de Faiões, Rafael Garção Cogominho, rapaz de costumes não louváveis, mas igual a muitos que o mundo respeita, lisonjeia e admira, desapareceu a casa de seus pais, e nunca mais voltou.*

*Ao mesmo tempo... (muito me custa ter de descrever os nomes de pessoas que figuram ou figuraram neste drama; porém, sacrificando à verdade, e desejando que na minha narrativa ninguém veja um romance, sou forçado a não esconder nenhuma das luzes que alumiam este acontecimento tenebroso). Ao mesmo tempo, D. Beatriz de Sousa, mulher do morgado da Palmeira do Vidago, Nicolau de Mesquita, morria, segundo disseram os facultativos, de uma congestão cerebral, ou febre traumática, consecutiva a ferimentos na face.*

*No dia seguinte, os criados de Rafael Garção procuraram seu amo na quinta de Palmeira, para onde ele viera de noite e furtivamente. Os criados, interrogados pelo marido da senhora morta, confessaram a intenção que os levava ali, e foram despedidos.*

*A voz pública francamente disse que o morgado de Faiões morrera às mãos do marido de sua prima Beatriz, ou por ordem dele; e que a esposa, suspeita de deslealdade, se não perecera no mesmo ponto, sucumbira depois aos flagícios bem claramente denunciados nas contusões da face.*

*A ausência do morgado da Palmeira, na noite em que estes fatos se deram, confirmava as desconfianças sobre probabilidades da astúcia com que o senhor*

*da casa, praticado ou mandado praticar o crime, se fingia distante do local. Como quer que fosse, do cadáver de Rafael Garção nenhuns indícios alcançaram as pesquisas da justiça, e sobre o cadáver da Beatriz de Sousa nenhum exame se fez. O provável e quase evidenciado é que ambos estavam mortos.*

*Passados sete ou oito meses, o morgado da Palmeira foi para Londres, em demanda do filho, que o avô, nobilíssimo cavalheiro de Chaves, lhe rebatara. Decorridos dois anos, voltou para Portugal Nicolau de Mesquita, e o filho, a tomar conta dos grandes haveres do sogro, que faleceu em Londres.*

*No princípio do corrente ano, quando a memória da obscura tragédia estava delida no impersistente espírito do público, quis a Providência que o morgado da Palmeira, com a sua própria mão, fosse apontar o infalível testemunho do seu crime. É bem certo, segundo a frase da Escritura, que Deus enlouquece aqueles que quer perder!*

*Os operários, que por ordem de Mesquita desempedravam a porta de um aqueduto, que estivera aberto quatro anos antes, e se fechara dois dias depois da morte de Beatriz de Sousa, encontraram a quinze passos distantes da abertura da mina um esqueleto.*

*Os ossos não tinham já fibra de carne aderente, conforme ouvi aos facultativos examinadores. As cartilagens e ligamentos, conquanto aniculassem a ossada, principiavam a esfacelar-se, e muitos se desfibraram ao contato do ar. O esqueleto estava de bruços; e cingida à volta do rádio e cúbito, ossos correspondentes ao antebraço, tinha uma espécie de pulseira, chamada manilha, com um retrato pendente, perfeitamente conservado no marfim, encastado em oiro, com o rosto de esmalte, no reverso do qual se lê uma data, e as iniciais enlaçadas de Rafael Garção e Beatriz de Sousa.*

*Quando os jornaleiros descobriram o esqueleto, estava Nicolau de Mesquita em Chaves. Os mineiros fugiram espavoridos, e foram contar o sucedido ao regedor. Este mandou guardar por cabos de polícia o aqueduto, e oficiou à autoridade. O aviso chegou simultaneamente ao morgado, que partiu para Palmeira.*

*A autoridade, chegada ao mesmo tempo, consentiu que Nicolau de Mesquita penetrasse no aqueduto com uma lâmpada, visto que sem o exame dos peritos não se podia levantar o esqueleto, em conformidade com as ordens do morgado.*

*O regedor, que seguiu Nicolau de Mesquita, observou com grande assombro, um ato de extraordinária ferocidade; e foi que o morgado depois de examinar a manilha pendente do pulso do esqueleto, fez um gesto de raiva frenética; e, com um pé assentado em cheio no arcaboço das costelas, fez que debaixo ragessem e estalassem os ossos do peito e costas. O regedor conteve-o de espalhar a ossada a pontapés, com risco de ser espancado pelo furioso dentro da mina.*

*As autoridades, depois do exame, tomaram conta da ossada, para continuação de averiguações.*

*Sr. Redator, como se vê, o indício de um assassinio está manifesto a todas as luzes; mas o indigitado homicida, porque é fidalgo e opulento, está no libérrimo gozo dos seus direitos civis. Se fosse um pobre, já estava preso, e teria sido interrogado em casa de Anás, e Caifás, e Pilatos.*

*Alguém saiu já em defesa de Nicolau de Mesquita, alegando que ele, se fosse o assassino, de modo nenhum mandaria bulir no aqueduto. Esta razão tem uma face aceitável, e outra incumbe à justiça mostrá-la. Enquanto a mim e à maioria dos pareceres, o matador de Rafael Garção, cujos ossos são indubitavelmente aqueles, foi Nicolau de Mesquita, vigésimo segundo senhor da Torre e morgado da Palmeira de Vidago.*

*Conte com a notícia circunstanciada deste processo, e com a verdade incorruptível, do seu constante leitor,*

*Epaminondas Tebano.*

— O que aí está é tudo mentira! — exclamou uma voz dentre as pessoas, que escutaram a leitura da correspondência.

Confluíram todas as vistas para a pessoa que bradara, e viram a criada da casa, Maria Joana, que deixara cair o fuso, e com a mão levantada repetia:

— Juro pela salvação da minha alma, que o Senhor morgado de Palmeira não matou o Senhor Rafael.

— Como sabes tu isso?! — perguntou o patrão.

— Sei-o, porque era criada da Senhora D. Beatriz; fui eu quem criou o menino de que aí se fala na gazeta. Assisti ao último arranco do Senhor Rafael. E, se até agora me calei, é porque não soube que o meu amo pagava inocente.

— Conta o que sabes, Maria, e prepara-te para ir esclarecer a justiça — voltou o patrão.

A antiga confidente de Beatriz relatou as desgraças de sua ama e do assassinado amante dela.

No dia seguinte, partiu para Chaves, com recomendações do cavalheiro de Vila Real, e foi levada à presença da autoridade, diante de quem e de testemunhas, expôs o modo como Rafael Garção fora encontrado, e a suposição de que ele fora morto por uns homens que dispararam as armas para dentro da mina. Era preciso ouvir o depoimento dos homens. Maria Joana indicou dois criados de Palmeira para dizerem quem eram eles, por terem estado, poucos momentos antes, conversando juntos. Os criados ainda o eram de Nicolau de Mesquita. Foram citados a comparecerem na polícia; e, interrogados, lembraram-se dos nomes dos quatro valentões da sanguinária romaria. Os indicados depuseram conformemente ao depoimento da criadora de Martinho, e as suspeitas declinaram de sobre a cabeça de Nicolau de Mesquita.

O Cavalheiro de Vila Real, volvidas duas semanas, leu uma segunda correspondência do Epaminondas, antípoda involuntário do Epaminondas de Tebas, na qual as suas conjecturas eram retificadas, com grande mágoa de as haver estampado no primeiro afogo da sua indignação. A indignação dos correspondentes de província é coisa de grão pavor quase sempre!

A correspondência rematava assim:

“Os ossos de Rafael Garção foram religiosa e pomposamente conduzidos de Chaves para Faiões, e depostos no jazigo de seus avós. O pai de Rafael, que ainda vive doido, na escuridade do seu quarto, onde apenas recebe à força quem lhe ministra o sustento de tão horrível viver, morrerá sem saber que os ossos do seu filho único repousam na mesma sepultura da mãe, que morreu saudosa dele. A criada Maria Joana salvou o morgado de Palmeira de um injusto ferrete; não obstante, o marido de Beatriz, com justa ou injusta razão (não ouse decidir-me), não consente esta mulher diante dos seus olhos. Consta-me que

Ihe mandara entregar as suas caixas, que ainda estavam em Palmeira, e uma esmola valiosa por mão do menino que se criou aos peitos dela.

Finalmente, Senhor Redator, em vista do desenlace desta infanda história, devemos olhar ao Céu, e baixar os olhos confundidos, diante da misteriosa justiça da divina Providência! Rafael Garção morreu. Beatriz viu-o agonizar. Ambos expiraram no prazo de vinte e quatro horas. Nicolau de Mesquita geme há quatro anos sob o peso de uma cruz de ferro. Estas angústias pode ser que correspondam a antigos crimes. Em suma, ninguém se transvie do caminho da virtude, que o do crime está ladeado de infernais abismos.

Epaminondas.

## **CAPÍTULO 27**

Nicolau de Mesquita, em 1850, voltou para Inglaterra com seu filho, a residir no cottage de seu sogro. O menino, aos sete anos, entrou em colégio, e passava os dias feriados com seu pai.

Numa estação de férias, o morgado saiu com o filho a passar uns dias em Paris, em companhia de uma família inglesa, proprietária da residência em que falecera Martinho Xavier, e a quem Nicolau devia o obsequioso cuidado de atender nas necessidades do filho sem mãe e sem carinhos de mulher, aos quais se aquece o coração das crianças, e as virtudes fermentam nele. O aspecto macilento e sempre sombrio do português acareara a discreta piedade da família inglesa.

Adivinhavam nele um desmarcado infeliz, talvez um delinquente; mas, remorso ou pena imerecida, o que ele inspirava nas almas contemplativas era compaixão.

Estavam, pois, em Paris, no ano de 1852, quando Nicolau, ao sair da igreja de Notre-Dame, onde fora ouvir pregar Lacordaire, ouviu entre a multidão uma voz mui próxima do ouvido, que lhe dizia:

— Nicolau de Mesquita.

Olhou de golpe, e viu Margarida Froment. Estremeceu. Aquela mulher devia ter quarenta anos; a decadência era justificada; mas a velhice, quase repelente, não.

— Custa-me a reconhecê-la, Madame! — disse Nicolau com os olhos afogados em lágrimas.

A francesa deteve-se entalada pela angústia da humilhação, e disse:

— Não venho pedir-lhe nada: quis que me visse. Reduziu-me a isto, Senhor Mesquita.

— Eu!... Santo Deus! — atalhou Nicolau, enxugando as lágrimas.

— Aqui tem a Margarida Froment de 1834 — prosseguiu ela. — Casualmente nos achamos à porta do templo em que ambos saltamos da carruagem de meu mando para visitarmos as antiguidades desta igreja. Recorde-se da mulher de então: sou eu. É esta Margarida que empenhou ontem o seu melhor vestido para ter hoje um almoço. Já lhe disse que não venho pedir nada; quero que me veja.

— Mas a Senhora atribula-me horivelmente! — exclamou Nicolau entalado de gemidos. — Não foi Margarida quem abandonou a casa de que era senhora? Expulsei-a eu?

— Não lhe respondo, Senhor Mesquita. Olhe de cima do despenhadeiro onde me pôs, e pergunte à Providência porque estou aqui, porque sou isto que vê!

— Pois que hei de eu fazer-lhe agora, Senhora! Que quer de mim? Eu sou muito desgraçado; mas sou rico ainda. Quer recursos para viver decentemente? Diga sem repugnância.

— Não, Senhor; nada lhe pedi: quero que me veja!

— Mas, infeliz, que vida foi a sua que...?

— A minha vida é isto! — interrompeu Margarida com veemência. — Perguntei-lhe eu que vida era a sua? Leio-lha no rosto. A minha história aqui está também escrita na cara da Margarida Froment de 1834. Eu tinha então vinte anos, vinte mil libras para gastar cada ano, e o respeito do mundo, o amor de meu marido,

que reduzi à libertinagem extrema para me esquecer, e à derradeira indignação para com o tinido do oiro ensurdecer-se ao grito da infâmia, que lhe deixei perpetuamente nos ouvidos. Pode ser que Ernesto Froment ainda lhe peça uma esmola, Senhor Mesquita. Dê-lha, que o desgraçado não saberá quem lhe dá. Dê-lhe a ele a esmola que eu rejeito, porque o hospital reserva-me duas tábuas, e a pedra da mesa anatômica um funeral condigno.

Nicolau soluçava. Margarida bateu-lhe no ombro, e exclamou surdamente:

— Viu-me? Agora... adeus!

E sumiu-se entre a multidão.

Como descera até ali Margarida Froment?

Uma palavra o diz: envelhecera.

Os últimos quatro anos da sua vida tinham sido o vasquejar, os relâmpagos da luz que vai apagar-se. Os amantes não quiseram assistir às trevas. Viram-lhe a primeira ruga na fronte, o amortiçar-se o raio coruscante dos olhos, o artifício da pele, o lustroso sobrenatural das madeixas.

Fugiram-lhe, e ela, orgulhosa sempre, não solicitava piedade.

Desenganou-se, despida dos artifícios. O espelho foi-lhe a garganta do abismo. Viu-se, e despenhou-se à extrema devassidão, cuidando que morria assim mais depressa.

Ernesto encontrou-a no pórtico do Mont-de-Piété. Ela saía de empenhar o xale, ele entrava a empenhar o casaco. Não se reconheceram. O empregado na recepção de penhores, ao escrever o apelido de Ernesto, disse-lhe:

— Saiu neste instante uma Froment. É sua parenta Margarida Froment?

— Saiu agora?

— Agora mesmo.

— Desgraçada?

— Aqui não vem ninguém feliz.

— Que sinais tem?

— Uma cara de fome, e um mantelete de cor duvidosa. Empenhou um xale por quatro francos.

Ernesto desceu rapidamente. Era difícil encontrá-la. Fitou em rosto as mulheres todas que denunciavam fome, e trajavam manteletes de cor duvidosa. Não viu Margarida em nenhum, e pusera os olhos nela, a última que vira comprar um pão.

Margarida reparou no homem que a fitava. A desfiguração de Ernesto era menos sensível. Conheceu-o, e disse-lhe:

— Queres metade deste pão, Ernesto?

— Quem és tu?! — perguntou ele.

— Uma condenada por Deus, que te pede a morte.

— És Margarida? — perguntou Ernesto serenamente.

— Sou.

— Não te matei, quando era honra matar-te. Agora, vive, e segue o teu caminho. Deus há de cumular sobre ti a pena do teu crime, e a pena igual aos tormentos que sofro, sem ter sido culpado. Vai teu caminho.

Vivia ainda em Lião a mãe de Margarida. Pela terceira vez a desamparada se lhe foi lançar aos pés. Foi repulsada sempre pelas criadas de sua mãe.

Tinha um irmão rico nas Antilhas. Pediu-lhe três vezes perdão do seu infortúnio, e uma esmola. A segunda e terceira carta não foram abertas.

O francês morreu solteiro e rico, no momento de retirar-se a França.

A mãe de Margarida herdou muitos milhares de francos. Os jornais contaram o sucesso. Margarida foi quarta vez ajoelhar-se à porta do quarto de sua mãe.

— Não tenho filha — respondeu a descaroadada. Não cuides que terás quinhão na riqueza de meu filho. Eu gastarei o que tenho em obras piedosas.

E, quando cismava em dar brado com as suas obras piedosas, morreu num como deliramento de amor da humanidade.

Margarida Froment recolheu quatrocentos mil francos. Mandou procurar o marido a Paris. Encontraram-no secretário de uma companhia de cavalinhos, a franco por dia.

Ernesto recebeu letras de duzentos mil francos, e estas breves linhas:

“Dava-te metade do meu pão: hoje dou-te metade da minha fortuna, e a outra, se a quiseres.”

Ernesto aceitou a sua quota-parte, e desistiu da outra, muito em conformidade com a lei, dispensando-se até se administrar a massa do casal, o que em boa jurisprudência lhe era permitido.

Margarida, se fosse solteira, podia escolher bons casamentos. Dizia-se em Lião que ela era os melhores quarenta anos e as mais belas ruínas que ainda tinham visto os olhos dos seus pretenses, ofuscados pela prefulgência de duzentos mil francos.

Ernesto foi para Londres. Meteu nos bancos o seu capital, e deu-se a uma vida de confortos modestos, e reparação da saúde. Tonizado pela regularidade e sadia alimentação inglesa, achou que a inércia lhe pesava. Como tivera fábrica de estofos, entrou em negócio de algodões, não para a numerar aos seus cabedais, mas para entreter-se.

A família inglesa, relacionada com Nicolau de Mesquita, possuía fábrica em Manchester, e comprava algodões aos importadores. Ernesto Froment negociava com os Smiths, necessariamente haviam de ser Smiths, ou Johns.

Uma vez estava Ernesto no escritório dos Smiths, ou Johns, e entrou um homem de barbas intonsas e alvíssimas, com um menino pela mão. O fabricante inglês chamou-lhe: “Master Nicolau de Mesquita.”

Ernesto, como se lhe desse com uma bala na face esquerda, voltou a cabeça à direita, e perguntou em inglês:

— É de Portugal este a knight (cavalheiro)?

— Sim, das vizinhanças do éden do vinho – respondeu o industrial.

Mediu-o de alto a baixo.

Nicolau estremeceu involuntariamente, e perguntou:

— É inglês, o Senhor?

Ernesto não respondeu. O britânico é que disse:

— É francês. E eu lhe apresento Mr. Ernesto Froment, honrado mercador de algodões.

Nenhum dos apresentadores se moveu. O inglês espantou-se, e disse entre si: “Inelegancy! improper!...”

Ernesto Froment saiu, sem inclinar a vista a Nicolau.

Smith ou John perguntou ao português a significação daquela frieza.

Mesquita respondeu com um sorriso, e uma lividez de torção espavorida.

Subiu com o filho aos aposentos das ladys, e, convulso de lágrimas, pediu que lhe não desamparassem o filho, se ele morresse.

Alvorotaram-se as senhoras, e a um tempo interrogaram a terrível presunção de morte breve. Nicolau gelava com a sua taciturnidade. Cuidaram as damas que o secreto desgosto da existência deste homem lhe transtornava o espírito. Relataram ao honrado velho as lágrimas e rogos do português.

O comerciante foi procurar Ernesto Froment, e pediu-lhe encarecidamente o mistério da sua vida com a de Nicolau de Mesquita.

O francês fingiu estranhar a desconchavada pergunta; porém, instado pelo comovido inglês, contou a sua vida, desde a infamíssima perfídia de Nicolau, seu comensal durante a emigração, até à escadeira de opróbrios a que descera, despedaçando o trabalho de seus pais, para esquecer a afronta.

O inglês chorava, e odiava Nicolau de Mesquita.

— Qual é agora o seu intento a respeito do português? — perguntou o velho.

— Matá-lo!

— Oh!... — exclamou Smith ou John.

— Matá-lo inevitavelmente! — repetiu Ernesto.

— Oh..

Passada uma breve pausa, o inglês saiu, dizendo-lhe:

— Espere-me duas horas que eu venho.

Antes das duas horas, entrou o inglês no escritório de Ernesto Froment, com um menino de dez anos pela mão, e disse enternecido a prantos:

— Este menino é filho de Nicolau de Mesquita, e vem aqui de joelhos pedir a vida de seu pai.

Martinho ajoelhou. Ernesto levantou a criança, estendeu a mão ao fabricante, e disse em voz trêmula:

— As nossas negociações estão fechadas.

— Oh!... porquê?

— Porque me retiro amanhã de Inglaterra.

Assim foi. Ernesto saiu para Itália.

O inglês, porém, procurou Nicolau, entregou-lhe o menino, e disse-lhe:

— A sua vida não corre perigo, Senhor Nicolau; tenho, porém, a observar-lhe que não posso ser seu amigo, nem a minha casa pode recebê-lo.

Fez uma breve cortesia, e saiu.

## **CONCLUSÃO**

Nicolau de Mesquita, cortado de desgostos, e inclinado à sepultura com desejo de fechar-se nela, saiu de Londres com o filho. A desgraça não lhe dava tréguas.

Trouxe de Paris mestres para Martinho, hábeis nas ciências, e prendas de educação esmerada.

Voltou à torre solarenga, e chamou a si duas velhas senhoras, parentas de Martinho Xavier, para lhe regerem a casa e especialmente velarem o bem-estar do filho.

Passou dois anos por tal maneira abatido de espírito, que deu consigo, quase aniquilado de raciocínio, nos extremos preconceitos da religião desfigurada por visualidades. Acercou-se de missionários de todo cegos à luz do Espírito Santo, enquanto ao teor de aligeirar o peso de certas amarguras. Dos missionários resvalou às superstições lastimáveis no homem que tivera inteligência clara, e ciência prática. Prestava ouvidos e coração a coisas de agoiro, e sortilégios. De enlevos na contemplação do supremo Senhor do Céu e Terra, descia a pactuar com uma boçal velhinha, santa famigerada, o quebramento do seu fadário. Esta escuridade prenunciava as trevas do sepulcro.

A piedade não o orrava aos ímpetos de um ódio à sombra de Beatriz. Nunca mais entrou à capela onde esperavam o último juízo as cinzas da infeliz. Os missionários não souberam extirpar-lhe da alma o cancro do rancor: davam-lhe amuletos, e orações prófugas do espírito imundo.

Mandara erigir um santuário na recâmara do seu quarto, e aí se exercitava em solilóquios mentais, entoando com fervorosos assomos de iluminado as amorosas apóstrofes ao divino dos padres Chagas e Bernardes. Se não tivesse descansado no Senhor aquele santo pároco, o penitente iria pela mão do velho à estrada reta da divina misericórdia.

Uma tarde, Nicolau de Mesquita, após a sobre-excitação febril de algumas horas, chamou criados com alavancas, e desceu à capela, onde não havia entrado desde a morte de sua mulher.

Mandou levantar a pedra do jazigo, e extrair a ossada que estivesse mais à flor da sepultura. Os criados, suando de pavor, curvaram-se a remexer os ossos; mas superstição, ou abalo sobrenatural, não ousou nenhum tocar-lhes; e, um após outro, fugiram da capela, ao verem desfigurarem-se medonhamente as feições do fidalgo.

Nicolau travou da alavanca, e tentou metê-la às juntas argamassadas do jazigo da esquerda, onde estavam as solitárias cinzas da única adúltera daquela família. Neste esforço e relutância com as dificuldades de abalar a pedra, extenuou-se, perdeu o alento, e caiu de rosto contra o degrau do altar, exclamando vozes ininteligíveis.

As velhas senhoras, o filho, os mestres e os criados acudiram à capela, e tomaram-no em braços. Nicolau revolveu a língua na abóbada palatina, e tirava uns sons roucos, arrepiadores, como gritos de ave noturna.

Chamaram médicos e sacerdotes. A medicina capitulou de paralisia o incurável ataque. Os padres ungiram-no, que a língua não podia acusar as angústias da alma.

Numa luta de espasmos e ânsias se despreendeu, ao fim de vinte e quatro horas, o atormentado espírito de Nicolau de Mesquita.

Ao cair a pedra sepulcral sobre o cadáver, justaposto aos ossos de Beatriz de Sousa, a piedade impõe-nos silêncio. Vimos o que é a justiça de Deus na terra; noutros mundos é-nos defeso devassá-la.

Martinho de Mesquita foi tutelado de Ricardo de Almeida, um de seus mais próximos parentes, por parte de sua mãe. É hoje mando da morgada do Pontido, filha de Ricardo e Laura.

Ainda vivem os ditosos que o morgado de Faiões invejara nos seus últimos dias de vida. Naquela casa há um só incentivo a lágrimas: é a memória de Rafael Garção.

Dizem-nos que o filho de Beatriz, desde que ouviu a história de sua mãe, tem dias de atribulado recolhimento. Possui o retrato dela, pendente da manilha, tirada do esqueleto de Rafael, e conservado na casa de Pontido. Uma vez sua mulher surpreendeu-o absorvido na contemplação de retrato. Pôs-lhe a mão na espádua, e ele, voltando a bela imagem de sua mãe aos olhos da esposa, disse, banhado em lágrimas:

— Como não havia de perdê-la o mundo, se ela era tão formosa!